

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



DISSERTAÇÃO

***A Promoção da Leitura na Biblioteca Escolar do 1º CEB:
10 anos do programa RBE no concelho de Vila Franca de Xira***

Sandra Maria Simões Rebelo Amaral Marques

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Área de Especialização em Educação e Leitura

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



DISSERTAÇÃO

***A Promoção da Leitura na Biblioteca Escolar do 1º CEB:
10 anos do programa RBE no concelho de Vila Franca de Xira***

Sandra Maria Simões Rebelo Amaral Marques

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Área de Especialização em Educação e Leitura

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Fernando Martinho

2009

*Ao Gonçalo e à Matilde,
com muito carinho*

O Sonho

Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e do que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?

- Partimos. Vamos. Somos.

Sebastião da Gama

in Serra Mãe

AGRADECIMENTOS

Para chegar a esta página muitos foram aqueles que me ajudaram a alcançar todas as outras.

Ao Professor Doutor Fernando Martinho devo a disponibilidade para orientar a construção desta dissertação. Os seus ensinamentos foram imprescindíveis para a concretização da minha investigação.

Ao Professor Doutor Justino de Magalhães agradeço a sabedoria, incentivo e estímulo intelectual, tal como a prontidão com que sempre me acolheu.

Ao professor Doutor Jorge do Ó pelo processo de reflexão a que me conduziu no desenvolvimento dos seus seminários.

Aos António Torrado, Carlos Paulo e José Fanha pela transmissão de ideias e práticas que valorizo e que serviram de inspiração a este projecto.

Às Dr.^a Maria José Vitorino e Dr.^a Ana Melo, pelos muitos conselhos, ensinamentos e saberes que sempre me foram dando no campo específico desta dissertação e por todo o trabalho por elas desenvolvido no Concelho de Vila Franca de Xira na implementação das Bibliotecas Escolares. Não esquecerei o modo solidário como me acompanharam, facultando-me dados relevantes.

Ao SABE de Vila Franca, em especial aos Dr. Vítor Figueiredo e Dr.^a Conceição Matos, pelo acesso a documentação referente às BECRE em estudo e ao esclarecimento de dúvidas.

Ao gabinete RBE, na pessoa da Dr.^a Marília Afonso, ao aceder colaborar comigo, facilitando-me o acesso a toda a documentação entregue pelas escolas em estudo até 2007.

Às Bibliotecas Municipais da Divisão de Bibliotecas de Vila Franca de Xira, ao CRAE e à Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, sem estes serviços não teria conseguido alcançar tão vasta bibliografia.

À Cooperativa Alves Redol, em especial a António Mota Redol, pela disponibilidade em partilhar documentação e informação importantes ao estudo da tradição cultural deste concelho.

A todas as colegas das escolas envolvidas na investigação, que comigo colaboraram, prestando todas as informações e esclarecimentos necessários à realização do mesmo.

Ao Departamento de Educação, Juventude e Desporto de município de Vila Franca por tornarem possível o acesso a documentação solicitada para esta investigação.

Aos colegas deste mestrado pela partilha, cumplicidade e amizade desenvolvidas ao longo destes últimos anos.

Para terminar: à minha família. Ao meu marido a paciência e o ânimo que me transmitiu, até quando nem tudo parecia fácil. Aos meus filhos por toda a compreensão e carinho, pelo sorriso, mesmo depois de todo o tempo a eles retirado. Aos meus pais pelo apoio incansável aos meus filhos. Irei compensar-vos.

RESUMO

Desde a apresentação do programa da Rede de Bibliotecas Escolares, em 1996, a Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos sofreu um processo de maturação, marcando a sua posição na escola como serviço necessário ao apoio às práticas pedagógicas de todos os professores.

Nas Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico a Biblioteca Escolar começou por ser tida em conta como um serviço que dava primazia à promoção da leitura, na tentativa de formar pequenos, mas entusiastas leitores.

A revisão da bibliografia levada a cabo no presente estudo começou por abordar as bibliotecas escolares em Portugal numa perspectiva histórica, centrando-se depois na teorização acerca do papel das mesmas e do professor bibliotecário num quadro de promoção de leitura, sob o olhar atento do professor bibliotecário.

A investigação empírica incidiu sobre a verificação da forma como um universo de 12 escolas, todas elas pertencentes à Rede de Bibliotecas Escolares, integrou a biblioteca escolar e a sua acção num quadro de promoção da leitura, quais as estratégias e actividades adoptadas, quais as preferências literárias resultantes de 10 anos da aplicação do programa RBE nestas escolas.

Antes desta verificação foi também feito um estudo das tradições culturais do concelho de Vila Franca de Xira, que permitiram vir este a tornar-se um dos primeiros a integrar o programa referido anteriormente.

Da recolha e tratamento de dados emergiram indícios de que houve, efectivamente, um grande esforço dos professores bibliotecários e suas equipas em promover a leitura junto das crianças e dos seus professores, pautado por algumas contrariedades, como é o caso da falta de recursos humanos, mas também por sucessos como é o caso da avaliação feita pelos seus utilizadores e uma aproximação crescente do professor de turma ao professor bibliotecário.

O resultado desse esforço conduz-nos a uma preferência por literatura infantil e autores de qualidade, assim como a boas práticas que merecem ser divulgadas e aplicadas.

Palavras-chave

Bibliotecas Escolares; Professores-bibliotecários; Promoção da Leitura; Rede de Bibliotecas Escolares; Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico; Partilha

ABSTRACT

Since the presentation of the School Libraries Network (RBE) in 1996, the School Library / Educational Resources Centre underwent a process of maturation, strengthening its position in the school as a necessary service to support the teaching practices of all teachers.

In the Schools of the 1st Cycle of Basic Education, School Library was initially taken into account as a service that gave primacy to the promotion of reading, in order to form small, but enthusiastic readers.

A review of the literature undertaken in this study was to approach the school libraries in Portugal in a historical perspective, focusing then on the theorizing of their role and the teacher librarian in a framework of promotion of reading, under the watchful eye of teacher librarian.

Empirical research focused on the verification of how a universe of 12 schools, all belonging to the RBE, joined the school library and its action within a framework of promoting reading, what strategies and activities undertaken, what literary preferences resulting from 10 years of implementation of the RBE in these schools.

Prior to this check was also made a study of the cultural traditions of the municipality of Vila Franca de Xira, which allowed you see this becoming one of the first part of the program noted above.

The collection and processing of evidence emerged that there was indeed a great effort from teachers and librarians in their teams to promote reading among children and their teachers, marked by some setbacks, such as the lack of human resources, but also successes such as the assessment made by its users and a growing approximation of class teacher to teacher librarian.

The result of this effort leads to a preference for children's literature and authors as well as good practices that deserve to be disseminated and applied.

Keywords

School Libraries; Teacher-librarians; Promotion of Reading; School Libraries Network (RBE); Schools of the 1st cycle of basic education; Sharing

SIGLAS E DESIGNAÇÕES

AAE – Auxiliar de Acção Educativa

ABEI – Associação para o Bem Estar Infantil de Vila Franca de Xira

AE – Agrupamento de Escolas

BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

BE – Biblioteca Escolar

BECRE – Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos

BM – Biblioteca Municipal

CEB – Ciclo do Ensino Básico

CRAE – Centro de Recursos de Animação e Educação

DRE – Direcção Regional de Educação

DREL – Direcção Regional de Educação de Lisboa

EB – Escola Básica

EB1 – Escola Básica do 1º Ciclo do Ensino Básico

EB23 – Escola Básica dos 2º e 3º ciclos do ensino básico

EBI – Escola Básica Integrada

ES/3 – Escola Secundária e do 3º ciclo do ensino básico

ESE – Escola Superior de Educação

IASL – International Association of School Librarianship

IFLA – The International Federation of Library Associations and Institutions

JI – Jardim-de-Infância

PALOP – País Africano de Língua Oficial Portuguesa

PNL – Plano Nacional de Leitura

PRODEP – Programa de Desenvolvimento Educativo em Portugal

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares

SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

SLVF – Sport Lisboas e Vila Franca

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UAAS – Unidade de Apoio a Alunos Surdos

UDV – União Desportiva Vilafranquense

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization /

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Índice

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 1 |
| I – O Programa da Rede de Bibliotecas Escolares | 4 |
| 1. Breve Enquadramento Histórico: | 4 |
| 1.1 A Biblioteca Escolar antes do Programa RBE | 4 |
| 1.2 A Biblioteca Escolar após a implementação do Programa RBE: 8 | |
| 1.2.1 Finalidade da Biblioteca Escolar | 11 |
| 2. A Biblioteca Escolar do 1º ciclo do ensino básico: | 14 |
| 2.1 A Equipa | 18 |
| 2.2 Organização e Gestão | 20 |
| 2.3 Funcionamento | 24 |
| | |
| II – Promoção da Leitura na Biblioteca escolar do 1º CEB | 28 |
| 1. O papel do Professor Bibliotecário | 29 |
| 2. Animação de leitura: como e porquê | 36 |
| 3. Leitura e Biblioteca Escolar: | 46 |
| 3.1 Leitura na Biblioteca Escolar | 48 |
| 3.2 Empréstimo Domiciliário | 51 |
| | |
| III – A Biblioteca Escolar no concelho de Vila Franca de Xira | 55 |
| 1. Enquadramento histórico-geográfico | 55 |
| 1.1 Caracterização do concelho de Vila Franca de Xira | 55 |
| 1.2 Caracterização do ensino no concelho de Vila Franca de Xira | 59 |
| 1.3 A tradição das bibliotecas no concelho de Vila Franca de Xira | 63 |
| 2. O Programa da Rede de Bibliotecas Escolares – rede concelhia | 76 |
| 2.1 Caracterização do meio escolar | 76 |
| 2.2 Bibliotecas escolares do 1º CEB | 79 |
| 2.3 Bibliomanias e Bibliomóvel | 86 |
| 2.4 O SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares | 87 |
| | |
| IV – A Promoção da Leitura na Biblioteca Escolar do 1º ciclo do ensino básico – o caso do concelho de Vila Franca de Xira | 96 |
| 1. Definição do Problema | 96 |

| | |
|---|------------|
| 2. Metodologia | 97 |
| 3. Caracterização do campo de investigação | 99 |
| 3.1 Processo de recolha de informação | 101 |
| 3.2 Caracterização do Universo | 102 |
| 4. Apresentação e análise de dados | 114 |
| 4.1 Actividades realizadas | 114 |
| 4.2 Livros abordados | 118 |
| 4.3 Autores referenciados | 120 |
| 4.4 Cooperação de entidades externas | 123 |
| 4.5 Partilha e intercâmbio entre escolas, BECRE, bibliotecas públicas, SABE, organismos públicos | 124 |
| 4.6 Recursos humanos afectos às BECRE | 126 |
| 4.7 Funcionamento da BECRE | 130 |
| Conclusões | 144 |
| Bibliografia | 147 |
| Anexos | 155 |

INTRODUÇÃO

Dentro da escola a biblioteca escolar surge como local privilegiado para centralizar os suportes de informação e possibilitar à comunidade educativa o acesso a essa mesma informação, convertendo os seus elementos em utilizadores de bibliotecas ao longo da vida.

O aumento da informação disponível, nomeadamente com a dinamização das novas tecnologias de informação e comunicação no último quartel do século XX, sublinhou a importância da biblioteca escolar, no contexto educativo, como local privilegiado no acesso à informação.

Após a década de 70, momento em que surge uma primeira versão do *Manifesto das Bibliotecas Escolares*, sob a égide da UNESCO e da *International Federation of Library Association* (IFLA), a biblioteca escolar ganha uma nova projecção, revalorizando-se.

Esta revalorização repercute-se num novo conceito de biblioteca escolar – mediateca, centro de documentação e, em larga maioria, centro de recursos educativos – abandonando-se o entendimento de biblioteca escolar centrado exclusivamente na conservação de livros.

Em Portugal este reconhecimento repercute-se na criação de uma Rede de Bibliotecas Escolares, em 1996, da responsabilidade do Ministério da Educação, como forma de incrementar a leitura pública, através de incentivos à utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar.

A preocupação com o livro e os índices de leitura surge associada, deste modo, à constituição da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE). Da mesma forma, apesar da existência de outros suportes no acervo documental das bibliotecas escolares, privilegia-se o livro. O monopólio tradicional do livro como fonte de informação ainda está muito arraigado e, quando se aborda a questão da leitura, é preferencialmente este o suporte eleito.

No germe do programa RBE confirma-se a inquietação com os hábitos de leitura da população portuguesa, num entendimento da biblioteca escolar como formadora de leitores, devidamente preparados para frequentarem bibliotecas ao longo da vida.

É neste contexto que surgem em 1997 as primeiras Bibliotecas Escolares integradas no programa no concelho de Vila Franca de Xira – as EB23 de Vialonga e EB23 Vasco Moniz (Vila Franca de Xira). Estas freguesias terão sido pioneiras no que

respeita à integração no programa não só porque receberam as primeiras bibliotecas escolares neste programa, mas também porque surgiram nestas freguesias as primeiras bibliotecas escolares do 1º ciclo do ensino básico (CEB) em 1998 – EB 1 nº 3 de Vialonga, actual nº 2 e EB 1 Álvaro Guerra (Vila Franca de Xira).

À criação destas bibliotecas antecede uma procura antiga pelos professores do concelho de projectos, programas e candidaturas que alicerçassem a promoção da leitura e o desenvolvimento de hábitos leitores, desde muito cedo.

Actualmente, mais de dez anos passados da instalação do programa da Rede de Bibliotecas Escolares no concelho, coincidindo com a implementação de um Plano Nacional de Leitura várias questões se colocam que justificam o tema da dissertação a que nos propomos:

- De que forma a implementação de Bibliotecas Escolares integradas no programa da Rede de Bibliotecas Escolares, interferiu na prática pedagógica dos professores titulares de turma, num quadro de promoção da leitura?
- Que impacto têm tido as Bibliotecas Escolares no funcionamento das escolas que as integram e nas outras que lhes estão próximas?
- Que estratégias utilizam os professores bibliotecários para cativar e fomentar a leitura dos pequenos utilizadores destes espaços? Será o professor bibliotecário dinamizador da leitura?
- Qual o cânone literário que surge destes dez anos de actividades ligadas a essas estratégias, num quadro de promoção da leitura?
- De que forma os recursos humanos existentes afectos a este espaço condicionam o funcionamento deste serviço?
- Enfim, quais os resultados, sucessos e insucessos da instalação do programa de Rede de Bibliotecas Escolares nas escolas do 1º CEB no concelho de Vila Franca de Xira num quadro de promoção da leitura.

Refira-se, aliás, que este concelho foi também pioneiro na instalação de *Bibliomanias* – introdução nas salas de aula de uma pequena Biblioteca, assemelhando-se a uma Biblioteca de Turma, mas estando organizada de acordo com as regras de uma biblioteca escolar e, à semelhança desta, da responsabilidade conjunta dos professores e do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE), serviço integrado na Divisão de Bibliotecas Municipais do concelho.

Muito se tem falado, escrito e reflectido sobre a leitura em Portugal, e neste enquadramento da relação dos jovens com a leitura e as bibliotecas escolares. Pretendemos com este estudo abordar estas questões, mas num universo específico: as Bibliotecas Escolares/ Centro de Recursos Educativos (BECRE) das escolas do 1º CEB, no concelho de Vila Franca de Xira.

Uma vez que nas nossas preocupações está integrada a promoção da leitura em crianças de tenra idade – integradas no ensino pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico – e tendo o concelho de Vila Franca de Xira uma rede pública escolar extensa, com larga experiência na instalação e apoio a bibliotecas escolares, tendo completado em 2007 dez anos de integração no programa Rede de Bibliotecas Escolares, coincidente com a instalação de um Plano Nacional de Leitura, parece-nos existirem razões suficientes para ser levada a cabo uma investigação que trará respostas aos intervenientes de todo este processo de promoção da leitura e desenvolvimento de um programa de instalação de bibliotecas escolares.

Consideramos, assim, não só o estudo pertinente, mas também adequado no tempo em que se realiza, enquadrado num concelho cuja população sempre demonstrou um gosto muito especial pela leitura, de onde se destacam nomes muito ligados à cultura literária como Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Noel Perdigão, António Prata, António Guerra, Manuel Carvalho, Manuel Júlio, e outros que sempre mantiveram acesa a chama da cultura.

Acreditamos que a biblioteca escolar pode assumir-se como o ponto de consolidação da leitura, pois é o local ideal para promover animações diversificadas. O manancial de actividades de promoção da leitura que potencialmente poderão ser desenvolvidas neste espaço, partindo da orientação da leitura, poderá conduzir à formação de um leitor autónomo, dotado da capacidade de aceder à informação.

Seja qual for o percurso escolhido, a biblioteca escolar deverá apresentar-se como “ponto de chegada” ou “ponto de partida” na formação de leitores.

No final da nossa dissertação incluímos também anexos, que nos auxiliaram nas conclusões desta investigação: fichas para recolha de dados e mapas de tratamento de dados e mensagens de correio electrónico referentes ao processo de autorização para a investigação de documentos,.

A sociedade que investe em bibliotecas escolares para as crianças,
Investe no seu próprio futuro.
(IASL)

I – O Programa da Rede de Bibliotecas Escolares

1. Breve Enquadramento Histórico:

1.1. A Biblioteca Escolar antes do Programa RBE

Falar da Biblioteca Escolar em Portugal antes da introdução do programa da RBE torna-se árdua tarefa, principalmente se quisermos conhecer a real situação das bibliotecas escolares em Portugal desde o início do século XX até à implementação do programa em 1996. Surge alguma bibliografia, existem documentos de ordem legal e institucional, mas faltam estudos divulgados e precisos sobre as bibliotecas escolares de há 20, 30, 50 anos.

Nos dias de hoje, quando se faz esta retrospectiva, visualizam-se bibliotecas de escola com os seus armários fechados, pequenas bibliotecas de turma das escolas primárias ou de um armário com algumas colecções de livros e encadernações bonitas no corredor ou no gabinete do director.

Recordamos bibliotecas em que se colocaram as preciosidades que são para estimar, guardadas por aquele professor e/ou aquele funcionário que “não se sente em condições de ensinar” e se podia transformar no verdadeiro guardião de um espaço recatado, de silêncio, num trabalho que não se considerava cansativo.

Estas tradicionais bibliotecas escolares manifestaram desde cedo a sua incapacidade para responderem às verdadeiras necessidades. Se não, vejamos o panorama, possível de verificar, das bibliotecas escolares durante anos em Portugal.

Em 1948 foi estabelecida a obrigatoriedade da instalação de bibliotecas nas escolas.

Posteriormente uma circular de 1951 indicava que os professores responsáveis pelas bibliotecas escolares dos liceus deviam ser do 8º, 9º e 10º grupos (área de Línguas ou de História), devendo ocupar duas horas do seu horário, obrigatoriamente a trabalhar na Biblioteca.

Alguns anos mais tarde, em 1956, surge um regulamento para a criação de bibliotecas rurais junto das escolas primárias, emanado do Ministério da Educação Nacional. Estas bibliotecas eram

“ (...) fortemente normalizadas e orientadas pelo respectivo Serviço do Ministério da Educação, que seleccionava e remetia as obras (...) e que velava pelo fornecimento de livros para os armários-estantes regulamentares e de orientações para o professor-director da biblioteca (...)” (Gonçalves, 2007:36)

Mais recentemente, a Lei nº 19-A/87, de 3 de Junho («Medidas de emergência sobre o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa»), reconheceu a importância das bibliotecas escolares, no seu artigo 4º:

«1. Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda as não possuam e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente actualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.

«2. As bibliotecas escolares são apetrechadas com os livros indispensáveis ao desenvolvimento cultural e ao ensino-aprendizagem da língua materna e adequadas à idade dos alunos, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura criar condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura.»

A publicação desta Lei 19-A/87 veio trazer alguma esperança e entusiasmo. No entanto, depressa se provou que esta legislação estava completamente desajustada da realidade, pois não existiam os espaços, meios, recursos e seria muito difícil cumpri-la pondo em funcionamento estas bibliotecas

Em muitas escolas as bibliotecas eram usadas para todos os fins menos para os devidos, ou simplesmente não eram usadas:

“ As novas gerações, que agora povoam as escolas, começam a vencer inibições ancestrais. Dispõem de mais livros, de livros diversos. O livro instrumentaliza-se. Sei, no entanto, de bibliotecas escolares fechadas, ao cuidado de escrupulosos professores, que receiam os estragos da leitura infantil” (Torrado, 1988:26)

“ (...) é com frequência que se vêem professores com problemas de saúde e sem gosto ou preparação pedagógica e técnica para o lugar. Muitas vezes, o professor a quem

pela primeira vez, é atribuída essa responsabilidade passa parte do ano lectivo à procura de alguém que o apoie na tarefa que tem de desempenhar.” (Pessoa, 1994: 24)

“As bibliotecas escolares são entre nós praticamente inexistentes ou indignas desse nome.” (Cabral, 1996:79)¹

Com todos os impedimentos enunciados anteriormente, na realidade as bibliotecas tinham inúmeras dificuldades em vencer a inércia e avançar para processos de mudança.

Alguns anos mais tarde, na década de 90, muitas escolas conseguiram vencer esta situação. Os professores entusiasmaram-se, procuraram aprender, deram horas e horas além do seu horário à biblioteca, fizeram formação para adquirirem conhecimentos básicos em biblioteconomia, criaram projectos e desenvolveram-nos. Os funcionários foram afectos às bibliotecas e, embora sem formação, foram por intuição e gosto aprendendo, passando a exercer funções específicas e ajudando a que as escolas entendessem a sua importância:

“Quanto a fazer bibliotecas escolares, se algum esforço há nisso, ele vem, ou ele tem de vir, sobretudo das escolas e dos professores que ao longo dos anos, muitas vezes sem nenhum apoio, muitas vezes até tendo de lutar contra as oposições institucionais, vieram demonstrando que essas mesmas bibliotecas são um instrumento de aprendizagem por excelência.” (Calçada, 1999)²

Consequentemente, estes decretos, circulares, concursos ao longo do tempo encarregaram-se de transformar o conceito de biblioteca, sendo-lhe conferido vários significados, desde local de animação ou colecção de livros, até actividade da turma (biblioteca de turma), desde mediateca até centro multifuncional de acesso à informação. Surge, assim, uma multiplicidade de termos, tanto nas escolas, como em documentos oficiais: Bibliotecas, Mediatecas, Centros de Documentação e Informação (CDI), Centros de Recursos Educativos (CRE), Centros de Informação Multimédia, etc. Esta diversidade surge num contexto de maior desenvolvimento desses serviços

¹ Artigo do *Diário de Notícias*, 1993

² Retirado do depoimento de Teresa Calçada, no encontro *No Branco do Sul As cores dos Livros*, realizado em 1999 e apresentado no livro: *No branco do sul as cores dos livros – Encontro sobre literatura para crianças e jovens*, Actas 1999; Caminho, 2000: 176

escolares, coincidente com o período de explosão dos audiovisuais e dos *media* de uma forma geral. Todos estes termos reflectem também a falta de apoio oficial, por um lado, e, por outro, o dinamismo e autonomia de equipas pedagógicas que procuravam encontrar recursos e criar diferentes tipos de soluções para responder às necessidades.

Um pouco afastadas desta realidade, sempre se encontraram as escolas do 1º CEB, pois nos outros ciclos e graus de ensino de uma forma, ou de outra, iam surgindo espaços que pretendiam servir o aluno e funcionar como espaço de trabalho, pesquisa, orientação e lazer. Nas escolas de 1º CEB muito raramente tal acontecia.

Em 1995 na maior parte das escolas do 1º CEB não existe **“sequer espaço com estantes, na melhor das hipóteses, os livros são distribuídos pelas salas, mas mais frequentemente encontram-se em armário fechado no gabinete da direcção ou na sala dos professores.”** (Veiga, 1995:20)

No entanto, existiam escolas deste grau de ensino que, num contexto associado a um decréscimo da população escolar, conseguiram montar bibliotecas através de projectos e concursos no âmbito do PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo em Portugal), Uarte, Minerva³, que permitia a transformação de uma ou duas salas em biblioteca escolar. Em algumas destas bibliotecas, inclusivamente, havia um funcionamento em livre acesso com diferentes áreas de utilização: zona de leitura, de trabalho de grupo, de audiovisuais, etc. Estas bibliotecas conseguiram mesmo a aquisição de algum fundo documental, permitindo a realização de empréstimo domiciliário:

“...no 1º ciclo têm surgido bibliotecas agradáveis e adequadas à idade dos alunos quando se conseguiram ultrapassar obstáculos de peso: tradição de pobreza e inércia, falta de recursos financeiros, falta de preparação técnica de professores.” (Veiga, 1995:20)

³Para colmatar muitos dos problemas que o concurso *Mediatecas Escolares* (Dezembro de 1989, no N° 3 de GEPEDUCAÇÃO: Boletim do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação) originou, o Ministério da Educação anunciou um Programa de Apetrechamento das Escolas do Ensino Básico e Secundário – Despacho 175/ME/ 91, de 26 de Setembro. Constituído por quatro subprogramas a saber: “Bíblios” (equipar, apetrechar e animar bibliotecas escolares), “Mercúrio” (equipar as escolas com material audiovisual), “Minerva” (equipar as escolas com material informático) e “Laboratórios” (equipar as escolas com material laboratorial).

Perante a falta de BE nas escolas portuguesas e a partir dos exemplos de outros países, em 1995 foi criado pelos despachos conjuntos nº 43/ME/MC95 de 29 de Dezembro e nº 5 NE/MC/96, de 9 de Janeiro um grupo de trabalho constituído por cinco especialistas, a saber: Isabel Veiga que coordenou, Cristina Barroso, José António Calixto, Teresa Calçada e Teresa Gaspar, que elaboraram um relatório síntese a que se chamou “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”.

Na elaboração deste relatório síntese foram estabelecidos os Princípios Gerais; as Bases das Bibliotecas Escolares; as Linhas de Orientação Técnica e Funcional e o Lançamento do Programa da Rede de Bibliotecas Escolares.

Neste contexto é implementado em 1996 o Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, que tornará possível, em Portugal, uma verdadeira definição do que é uma Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos, designada habitualmente pela sigla BECRE (Biblioteca Escolar/ Centro de Recursos Educativos)⁴:

“Lugar de Aprendizaje: Aprendizaje autónomo; Interdisciplinaria y transversalidad; integración en los procesos pedagógicos;

Diversidad de materiales y fuentes: documentos impresos; documentos audiovisuales; nuevos soportes de información; jugos didácticos, (...)

Abierto al exterior: colaboración con bibliotecas públicas; integrada en una red de documentación; relacionada con su entorno;

Gestión centralizada: dinámico centro de los recursos; activo servicio de información; uso óptimo de los recursos.” (Otero, 1998:15)

1.2. A Biblioteca Escolar após a implementação do Programa RBE

O programa da RBE surge, tal como acabámos de referir, após a emissão de despachos conjuntos entre o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura em Dezembro de 1995, sendo os mesmos representados pelos ministros Eduardo Marçal Grilo e Manuel Maria Carrilho, respectivamente.

⁴ Assim designada **“acreditando que o nome traz o peso e a função tradicional (...), mas também esta atitude (...) de (...) reunir (...) um conjunto de recursos que vão desde o livro aos audiovisuais, aos multimédia, ao serviço da escola enquanto lugar de aprendizagem por excelência.”** (Calçada, 1999: 176, *op. cit.*)

No cerne da emissão destes despachos terá estado a preocupação pelo fomento dos hábitos de leitura da população portuguesa, que, feitos alguns estudos neste sentido, se revelaria aquém do que seria expectável:

“A insuficiência de hábitos e práticas de leitura da população portuguesa é um facto reconhecido e comprovado que só pode ser contrariado por uma política articulada entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação.

Dessa política fará, necessariamente, parte o incentivo e a utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar, e o desenvolvimento de bibliotecas escolares, integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública mais ampla que apoie e amplifique a acção da escola e que se mantenha ao longo da vida. (...)” (Despacho Conjunto nº 43/ME/MC95)

No início deste mesmo ano, em Janeiro, ter-se-á realizado em Lisboa, da organização do Conselho Nacional da Educação (CNE), um Seminário cujo tema central “O Livro e a Leitura – O Processo Educativo” fazia já antever a necessidade da criação de um programa de Rede de Bibliotecas Escolares, que conferisse aos professores e educadores um papel determinante para que o jovem adquirisse hábitos de leitura, não sendo apenas um “ledor” (termo usado por Margarida Leão⁵), mas um leitor. E o aparelho escolar, neste processo foi, bastas vezes, durante este seminário, referenciado como bloqueador desta transformação.

Por outro lado, contrapondo o facto de a escola se manifestar como elemento aniquilador do leitor seduzido e enfeitado pela leitura literária e de livre escolha, a biblioteca escolar surge, em contrapartida, referenciada como elemento essencial para a promoção de hábitos e práticas de leitura:

“ (...), as bibliotecas escolares (...) devem dispensar muita atenção ao problema da oralidade e da transmissão da leitura em voz alta e, portanto, de leitura partilhada.” José Afonso Furtado⁶

“ (...) concluo que as bibliotecas sejam o lugar certo para conseguir minimizar estas lacunas e ajudar a criar hábitos de leitura. (...)” Teresa Calçada⁷

⁵ in CNE, 1995: 38

⁶ Op. Cit., 1995:65

⁷ Op. Cit., 1995:82

“ (...) dá-me ideia que estão mal apetrechadas, com livros antigos, com mobiliário nada atraente, com salas nada funcionais e com horários de funcionamento pouco adequados. (...) que resolvesse (o Sr. ministro), talvez por decreto, os problemas das bibliotecas escolares: os bibliotecários que podem lá estar, os professores que lhes dão apoio, a percentagem do orçamento da escola destinado à compra de livros e nomeadamente livros recentes.” João Guedes⁸

“ (...) as bibliotecas têm de criar leitores, têm de criar espaços de acolhimento, têm de ser animadoras da leitura, têm de solicitar para a leitura (...) ” Margarida Leão⁹

“ (...) É aqui (biblioteca escolar) que os encontros com os livros são descomprometidos, que as escolhas são feitas em função das decisões pessoais e os modos de interpretar são, de facto autónomos. (...) ” M^a de Lourdes Dionísio Sousa¹⁰

Após um ano de reflexões decide-se então aplicar um programa de Rede de Bibliotecas Escolares, que entra em vigor no ano de 1996, curiosamente, vinte anos depois da realização de um seminário da UNESCO para a criação de um “Manifesto das Bibliotecas Escolares”, cujo primeiro objectivo seria satisfazer as necessidades de estudantes e professores, devendo a biblioteca escolar ser considerada um elemento da rede de bibliotecas que pode contribuir para o serviço total de bibliotecas da comunidade nos termos dos seus recursos.¹¹

Curiosamente, neste mesmo ano, a BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas), na sua publicação *Cadernos BAD 2*, apresenta o artigo *Carta de Direitos das Bibliotecas Escolares e outras Unidades Documentais nas Escolas Portuguesas*¹². Artigo deveras interessante, bastante actual e pertinente, quando se procura o bom e bem sucedido funcionamento de uma BECRE:

⁸ Op. Cit., 1995:83

⁹ Op. Cit., 1995:95

¹⁰ Op. Cit., 1995:117

¹¹ Em Agosto de 1976, a Comissão Australiana da UNESCO promoveu um seminário sobre Planeamento e Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares. Uma das recomendações dizia respeito à preparação de um “Manifesto das Bibliotecas Escolares”. A confirmação final do Manifesto como documento oficial da UNESCO teve lugar em Novembro de 1980. Em Novembro de 1999, em conferência geral da UNESCO, é aprovado o Manifesto preparado pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA). A última revisão terá sido feita a 28 de Março de 2006.

¹² *Carta de Direitos das Bibliotecas Escolares e outras Unidades Documentais nas Escolas Portuguesa*. Cadernos BAD 2. Lisboa. N°2, 1996, p. 67

- **Direito à vida**
- **Direito a Crescer**
- **Direito à Qualidade**
- **Direito à Dignidade**
- **Direito à Igualdade**
- **Direito à Liberdade**
- **Direito à Diferença**

Dez anos após o lançamento do Programa RBE estavam integradas na rede cerca de 1800 bibliotecas escolares, número que não tem parado de aumentar, com o principal objectivo de criar novos leitores em todos os suportes, dos tradicionais aos digitais, envolvendo, para isso, técnicos especializados.

1.2.1. Finalidade da Biblioteca Escolar

Ao longo de 10 anos foi alcançado um outro conceito de Biblioteca Escolar, longe daquele que nos traz à ideia o armário fechado e o funcionário sério, pronto a emitir um “silêncio” murmurado, mas determinado.

A Biblioteca Escolar é, actualmente, concebida como um verdadeiro Centro de Recursos Educativos multimédia ao dispor de alunos, de professores e da comunidade envolvente.

O que se pretende de uma biblioteca escolar (BECRE) integrada no programa da RBE é que funcione como um lugar de discussões colectivas, que oferece múltiplas possibilidades de acções, abordando questões importantes, formulando estratégias, procurando momentos de incentivo à leitura, trabalhando com actividades como: a hora do conto, poesia, teatro, literatura, materiais audiovisuais e multimédia, encontros com escritores e ilustradores, realização de feiras, campanhas de doações, produção de textos, música, pesquisa e outras actividades.

A BECRE surge como um lugar convidativo ao estudo e à leitura, num ambiente agradável, substituindo a biblioteca restrita a uma sala e cantinhos de leitura num espaço ou outro da escola:

“A biblioteca escolar é preferencialmente o local onde se incute o gosto pela leitura. (...) o que importa é garantir a disponibilidade de material simultaneamente didáctico e lúdico sempre muito variado e actualizado, claro na sua organização conceptual e física, correspondendo às exigências dos programas e transportando para a escola a realidade social.” (Cabral, 1996:79-80)

Por outro lado este espaço passou a oferecer múltiplas acções, extrapolando o carácter armazenador da informação e passando também a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa.

De acordo com a apresentação do Programa RBE no seu sítio de *internet*¹³ são finalidades da BECRE a promoção do trabalho de pesquisa e produção documentais em diferentes suportes e linguagens, facilitar a aquisição de competências de informação, estimular o prazer da leitura e desenvolver hábitos de trabalho conducentes à autonomia e gosto pela aprendizagem ao longo da vida.

Como funções da BECRE surgem ainda os conceitos interdisciplinar e transdisciplinar.

“ (...) as bibliotecas escolares (...) surgem como recursos básicos do processo educativo, sendo-lhes atribuído papel central em domínios tão importantes como: a aprendizagem da leitura; o domínio dessa competência (literacia); a criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura; capacidade de seleccionar informação e actuar criticamente perante a quantidade e diversidade de fundos e suportes que hoje são postos à disposição das pessoas; o desenvolvimento de métodos de estudo, de investigação autónoma; o aprofundamento da cultura cívica, científica, tecnológica e artística.” (Veiga *et al*, 1997: 15)

A BECRE deverá ser um núcleo de vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante para que os alunos se sintam num ambiente que lhes pertence e sintam o livro como necessidade do dia-a-dia, inesgotável fonte de prazer e de desenvolvimento pessoal. Do mesmo modo, deve também ser um lugar onde os professores se sintam num ambiente que lhes pertence e adquiram o hábito de tomar iniciativas e participar na sua animação, actualização e enriquecimento. Aliás para que haja uma boa interiorização e apropriação do conceito de biblioteca escolar a iniciativa de instalar um BECRE deve

¹³ www.rbe.min-edu.pt

partir dos professores da escola, que melhor conhecem as necessidades desta última e dos seus alunos.

Para o alcance de um bem sucedido funcionamento é fundamental a presença de um elemento que, pelo seu perfil e formação, consegue estabelecer um triângulo equilátero com os seguintes vértices: aluno, biblioteca e professor: o **professor bibliotecário**, elemento que deverá estar sempre presente e disponível para auxiliar os utilizadores da biblioteca, com o objectivo central de **“incentivar os alunos o prazer de ler e a aprendizagem centrada na procura autónoma de informação.”** (Veiga *et al*, 1997: 17)

Por tudo o que aqui referimos, a BECRE surge, também, como uma boa alternativa aos livros de texto, vulgo manuais escolares, pois permite a ampliação de opções, oferece diversidade aos alunos e professores (diferentes culturas, diferentes enfoques, diversidade de actividades), permite acesso a um fundo documental adquirido para responder às necessidades dos seus utilizadores e sempre em actualização. Este espaço oferece livros e fontes como as que se usam na vida real (fora do contexto escolar), está ao serviço do docente, que tem que decidir, utilizar critérios, procurar, investigar (há que utilizar a liberdade de escolha que se pretende e o esforço que quer exigir dos seus alunos), permite trabalhar em três campos:

- ⌘ Promoção da leitura, que se pretende o mais prazenteira possível, de modo a criar o gosto por esta, que estabeleça uma relação afectiva com os livros;
- ⌘ Uso do fundo documental, aprendendo o utilizador a conhecer diferentes tipos de documento e informação, localizar informação na biblioteca, localizar informação nos documentos, transformar essa informação em conhecimento;
- ⌘ Uso da informação, num conceito de biblioteca virtual, que permite a pesquisa através de novas tecnologias de informação e a organização de produções dos próprios utilizadores.

A escola do século XXI tem de ser uma escola com uma biblioteca escolar como fonte de leitura e informação, escrita e electrónica. Uma escola fruto de uma Sociedade de Informação ao serviço dessa mesma sociedade:

“ (...) no fundo esta biblioteca escolar nas suas grandes linhas orientadoras antecipa a biblioteca para outros níveis etários, sociais ou académicos.” (Cabral, 1996:81)

2. A Biblioteca Escolar do 1º ciclo do ensino básico

Recordemos o que já foi referido acerca da biblioteca escolar do 1º CEB (Ciclo do Ensino Básico) antes da implementação do programa da RBE.

Antes de 1996, no 1º ciclo, não se podia aplicar, no verdadeiro sentido o termo biblioteca escolar.

Enquanto nos outros ciclos de ensino surgiam espaços que se apresentavam com semelhanças a uma BECRE do programa RBE e que se pretendia funcionarem como Centros de Recursos, Mediatecas, Centros de Documentação, ou, simplesmente, Bibliotecas Escolares, nas escolas do 1º ciclo os espaços a que se chamava Biblioteca na grande maioria dos casos não passavam de “cantinhos” onde se guardavam livros. Esses “cantinhos” ficavam, frequentemente, situados em espaços pouco apelativos, distanciados do aluno, com armários fechados e livros que pouco aguçavam a curiosidade de uma criança nesta faixa etária:

“ Um armário não é uma biblioteca escolar, mas a sua antítese. É um pesadelo que para muitas crianças e/ ou adolescentes representará a única experiência vivida de biblioteca para sempre” (Cabral, 1996:80)

Resumindo: nas escolas do 1º CEB, no início e meados dos anos 90, não se poderia falar de «biblioteca escolar». Os poucos livros existentes estavam guardados em armários distribuídos pelas salas de aula, ou salvo raríssimas excepções, em algumas escolas do país, estes espaços não passavam de duas ou três estantes com livros, colocadas em qualquer canto da escola, pois estas estavam superlotadas não havendo salas devolutas para a instalação de Bibliotecas.

Os meios eram escassos e os espaços inexistentes, de modo que a maioria das escolas do 1º CEB não reuniam sequer as mínimas condições sequer para se candidatarem ao concurso das mediatecas em 1990/91, no âmbito do PRODEP (Programa de Desenvolvimento Educativo em Portugal).

No entanto, aparecem algumas excepções, principalmente devido ao facto de as escolas do 2º, 3º ciclo e secundárias precisavam de integrarem outros graus de ensino para a candidatura de instalação de uma biblioteca. Desta forma, muitas das escolas do 1º ciclo foram incluídas nos projectos, e embora, comumente, beneficiassem pouco destas candidaturas, foram espalhadas sementes e algumas germinaram.

Estas sementes criaram vontade de ter uma biblioteca funcional e dinâmica.

Quando as candidaturas ao programa RBE foram lançadas, as escolas que já detinham alguma tradição no que concerne a estes espaços, com projectos ligados à promoção da leitura, oficina de escrita, tecnologias de informação e comunicação foram as primeiras a se candidatarem e, por consequência, a verem instaladas uma BECRE do programa:

“ (...) qualquer programa como este encontra a sua própria legitimidade ao aconchegar-se no esforço que algumas escolas e alguns professores, sem apoios de maior, têm vindo a desenvolver na área das bibliotecas enquanto centros de recursos, nas suas próprias escolas” (Calçada, 1999)¹⁴

Desde 1997 a integração das escolas na Rede tem vindo a fazer-se através da apresentação de projectos a dois tipos de candidaturas diferentes: a Candidatura Concelhia e a Candidatura Nacional.

A Candidatura Concelhia destina-se às escolas de uma série de Concelhos previamente escolhidos e que aderiram a este programa, beneficiando as escolas do:

- Apoio técnico das Bibliotecas Municipais através do SABE e do gabinete da RBE, bem como das Direcções Regionais de Educação;
- Apoio financeiro para a aquisição de equipamentos, fundo documental, mobiliário e obras de adaptação, que no 1º CEB estão a cargo da Câmara Municipal;
- Apoio a nível de recursos humanos com a atribuição de créditos horários ao destacamento de professores.

A Candidatura Nacional destina-se às escolas situadas nos restantes concelhos do país onde se tenham desenvolvido experiências significativas na área das bibliotecas escolares e que pretendam integrar a RBE. Estas escolas beneficiam de apoio financeiro para a aquisição de equipamento e fundo documental e de apoio ao nível dos recursos humanos idêntico ao atribuído à candidatura concelhia.

¹⁴ in *No branco do sul as cores dos livros – Encontro sobre literatura para crianças e jovens, Actas 1999*, Caminho, 2000: 176

O Programa da RBE estabelece algumas regras e princípios, o que implica a exigência de espaços com determinadas áreas, e implica o respeito pelos diferentes princípios indicados no relatório síntese.

Importantes também nas BECRE são os recursos humanos, elementos indispensáveis para o seu bom funcionamento.

No 1º CEB, os professores funcionam em regime de monodocência, não há atribuição de créditos horários para a biblioteca ou para outras actividades, os recursos humanos da escola (professores e AAE, auxiliar de acção educativa) são os minimamente exigidos para que as turmas funcionem, de modo que se torna muito difícil ter as BECRE abertas sem um professor colocado para a sua dinamização. Estas bibliotecas bem apetrechadas, com livre acesso quer a estantes com livros, como aos restantes equipamentos, necessitam, permanentemente, de alguém no espaço para orientar e assegurar os serviços.

Têm sido feitos alguns esforços, neste sentido, para a criação de legislação que contemple os recursos humanos necessários de modo a permitir o bom funcionamento das BECRE. Em 28 de Junho de 2006, foi publicado em *Diário da República*, o Despacho 13 599/2006 (2ª série), onde no artigo 8º se fazia referência à equipa da Biblioteca Escolar, funções do coordenador da mesma e suas competências:

1— A organização e gestão da biblioteca escolar (BE) da escola ou do conjunto das escolas do agrupamento incumbe a uma equipa educativa com competências nos domínios pedagógico, de gestão de projectos, de gestão da informação e das ciências documentais cuja composição não deve exceder o limite de quatro docentes, incluindo o respectivo coordenador.

(...)

3— O crédito horário atribuído ao professor coordenador da BE é utilizado para o desenvolvimento das seguintes funções, sem prejuízo de outras a definir em regulamento interno:

- a) Promover a integração da biblioteca na escola (projecto educativo, projecto curricular, regulamento interno);**
- b) Assegurar a gestão da biblioteca e dos recursos humanos e materiais a ela afectos;**
- c) Definir e operacionalizar, em articulação com a direcção executiva, as estratégias e actividades de política documental da escola;**
- d) Coordenar uma equipa, previamente definida com o conselho executivo;**

- e) Favorecer o desenvolvimento das literacias, designadamente da leitura e da informação, e apoiar o desenvolvimento curricular;
 - f) Promover o uso da biblioteca e dos seus recursos dentro e fora da escola;
 - g) Representar a BE no conselho pedagógico, sempre que o regulamento interno o preveja.
- (...)

5— Na constituição da equipa responsável pela BE, deverá ser ponderada a titularidade de formação que abranja as diferentes áreas do conhecimento de modo a permitir uma efectiva complementaridade de saberes, preferindo professores do quadro sem serviço lectivo atribuído ou com horário com insuficiência de tempos lectivos.

6— Os professores que integrem a equipa responsável pela BE devem apresentar um perfil funcional que se aproxime das seguintes competências:

- a) Competências na área do planeamento e gestão (planificação de actividades, gestão do fundo documental, organização da informação, serviços de referência e fontes de informação, difusão da informação e marketing, gestão de recursos humanos materiais e financeiros);
- b) Competências na área das literacias, em particular nas da leitura e da informação;
- c) Competências no desenvolvimento do trabalho em rede;
- d) Competências na área da avaliação;
- e) Competências de trabalho em equipa.

No entanto, no que concerne a esta temática houve um longo caminho a percorrer até à aplicação da portaria 756/2009 de 14 de Julho¹⁵.

Até Julho de 2009, no 2º ciclo os professores coordenadores do centro de recursos eram nomeados pelo Conselho Executivo das escolas, o que assegurava à partida o funcionamento destes espaços. Pelo contrário, no 1º ciclo as bibliotecas escolares eram acompanhadas por professores em regime de destacamento, o que implicava a atribuição dos mesmos pelas Direcções Gerais de Ensino (DRE) e a vontade dos professores de acompanharem este desafio.

A conciliação de vários factores trouxe como consequência, numa boa parte dos casos, que um professor esteja numa situação de recurso partilhado, desenvolvendo funções em várias escolas com biblioteca integrada na RBE, o que é manifestamente insuficiente na grande parte dos casos, pois nem sempre é possível afectar uma AAE a

¹⁵ Portaria que define qual o procedimento de selecção e afectação de recursos humanos, através da criação da função de professor bibliotecário.

este espaço, elemento imprescindível para apoiar o professor bibliotecário no desejável funcionamento da BECRE.

2.1. A Equipa

Para o bom funcionamento da BECRE deve ser constituída na escola uma equipa formada por professores/educadores da escola e AAE, sendo que o coordenador deva ser sempre um professor dos quadros da escola, com perfil adequado às funções a desempenhar e com formação na área, de acordo com o Despacho 13 599/2006:

- a) Formação académica na área da gestão da informação/BE (Biblioteca Escolar);**
- b) Formação especializada em ciências documentais;**
- c) Formação contínua na área das BE;**
- d) Formação em técnico profissional BAD;**
- e) Comprovada experiência na organização e gestão das BE.**

Ainda acerca do professor/coordenador da BECRE (ou professor bibliotecário) Otero (1998:123) defende:

“El responsable de una biblioteca escolar debería reunir la cualificación profesional de docente y de especialista en biblioteconomía y documentación para poder llevar a cabo todas sus tareas.

Debe ser un docente porque la biblioteca es un ámbito de educación, desde ella se educa a los alumnos, que deben ser los principales protagonistas, y debe ser un especialista para poder sacar un mayor aprovechamiento en la organización y gestión de los fondos.”

O professor bibliotecário é o “motor” da equipa da BECRE, cabendo-lhe um papel activo e um perfil próprio de quem coordena/ orienta/ conduz. A ele cabem diversas tarefas como:

- Assegurar a organização, manutenção e adequada utilização da biblioteca e do seu acervo;
- Difundir esse acervo e informações pertinentes ao uso da BECRE, pelos professores e alunos, de acordo com uma perspectiva administrativa, pedagógica e cultural;

- Colaborar na planificação e desenvolvimento das actividades escolares, levando à utilização dos diferentes recursos documentais;
- Colaborar na promoção da leitura;
- Ter a última palavra na aquisição de novos materiais e fundos para a BECRE.

Junto da sua equipa deverá elaborar o Plano Anual de Actividades da biblioteca, de acordo com os objectivos do Projecto Educativo do Agrupamento contribuindo assim para uma boa rentabilização da mesma:

“A riqueza e a qualidade dos recursos da biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis dentro da biblioteca escolar e para lá dela. Por este motivo, é de grande importância dispor de pessoal com boa formação e alta motivação.” (IFLA/UNESCO, 2002: 11)¹⁶

Desta forma a equipa da biblioteca deve assegurar as tarefas necessárias para o funcionamento deste espaço, de entre as quais se destacam: formação de utilizadores da biblioteca escolar (em moldes convidativos), actividades de animação (e formação), cooperação com os professores, a direcção das escolas, as entidades responsáveis, os pais, outros bibliotecários e profissionais de informação e as associações locais.

De entre as funções dos membros desta equipa, o papel do auxiliar da biblioteca é fundamental para apoiar o professor bibliotecário e garantir um bom funcionamento:

“Ter funcionários de apoio que se responsabilizem por outras tarefas dentro da biblioteca é também fundamental. Seria óptimo que esses auxiliares não fossem «desviados» frequentemente para outras funções (...)” (Pessoa, 1994: 26)

Assim sendo, o AAE da BECRE deve ter formação prévia sobre as bibliotecas. Os deveres, enquanto auxiliar de biblioteca, incluem funções de rotina, organização das estantes, empréstimo e circulação, devolução e tratamento documental.

¹⁶ **DIRECTRIZES DA IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES;** Título original: *The IFLA/Unesco School Libraries Guidelines* - <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm>; Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) por Maria José Vitorino, Vila Franca de Xira, 2006 (RBE): http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf [consultado em 25 de Março de 2008, às 18 horas]

Em cooperação, a equipa adquire formação e transmite os seus conhecimentos aos utilizadores da BECRE, fazendo-o de forma positiva e com abertura de ideias, compreendendo as necessidades destes, tendo conhecimento e entendimento da diversidade cultural, assim como da literatura, dos *media*, e da cultura para crianças.

Uma BECRE só funciona verdadeiramente e cumpre os seus objectivos se depender de uma equipa composta por coordenador, professores e AAE, que em articulação e cooperação permitem: a aquisição, gestão e difusão de documentação de todos os tipos e de todos os géneros disponíveis em diferentes suportes; o apoio a pessoal docente na sua actividade pedagógica; contribuir para a formação do aluno, acompanhando-o no seu processo de aprendizagem, principalmente nas práticas de leitura que favoreçam a apropriação da informação conduzindo ao seu desenvolvimento pessoal; colaborar na acção do professor junto dos alunos para que estes últimos adquiram as competências necessárias na utilização do processo de pesquisa de informação.

2.2 Organização e Gestão

Da mesma forma, à equipa da biblioteca cabe a responsabilidade de assegurar a organização e gestão da biblioteca, quer no que concerne ao espaço, mas também de todos os materiais que aí se encontram.

O espaço físico deve ser organizado adequadamente, estando o mobiliário e os equipamentos inseridos de forma harmoniosa e funcional. Não podemos esquecer que uma biblioteca escolar tem uma elevada carga pedagógica e a forma como o espaço está organizado e é gerido influi na criação de um ambiente que se quer educativo, cultural e informativo e que, do mesmo modo, permite uma relação de ajuda personalizada.

Em 1997 as directrizes do gabinete da RBE em relação às instalações de uma Biblioteca Escolar eram as seguintes:

“As instalações da biblioteca escolar devem ser amplas (...), agradáveis e bem iluminadas. A sua configuração deve respeitar requisitos mínimos de segurança e circulação e facilitar o desempenho das suas funções.

Os espaços a utilizar pela biblioteca escolar devem ser flexíveis e articulados, de modo a induzirem a utilização integrada da diversidade de recursos de informação

disponíveis, a produção de materiais por alunos e professores, a leitura informal e a animação pedagógica.” (Veiga et al., 1997: 35)

Deste modo, quando se pensa em criar uma biblioteca escolar deve-se ter em conta que o factor espaço é determinante, uma vez que o que se pretende é uma organização que permita uma postura descontraída, distinta daquela que é pedida na sala de aula, mas que não se dissocie desta última, tornando-se a biblioteca um complemento e um auxílio às aprendizagens, assim como um local de lazer e prazer:

“Reconhece-se, do mesmo modo, que ele (espaço da biblioteca) permite desenvolver, também naturalmente e em função das necessidades e motivações pessoais, as capacidades intelectuais básicas como reflectir, pensar criticamente, seleccionar e interpretar dados, ou ainda usar diferentes recursos de aprendizagem.” (Dionísio, 2000: 44)

Tendo em conta todos estes factores há ainda que adequar o espaço à faixa etária que pretende alcançar. Deste modo, as BECRE das escolas do 1º CEB querem-se muito atractivas.

Uma biblioteca de uma escola do 1º CEB, de acordo com o documento “Orientações para instalação das bibliotecas”¹⁷ (2008) do gabinete da RBE, deve ser composto por

- Uma área nuclear: zona de acolhimento, zona de leitura informal, zona de consulta da documentação em qualquer suporte e zona de consulta e produção multimédia;
- Área de utilização polivalente, composta por uma sala para actividades diversas;
- Área de armazenamento e de trabalho – depósito de materiais e documentação;
- Área de exposições.

Sendo a biblioteca um espaço que se quer de cooperação e de apoio ao desenvolvimento de actividades gerais da escola, acessível a todos que dela fazem parte, a sua localização tem também um papel fundamental no cumprimento dos seus

¹⁷ http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=37&fileName=BES_centros_escolares.pdf [consultado em 4 de Abril de 2008, às 22 horas]

objectivos. Desta forma quer-se para uma biblioteca escolar uma localização central, no rés-do-chão, longe de zonas ruidosas, flexível e de acesso à comunidade local.

Uma boa iluminação natural e uma relação visual com o exterior são também imprescindíveis a um espaço que se quer aprazível.

Após a implementação de uma biblioteca escolar e a sua devida organização há que saber proceder à sua eficaz gestão. Neste campo, mais uma vez, a equipa da biblioteca tem um papel fundamental e é aqui que o perfil de quem a compõe e a sua formação se tornam extremamente importantes.

Primeiro que tudo a equipa deverá proceder à organização de documentação que estabeleça: as regras de funcionamento do espaço, de organização da documentação, de uma política de aquisição documental, de desenvolvimento de actividades de animação, promoção da leitura e outras. São, assim, documentos imprescindíveis: Plano de Acção, Política de Desenvolvimento da Colecção, Manual de Procedimentos, Regimento Interno da Biblioteca, Guia do Utilizador, Plano Anual de Actividades.

O Plano de Acção da Biblioteca Escolar consiste num documento em que se incluem um conjunto de objectivos que darão resposta às preocupações da biblioteca escolar em articulação/subordinação ao *Projecto Educativo da Escola/Agrupamento* (documento de médio prazo – 3 anos). Neste documento estão contemplados aspectos como:

- Espaço, com especial atenção pelas perspectivas de crescimento;
- Mobiliário e equipamento – manutenção, desgaste, aquisição;
- Tratamento técnico documental – pressupostos organizacionais;
- Difusão da informação – boletim, catálogo, *blog*, sítio na internet;
- Dinamização da BE – literacias da informação, formação de utilizadores (guia, plantas, ...) promoção da leitura, planificação com os departamentos e/ou projectos da escola/agrupamento tendo por referência os *curricula*;
- Recursos financeiros – orçamentação em articulação com os órgãos de gestão ou parcerias, mecenato;
- Avaliação – instrumentos internos/externos e momentos.

A **Política de Desenvolvimento Documental** (PDC) apresenta-se como um documento onde se definem, a três anos, as grandes linhas de desenvolvimento do fundo documental: desenvolvimento equilibrado e programado; planeamento de prioridades / orçamento; selecção, relacionamento com a comunidade educativa e público em geral; avaliação: o PDC é um documento aberto.

Quando se pensa na gestão da colecção devem ter-se em conta determinados aspectos, dos quais importa sublinhar: os públicos evoluem e os interesses mudam; a colecção não é uma acumulação de tesouros; a selecção responde às carências de informação/formação; a renovação depende dos limites orçamentais; a constituição e a actualização da colecção são decisões partilhadas que devem reflectir interesses e prioridades dos utilizadores que serve.

O **Manual de Procedimentos** é um documento onde se procura apenas explicar “o como”, indicando, de forma clara, os processos ligados ao tratamento documental. Este documento deverá incluir como procede à:

- Aquisição e disponibilização do fundo documental;
- Classificação e colocação de cotas;
- Identificação dos documentos;
- Catalogação do acervo.

O ideal será este documento ser elaborado num regime de colaboração entre bibliotecas do mesmo agrupamento e/ou concelho.

Desta forma, conseguir-se-á disponibilizar um guião para a execução das diferentes tarefas e também contribuir para que os métodos de trabalho adoptados em várias BECRE próximas sejam os mais idênticos quanto possível.

O **Regimento Interno da Biblioteca** contemplará: caracterização e pequena resenha histórica da BECRE e do estabelecimento em que se integra; objectivos da BECRE; organização do espaço; regras das várias zonas e horário de funcionamento; funções dos vários elementos da equipa; direitos e deveres dos utilizadores.

O **Guia do Utilizador** funcionará como um auxílio a todos aqueles que se dirigem à biblioteca, apresentando, de forma resumida, alguns dos aspectos presentes no Regimento, premiando desta forma o uso autónomo da BECRE.

O **Plano Anual de Actividades** será elaborado anualmente pela equipa da biblioteca, tendo em conta o Projecto Educativo da Escola/Agrupamento, assim como os Projectos Curriculares de Turma, o Plano Anual de Actividades da Escola, e as actividades programadas e desenvolvidas no âmbito do Plano Nacional de Leitura.

2.3 Funcionamento

Toda a documentação que referimos, a localização e disposição da BECRE, a forma como se encontra organizada e os recursos humanos a ela afectos condicionam o funcionamento da mesma.

Mais uma vez a equipa surge-nos como peça fundamental para o cumprimento dos objectivos que se pretende alcançar com a instalação de uma BECRE, pois é a criação de uma equipa com formação e horas atribuídas para o cumprimento de funções na BECRE, que permitirá a criação de um horário de funcionamento possível de ser cumprido. Só com pessoas no sítio certo, em tempo próprio, se conseguirá atingir reais resultados.

A equipa afecta a este espaço, se devidamente informada, qualificada e empenhada, conseguirá colocar a biblioteca no seu devido lugar, como uma unidade orgânica da escola, integrada no planeamento global da escola/agrupamento e no seu projecto educativo.

Este factor, associado a uma crescente preocupação pela aquisição de hábitos e práticas de leitura, e à defesa de uma transdisciplinaridade, levam ao desenvolvimento de actividades recorrentes e estimulantes: hora do conto, leitura recreativa de contos, poesias, lendas, histórias; estudo de obras/autores de Literatura Infantil; encontros com escritores/ ilustradores/ contadores de histórias; feiras do livro; concursos de leitura; apresentação e compilação de histórias escritas pelos próprios utilizadores; apresentação de livros que despertaram interesse; elaboração de jornais escolares, criação e dinamização de páginas Web; requisição domiciliária; dramatizações, teatros de fantoches; elaboração de trabalhos de expressão escrita e plástica; serões de poesia; Criação de baús de livros (maletas pedagógicas) que circulam pelos estabelecimentos de

ensino do agrupamento; utilização do computador (pesquisa, informação, recreação), familiarização com este tipo de tecnologia, de modo a desenvolver competências necessárias a uma melhor utilização e apropriação do conhecimento.

“ A dimensão estratégica atribuída à biblioteca escolar convida a valorizar as aprendizagens informais, com particular incidência na criação e desenvolvimento do gosto pela leitura como actividade de lazer.” (Veiga *et al.*, 1997: 35)

O funcionamento da biblioteca e o seu plano de desenvolvimento e acção deverão integrar-se no projecto educativo de escola e, como tal, serem assumidos pela comunidade escolar.

Neste contexto, são desejáveis formas de trabalho que envolvam os professores, os técnicos e também os alunos na própria organização, uma vez que a biblioteca não é um espaço marginal às actividades lectivas.

A biblioteca é um espaço organizado com funcionalidades múltiplas que passa ainda por um processo de apropriação pela escola, condicionado, entre outros factores, pela liderança que os recursos humanos afirmarem nesse processo. Da animação da leitura, à exploração de textos, da hora do conto à dramatização, a biblioteca tem uma função especial de promover e apoiar, ainda que indirectamente, a actividade curricular.

Só compreendendo desta forma a BECRE se conseguirão atingir os seus verdadeiros objectivos:

- ⇒ Apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículos da escola;
- ⇒ Criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- ⇒ Proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;
- ⇒ Apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;

- ⇒ Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- ⇒ Organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- ⇒ Trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
- ⇒ Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;
- ⇒ Promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela.
- ⇒ Promover a partilha, cooperação e parceria entre bibliotecas escolares, públicas, estabelecimentos de ensino, comunidade e instituições locais e municipais.



Para terminarmos este capítulo e, em jeito de resumo, afirmamos que a biblioteca escolar é um projecto colectivo para a melhoria do sistema escolar, pois, para além de variados aspectos, introduz outras possibilidades para que professores e alunos se relacionem de formas distintas.

Em torno da biblioteca escolar as relações entre professores têm de se transformar, pois este projecto desenha-se por um colectivo: pais, alunos, professores, instituições. É neste quadro que o responsável da biblioteca joga o papel necessário de coordenador, mas ineficaz se não existir o compromisso de uma equipa que apoie e utilize a biblioteca nas suas práticas pedagógicas habituais.

Entre estas práticas surge uma preocupação pela leitura e a este respeito a biblioteca escolar apresenta-se como espaço idóneo que oferece uma multiplicidade de textos (informativos, periodísticos, literários) e uma grande variedade de formas de ler.

A biblioteca escolar surge, enfim, como um possível espaço, entre outros, para a democratização de instrumentos que transmitem não só o saber, senão também a sensibilidade e o gosto.

À biblioteca de uma escola devem ser dados vida e sentido para que se converta num instrumento útil para a transformação da informação em conhecimento, para o desenvolvimento do currículo e para a mudança da e na escola.

Há que dotá-la de recursos, ideias e hábitos que despertem nos alunos a curiosidade para a cultura e a paixão pela leitura.

A BECRE no 1º CEB adopta um papel fundamental no que concerne a esta paixão. Os professores deste grau de ensino, obcecados pela árdua tarefa de dotar a criança com os mecanismos básicos da leitura e da escrita, esquecem com frequência que

“ (...) o saber ler deve passar pela necessária educação do gosto pela leitura e por um efectivo desenvolvimento do poder de ler dos alunos (...)” (Gomes, 1991:20)

A BECRE do 1º CEB é o melhor meio para clarificar esta necessidade e um excelente instrumento de formação de professores e pequenos leitores.

Por tudo o que aqui escrevemos, consideramos que professores e órgãos de gestão devem continuamente juntar esforços para impulsionar o bom uso da biblioteca, integrá-la na prática e no currículo, entendendo a biblioteca como centro de recursos, documentação e informação que apoia o trabalho docente e a auto-aprendizagem dos alunos, que desenvolve programas globais de promoção leitora, de formação em técnicas documentais e de investigação, de educação em competências de informação, que atende à diversidade.

Enfim, que permita o acesso à informação e ao conhecimento em igualdade de oportunidades.

A Biblioteca Escolar apresentar-se-á, assim, como o espaço mais democrático da escola.

O melhor do mundo, para mim, continua a ser (...) as histórias.
As que nos contam, as que inventamos, as que nos contam e misturamos com as que inventamos.
Histórias.

(Alexandre Honrado)

II – Promoção da Leitura na Biblioteca Escolar do 1º CEB

Neste capítulo propomo-nos fazer uma reflexão acerca da importância da BECRE num quadro de promoção de leitura.

A bibliografia que consultámos acerca deste assunto foi vasta e, facilmente, nos apercebemos que os especialistas e críticos que abordam esta temática defendem que as bibliotecas quer públicas, quer escolares, são instrumentos imprescindíveis na promoção da leitura e na formação do leitor.

Assim, e de acordo com as directrizes da IFLA/UNESCO (2002:20)¹⁸, a biblioteca tem como responsabilidade desenvolver um plano coerente de promoção, devendo, para tal, implicar os seguintes princípios:

- Aproveitamento positivo de meios impressos, electrónicos e de comunicação;
- Realização de mostras, exposições, colóquios, feiras do livro, acções de formação;
- Colocação eficaz de sinalização interior e exterior, de forma clara e atractiva;
- Iniciar contactos e ligações com outras organizações da área (por ex. bibliotecas públicas, serviços de museus e associações de História Local)
- Publicações organizadas e elaboração de listas de recursos e folhetos sobre diversas temáticas;
- Publicações específicas sobre a história da biblioteca e a história da comunidade;
- Desenvolver na biblioteca campanhas de leitura e literacia;
- Fazer com que crianças e jovens se familiarizem com os autores, ilustradores, de forma a terem uma melhor compreensão do seu trabalho;

¹⁸ **DIRECTRIZES DA IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES**; Título original: *The IFLA/Unesco School Libraries Guidelines* - <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm>; Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) por Maria José Vitorino, Vila Franca de Xira, 2006 (RBE): http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf [consultado em 25 de Março de 2008, às 18 horas]

- Permitir aos leitores a oportunidade de experimentar outras vertentes artísticas, como o teatro, as marionetas, a poesia, as artes e as ciências, com o propósito de adquirirem novas perspectivas no campo cultural, artístico e científico;

Precocemente, crianças e jovens devem ser incentivados a usar a biblioteca: pela liberdade de acesso que oferece, enquanto espaço democrático, pela função cultural e social que adota.

A BECRE consegue três premissas que consideramos fundamentais num quadro de promoção de leitura: espaço e tempo adequados, diversidade de documentos e ambiente propício à formação de leitores.

Tão importante é o papel da Biblioteca, como das pessoas que nela trabalham e levam a bom porto os seus utilizadores:

“Es evidente que el éxito de un servicio bibliotecario, depende de la calidad de los materiales que constituyen el fondo de la biblioteca y de la calidad del personal que administra e gestiona el servicio.” (Spink, 1990:127)

Numa biblioteca escolar o professor bibliotecário, consideramos nós, tem um papel decisivo, embora dissimulado, na formação do leitor, enquanto elemento promotor de leituras (boas leituras).

1. O Papel do Professor Bibliotecário

A promoção do gosto pela leitura e da capacidade de utilização efectiva e crítica dos recursos informacionais colocados à disposição dos alunos é uma premissa que qualquer professor assume (ou deveria assumir) como inerente ao sistema educativo.

Ensinar a amar os livros e a conviver com eles é uma missão que a escola se empenha em executar há mais de um século.

Num ambiente de sala de aula, os gostos pessoais do professor acabam, positivamente, ou não, por interferir fortemente nas escolhas subjectivas dos alunos e tanto melhor se o professor se serve dos seus prazeres e das suas experiências para fazer com que se saboreiem as histórias lidas e ouvidas. Da mesma forma o professor deve ler em voz alta para os seus alunos, prática fundamental num quadro de promoção da leitura.

Ler para criança é uma experiência agradável quer para quem lê, quer para quem ouve. Simultaneamente também pode ser um contributo para as vidas académica, pessoal, social e cultural da criança e para o seu crescimento **(Elenor Howe, in *Iasl Reports*, 2004: 160).**

Neste quadro, aos professores de crianças do 1º CEB, está reservada uma função crucial no momento de desenvolver o gosto pela leitura e na conquista do poder de ler, por parte da criança. Para fomentar o gosto pela leitura, contribuirá bastante a capacidade dos professores em ir ao encontro dos interesses do leitor principiante.

No entanto, verifica-se que, numa boa parte dos casos, o professor nas aulas de leitura preocupa-se demasiado com a forma do texto e das suas palavras, olvidando, em grande parte das abordagens, que ler é uma grande viagem, uma aventura de espírito, algo que nos faz ir além. E enquanto vamos viajando não somos sujeitos passivos: somos o herói, ou o “mau”, intervindo na história:

“El ambiente que se respira en la escuela o en la familia con la lectura puede determinar que el niño se convierta en el lector en el futuro. En una escuela en la que el profesor no lee sino que se limita a recomendar o a prescribir las lecturas (...), que no se preocupa de las novedades (...) ni por conocer los intereses lectores de sus alumnos; que no comenta sus experiencias sobre una lectura reciente (...), difícilmente conseguirá entusiasmar a sus alumnos por la lectura.” (Trullos, 2000:28)

É preciso conquistar, numa escala minuciosa, quase letra a letra, a capacidade de ler, traduzir, aprender e criticar cada texto proposto, desde o início da alfabetização.

E mesmo desde o berço com as histórias contadas pelos pais ou avós, é preciso não esquecer a paixão universal pelas histórias da carochinha, porque esse é o ponto de partida para a grande inquietação humana: quem somos nós?

“ Quanto ao recurso aos contos, lidos ou contados, na educação da criança, os seus aspectos positivos são sobejamente enfatizados pelos discursos provenientes de vários domínios científicos, deles se destacando a psicanálise, a psicologia e a pedagogia. De facto, o conto favorece o desenvolvimento da imaginação, da observação, da memória, dos conhecimentos, associado a todo o prazer que proporciona.” (Leite, 2000:13)

É importante que o professor leia para si, seja leitor, para poder ler aos outros e servir de modelo aos seus discípulos, pois estes ao verificarem que o seu professor tem

hábitos profundos de leitura, tudo farão por imitá-lo. Tal acto levará a um outro acto, que para alunos de tenras idades se apresenta de vital importância: o acto de agradar ao mestre.

“Como negar que o empenho do discípulo em satisfazer os desejos do Mestre, em conformar-se aos seus ideais, pode levar à *praxis* e à realização? “Segue em frente”, diz o Mestre, e o “crime necessário” pode estar eminente. (...) O Mestre tem nas mãos o mais íntimo dos seus alunos, a matéria frágil e incendiária das suas possibilidades – toca na alma e nas raízes do ser, (...) ” (Steiner, 2003)

“Cualquier profesor, amante de la lectura, con una buena selección de libros y de otros documentos y con un presupuesto mínimo para ir actualizándola, es capaz de despertar inquietudes lectoras en sus alumnos desde edades muy tempranas.” (Trullas, 2000:45)

O que, frequentemente, acontece no 1º ciclo é que o professor, ao verificar que a criança aprende a ler de forma autónoma, deixa de ler em voz alta, contar histórias, temendo cultivar a facilidade e dissuadir de quererem ler sozinhos. E isso é um erro, pois, em grande parte dos casos, ocorre exactamente o contrário. A ponderabilidade do livro, a sua legibilidade e poder de sedução não devem ser relegados para segundo plano em favor de uma exclusiva concentração no texto.

Num quadro de promoção de leitura o professor não deve ter receios: deve ler para os seus alunos, deixá-los ler, escolher, mexer, porque esse é o único caminho para sermos bons leitores, desenvolver um bom estilo de escrita, um vocabulário adequado. Ler é o melhor caminho para sermos bons falantes.

A Biblioteca Escolar será um dos espaços (consideramo-la o coração da escola) de leitura agradável e despreocupada, que auxilia o professor da turma nesta tarefa árdua de ensinar a gostar de ler. E assim como o aluno precisa do seu professor para ser orientado na sua aprendizagem e escolhas, o professor não pode descurar a oferta da BECRE da sua escola num projecto de promoção da leitura e recorrer ao professor bibliotecário, encarregado da gestão e organização da BECRE.

Assim como a BECRE é o coração da escola, o professor bibliotecário é a principal artéria que permite este coração funcionar. A receita de sucesso da sua actividade prende-se nas relações que mantém com todos os professores, o apoio e orientação que lhes presta.

Defendemos, deste modo, que o responsável pela biblioteca escolar tem um papel determinante na escola, o que obriga a um determinado perfil de competências que deve ser estabelecido ao nível de uma formação adequada.

Formação essa que deverá ser baseada em conhecimentos de biblioteconomia, relações humanas, formação de leitores, formação de utilizadores em competências de informação, apoio e dinamização de actividades de leitura no âmbito dos currículos e de lazer.

Segundo IFLA/UNESCO¹⁹ (2002:35), do professor bibliotecário deverá esperar-se que:

- Analise os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar;
- Formule e promova políticas para o desenvolvimento dos serviços;
- Desenvolva políticas e sistemas de aquisição para os recursos da biblioteca;
- Catalogue e classifique documentos e recursos em geral;
- Forme para a utilização da biblioteca;
- Forme nas competências de literacia da informação e de conhecimento da informação;
- Apoie alunos e professores na utilização de recursos da biblioteca e de tecnologia da informação;
- Dê resposta a pedidos de referência e de informação utilizando os materiais adequados;
- Promova programas de leitura e eventos culturais;
- Participe em actividades de planificação relacionadas com a gestão do *curriculum*;
- Participe na preparação, promoção e avaliação de actividades de aprendizagem;
- Promova a avaliação de serviços de biblioteca enquanto componente normal e regular do sistema de avaliação global da escola;
- Construa parcerias com organizações externas;
- Prepare e aplique orçamentos;
- Conceba planeamento estratégico;
- Faça a gestão e a formação da equipa da biblioteca;

¹⁹ **DIRETRIZES DA IFLA/UNESCO PARA BIBLIOTECAS ESCOLARES**; Título original: *The IFLA/Unesco School Libraries Guidelines* - <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/school-guidelines.htm>; Tradução em Língua Portuguesa (Portugal) por Maria José Vitorino, Vila Franca de Xira, 2006 (RBE): http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=SchoolLibraryGuidelines_pt.pdf [consultado em 25 de Março de 2008, às 18 horas]

A este professor é exigida uma dinâmica e uma energia que em nada o diferenciam da necessária aos seus colegas em exclusivo exercício de docência. Para responder a toda esta exigência cremos que deverá ser culto, aberto, activo e, principalmente, amante da leitura literária. Consideramos que as leituras deste professor, à semelhança dos outros, a sua maneira de estar e pensar perante a leitura condicionarão as leituras dos seus alunos, o desenvolvimento do gosto e do desejo de ler. Só quem ama verdadeiramente a leitura, consegue mostrar o que é amá-la e desejá-la, tornando-a um vício bom:

“O bibliotecário (...) é importante que possua uma formação técnica, o mais profunda e actualizada possível, mas é muitíssimo mais importante que seja um leitor convicto e seduzido pelo mundo dos livros infantis (...)” (Sobrinho, 2000:64)

O professor bibliotecário com perfil e formação adequadas detém um papel fundamental na promoção da leitura:

“A preparação e a paixão dos que nela (biblioteca escolar) trabalham são fundamentais na criação de estímulos à leitura (...)” (Annabela Vaz, *in* Leitão, 1996:13)

O professor bibliotecário adquire, conseqüentemente, funções de animador de leitura, tendo para isso de cumprir uma série de requisitos que denunciarão o sucesso das actividades que promove:

- Ser um bom leitor, pois assim será mais fácil transmitir e contagiar o hábito de ler: **“A sua bagagem inalienável de pessoa conta muito. Quase tudo.”** (Torrado, 1988: 35)
- Conhecer o meio literário, reciclando-se permanentemente. A formação tem um papel preponderante na preparação das actividades.
- Estar familiarizado com a forma de estar e ser do seu público-alvo (psicologia evolutiva e contexto sociocultural em que se desenvolvem). Será necessário saber fazer um seguimento individualizado de cada jovem para recomendar-lhes as leituras em virtude das suas necessidades e interesses.
- Explorar os seus próprios recursos como a imaginação, a naturalidade e a capacidade de improvisação.

- Saber construir um ambiente agradável que favoreça a comunicação da criança com o livro e entre os próprios jovens e os adultos.
- Oferecer à criança leituras distintas, tendo em conta as várias faixas etárias que atende, e diferentes possibilidades de ler que lhe permitam aceder a um gosto que há-de ser seguido livremente.
- Entusiasmar os pequenos leitores transmitindo conhecimentos e emoções.

Por vezes, nem é necessário preparar actividades extremamente elaboradas e/ou repletas de materiais diversificados.

Recordamos sessões que temos experimentado com pequenos utilizadores em que o único material utilizado é o mais tradicional na Biblioteca. Livros. Os pretextos são, por exemplo, conversar sobre “O Branco dos Livros” ou “O Livro que mora no meu coração”. Nestas actividades é pedido à criança que procure um livro numa das estantes, depois fala-se sobre o livro e o seu leitor, lêem-se pequenos excertos, procura-se resposta a questões que vão surgindo, tenta-se “vender” os gostos e interesses aos restantes ouvintes. Concluindo: escolhe-se, selecciona-se, lê-se, opina-se.

Actividades simples que requerem do professor bibliotecário formação enquanto mediador de leitura, conhecimento/apropriação do acervo da biblioteca que gere e das preferências do seu público.

Ouvir os alunos, reflectir, atender os seus desejos, interesses e expectativas, abrir o leque de opções, parece-nos uma boa perspectiva.

Já com alunos mais velhos (a partir dos 8/9 anos) é também muito estimulante a concretização de “Comunidades de Leitores”. Nestas sessões a leitura adopta um carácter reflexivo, mas ao mesmo tempo divertido e descontraído. À criança é proposta (uma forma camuflada de impor leituras, que se revela positiva) a leitura de um livro. Na semana seguinte conversa-se sobre as emoções/sensações provocadas pela leitura desse livro, conversa-se sobre o autor, aquela frase que ficou no pensamento ou fez lembrar uma situação passada, que apetece relembrar e falar. E, assim, descontraidamente, se lê e se desenvolve a capacidade de intervir, reflectir, enfim, bem falar.

Se recordarmos Pennac, na sua obra *Como um Romance*, em que, genialmente, consagrou os direitos do leitor, entre os quais “Não falar do que se leu”, pode parecer que esta actividade provocará renitência nos intervenientes, sobretudo porque os livros têm o poder de nos tocar profundamente.

No entanto, temos verificado que falar dos livros e do que se leu desta forma descontraída, se torna divertido e enriquecedor.

No final de mais uma “Comunidade de Leitores” em que perguntamos “O que acharam desta experiência?”, a resposta é generalizada: “Muito Boa! Excelente! Adorei! Adorámos!” A esta resposta segue uma pergunta: “Não vamos voltar aqui?” a que respondemos: “Sim, mas só com o vosso professor, há muitas leituras ainda por descobrir.”

Nesta actividade há uma premissa: o livro que se leu está sempre presente, juntinho ao leitor e outros livros estão convidados. Porque em cada sessão se fala do livro, com o livro para mostrar, folhear, ler e partilhar. Aqui entra também outro aspecto, que já evidenciámos anteriormente: a leitura em voz alta.

Junto de crianças mais pequenas (alunos do pré-escolar e das turmas de iniciação à leitura) recomendamos outras actividades, também simples, mas mais associadas à imagem e à exploração da ilustração dos livros: conto ou leitura de pequenas histórias, como são exemplo *Galinha Ruiva* e *Coelhinho Branco*. São histórias simples e deliciosas que têm captado a atenção de gerações. A estas histórias se associamos uma apresentação audiovisual, um pequeno teatro de sombras ou de fantoches de vara, o sucesso vai ser garantido. Os livros que originaram estes momentos não irão parar de circular entre pequenas mãos ávidas de histórias maravilhosas:

“Esta dramatização estimula as crianças a reagir às imagens e sons da narração ou leitura de histórias” (Kuhlthau, 2002:64)

E, caminhando neste percurso, conseguem-se atingir outros objectivos que todo o professor considera pertinentes: promover, junto da comunidade educativa, a competência de leitura, hábitos de pesquisa, gosto pelos livros, ajudar a fazer frente ao analfabetismo funcional.

Do mesmo modo, o professor bibliotecário não será apenas um professor que ensina a gostar de ler, mas será, fundamentalmente, aquele que proporciona momentos de leitura apaixonada, descontraídos e motivadores de outras leituras.

E entre estes momentos consideramos também os de “contar contos”, muito embora compreendamos a difícil arte que encerram:

“Mas (...) a verdade é que nem todos são bons contadores de histórias e temos, que recorrer ao texto escrito.” (Costa, 1989:98)

Em suma, enquanto animador de leitura, o professor bibliotecário deverá ser capaz de:

- Criar um ambiente descontraído, para que a comunicação seja possível;
- Respeitar todas as opiniões dos participantes, mantendo-se apenas como moderador;
- Despertar a criatividade dos participantes com perguntas sugestivas e enfoques originais.

O professor bibliotecário será aquele que auxilia outros professores da escola a cultivar nos seus alunos o gosto pela leitura. É o parceiro do professor da turma e com ele trabalha para formar mais e melhores leitores, cidadãos mais capazes de exercer cidadania, necessariamente mais letrados porque lêem mais.

Ao papel de formação de leitores e promotor de leituras, o professor bibliotecário, soma, assim, o papel de formador de professores, inculcando nestes últimos atitudes que consideramos essenciais:

- Fomentar a liberdade de escolha de leituras dos seus alunos, sem imposições, nem pressões;
- Respeitar o facto de estes quererem, ou não, emitir as impressões sobre as leituras que fizeram;
- Respeitar o ritmo de leitura de cada um dos seus alunos;
- Saber reconhecer a qualidade dos livros que dá a conhecer aos seus alunos.

2. Animação de Leitura: Como e porquê

O professor bibliotecário tem à sua responsabilidade o exercício de uma série de tarefas, entre as quais, consideramos destacar a de dinamizador da leitura. O professor bibliotecário surge, assim, como proporcionador de “pontes”, mediador da leitura, que vê o acto de ler como um elo vital e uma experiência da vida essencial para os estudantes:

“Na realidade, o que pretendemos com a animação leitora é encurtar a distância entre as pessoas e os livros, para estabelecer uma convivência prazenteira entre ambos dentro do universo da leitura.” (*nossa tradução*, Cerrillo, 2001:60)

O professor bibliotecário sabe que a leitura traz prazer e divertimento, reforça o crescimento, expande a nossa experiência de vida, ajuda a desenvolver a empatia por outras culturas e permite viajar, apurando os cinco sentidos da nossa imaginação.

Num quadro de promoção de leitura, quem tem por função conduzir os mais jovens aos caminhos da leitura, tem de se tornar um “feiticeiro” que procura adquirir poções mágicas capazes de persuadir o jovem leitor a compreender a leitura como uma boa, serena e fiel companhia ao longo da vida:

“Promover a leitura, no sentido pleno do tema, passa por propiciar o domínio de técnicas de identificação da literariedade, mas implica a aprendizagem da criação e da gestão do silêncio adequada à leitura e, ainda mais, a alimentação de mecanismos estimuladores da criatividade e de crítica” (Maria José Vitorino *in* Teixeira, 2007:13)

A biblioteca escolar, por seu turno, apresenta-se como uma portagem, uma etapa, que ajudará ambos – feiticeiro e aprendiz/leitor – a percorrer com uma avidez, paradoxalmente, serena, a auto-estrada que leva o indivíduo até outras “portagens”, onde estarão novos feiticeiros à espera de aprendizes mais maduros e motivados para a leitura.

O que poderão então fazer estes feiticeiros?

O mediador deve, conscientemente, actuar com uma atitude de compreensão e respeito ilimitado à liberdade da criança, tentando descobrir as suas necessidades e atender aos seus pedidos:

“O bom bibliotecário escolar conversa com as crianças sobre as suas leituras, anima, sugere e orienta, mas sem perder de vista que nunca pode cercear a liberdade de escolha dos livros, e muito menos, a liberdade de ir ou não ir à biblioteca.” (Sobrino, 2000:64)

Após tomar consciência que num quadro de animação da leitura esta última deve ser encarada como um hábito e não como uma exigência, deve procurar informação e formação para melhor poder atender às necessidades dos pequenos leitores. Segue-se a

preparação de actividades, devendo o animador ter também em conta o que não deve ser feito:

- Opor o livro a outros instrumentos, como são exemplo a televisão ou as TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), uma vez que estas proporcionam outros tipos e momentos de leitura - existe espaço para todos no desenvolvimento da criança;
- Objectivar a actividade no “ler para aprender”, aplicando durante a actividade uma série de exercícios escolares, que fazem com que ler não se identifique como um prazer, mas sim como uma situação de trabalho obrigatório e, em geral, enfadonho:

“Se se der numa situação, se o livro for assassinado ao ser relegado para a condição de instrumento de exercícios (cópias, resumos, análise gramaticais, etc., etc.) sufocado pelo mecanismo tradicional «interrogação-juízo», poderá nascer daí a técnica da leitura, mas não o *gosto*.” (Rodari, 1997:175)

- Atribuir ao livro um sentido demasiado sério, em contraposição ao jogo, ao lúdico;
- Obrigar a ler e não actuar como modelo;
- Preencher os espaços vazios do “trabalho sério” com fugazes momentos de leitura. Damos como exemplo: deixar a leitura da história para aqueles minutos que antecedem a saída da sala de aula;
- Reduzir as actividades de animação de leitura a actos culturais em torno do livro – o fomento da leitura não deve, apenas, ficar-se pela organização de festas, jornadas, feiras;
- Não limitar as sessões de animação a esporádicas “actuações”, que pouco evocam o livro e que estão, no fundo, apenas destinadas ao entretenimento dos espectadores. Apesar do seu aparente sucesso, ao não estarem baseadas numa continuidade, acabam por não incentivar às práticas de leitura que se esperam ver atingidas;
- Após a leitura/conto de uma história fazer um “prolongamento pedagógico” em nome da interdisciplinaridade. O conto é e será sempre o culminar de algo, nunca o princípio de:

“ (...) qualquer intenção didáctica ao contar um conto de fadas pode destruir, deitar por terra, todo o valor que o conto encerra.” (Costa, 1989:107)

Por outro lado, segundo **Eleanor B. Howe**, na **IASL Reports-2004** (162-168), existem uma série de estratégias a aplicar quando se pratica uma actividade de leitura em voz alta junto de crianças, as quais consideramos pertinentes e destacamos:

- O professor/mediador deve fazer sempre uma pré-leitura de forma a planificar com afinco a hora do conto. Nessa planificação os objectivos deverão estar centrados no desenvolvimento das capacidades de ouvir e compreender.
- A Hora da história, ou do conto, deverá surgir como uma experiência prazenteira e uma experiência literária, recorrendo a literatura de qualidade, pois só assim se consegue desenvolver capacidades linguísticas de quem ouve, assim como uma apreciação literária.
- Criar um ambiente de conforto, que facilite a proximidade entre leitor e ouvinte, em que o primeiro adopte uma posição relaxada.
- O professor/mediador tem de gostar das histórias que lê, da experiência de contar histórias e estar com as crianças. O entusiasmo do leitor pela literatura e a realização de actividades criativas contagiará os ouvintes.

Estes pontos vêm reforçar o que já temos vindo a evidenciar. O mediador tem de gostar do que está a fazer, saber o que está a ler, transmitir o que sente aos que o ouvem e ouvir o que sentem. Para isso é preciso praticar a leitura em voz alta e, portanto, a leitura partilhada. Porque o bom sabor da leitura vem daí, da partilha de sensações, da exploração dos cinco sentidos.

“The promotion of voluntary reading demands a range of skills in the teacher (...) the teacher must learn to project his own enthusiasm to children and must develop the skill for telling stories or reading books (...). Reading, when enjoyed, gains much from being shared (...)” (UNESCO, 1980:36)

Para esta exploração há que criar ambientes propícios, relaxantes, acolhedores, confortáveis. Para tal é necessário recriar ambientes que transmitam ternura, uma ternura parental, um ambiente de colo:

“Com este enquadramento favorável o professo/mediador de leitura conseguirá promover a leitura e, paralelamente, proporcionar um desenvolvimento da capacidade

crítica, de análise, de conclusão, de reflexão, do questionamento, da observação, de síntese, da capacidade de avaliar, de pesquisar, de relatar, de resumir, de argumentar, por meio de experiências de expressão criadora.” (Marisa Borba *in* Serra, 2002:81)²⁰

As bibliotecas escolares, onde um dos princípios orientadores é, efectivamente, a promoção da leitura, são espaços propícios à criação destes ambientes de acolhimento, animadores de leitura. Ambientes proporcionadores de momentos em que se fala de livros, se lêem passagens de livros, se movimentam livros, se comentam, se criticam **(Silva, 2002:158)**.

Neste sentido vai sendo comum nestes espaços a realização de eventos cujo objectivo fundamental se prende com a sensibilização à leitura dos pequenos leitores: debates e encontros, dramatizações, leituras encenadas, horas do conto, concursos de leitura e escrita. Actividades que têm vindo a ser desenvolvidas cada vez mais nestes dez anos do Programa RBE, que estimulam à participação da comunidade em que a Escola e a Biblioteca Escolar se insere, promovendo a partilha e as parcerias.

Para isso, a Biblioteca Escolar, como já foi por nós referido, deve ser o centro da escola, não devendo passar despercebida e fazendo-se mostrar. Para isso a equipa que a dinamiza deve colocar-se como uma ponte entre professores, alunos e leituras. Para tal existe um sem número de iniciativas **(Silva, 2002, 438-452)** que podem e devem ser promovidas através deste espaço, pelos recursos que este apresenta e pelo espaço físico que condiciona, desde logo, o sucesso das mesmas:

- Sessões de trabalho sobre temas inerentes à Biblioteca e ao Livro – o que é a biblioteca, o que fazer com um livro, como o ler;
- Interacções com a sala de aula;
- Interacções com outras bibliotecas, nomeadamente a Biblioteca Pública;
- Celebração de Dias Internacionais;
- Dinamização de Clubes de Leitura, de Amigos da e das Bibliotecas;
- Exposição de frases sugestivas, sobre leitura, afixadas pela escola;
- Conversas sobre “O livro que não esqueci”;
- Sessões de leitura orientada.

²⁰ Parte de depoimento prestado no Seminário *Ler é Preciso*, I Salão do Livro para Crianças e Jovens, São Paulo, Brasil

Na preparação de uma actividade de animação da leitura o professor (bibliotecário ou de turma, na biblioteca ou não) deverá ainda colocar outra questão: que materiais utilizar?

Numa época de inovação e de recurso frequente a Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), será o livro o único recurso? Ou estará, desde logo, a actividade resumida ao fracasso pela sua exclusiva utilização?

Em busca da resposta consideramos o livro fundamental, muito embora não devendo olvidar-se a possibilidade de ter de recorrer a outros materiais para a animação do livro, ocupando o mesmo um lugar de destaque:

“Numa nova utilização da Biblioteca, não se trata apenas de defender a leitura no sentido tradicional da inevitável competição das tecnologias da informação, mas de utilizar as competências tradicionais da leitura em associação directa com outras competências necessárias para o uso pleno das tecnologias do som, da imagem, da interactividade permitida pelos computadores e, em particular, pela Internet.” (Calçada, 1999)²¹

Aliás a leitura deverá ser sempre feita com o livro e pelo livro. A utilização de outros suportes servirá para enriquecer a leitura deste, conduzindo a novas leituras e outros livros – uma actividade de animação da leitura não pretende a leitura daquele livro, mas a promoção da leitura de outros livros, outras histórias... muitas viagens.

Reportemo-nos, mais uma vez, às nossas experiências:

Quando lemos a história de um livro numa actividade de animação, recorremos a algumas estratégias para que os nossos ouvintes não fiquem “obcecados” apenas pela leitura daquele livro, mas procurem outros livros e leituras (do mesmo autor, da mesma área de conhecimento, da mesma temática, etc.).

Damos a conhecer algumas dessas estratégias:

- Colocar na estante “Destaques” outras opções de leitura para empréstimo domiciliário.

²¹ Parte de depoimento prestado no Encontro sobre Literatura para crianças e jovens “No Branco do Sul, as cores dos livros”, em 1999 (A.A.V.V., 2000: 182)

- Pôr à disposição dos ouvintes durante a sessão, outros livros, para que os possam consultar de forma descomprometida e, posteriormente, os procurarem nas estantes onde moram (termo usado comumente nas BECRE do 1º CEB), lerem em regime de empréstimo ou em livre acesso na BECRE.
- Sugerir que procurem nas estantes livros de acordo com um tema, ou através de um jogo de pistas, para aguçar a sua curiosidade.
- Realizar jogos de pistas: procurar determinados parágrafos ou ilustrações em livros que, atempadamente, numa outra sessão se sugeriram. No final da pesquisa damos pequenos prémios para grandes detectives. Aquilo que poderá parecer-nos simples (certificado, calendário, marcador de livros, vale de desconto numa próxima feira do livro) transforma-se em ouro nas mãos de um pequeno leitor.

Os livros são, assim, excelentes companheiros, muito embora não sejam, únicas fontes de leitura. Têm a capacidade de serem objectos que se refazem sempre que alguém lhes pega, pois cada leitura depende da imaginação e do talento de quem o lê. E fica ali ao alcance da mão, para ser manejado ao bel-prazer de quem entende, sem imposições ou pedidos:

“Permaneça ali, invariável e moldável ao mesmo tempo. Permanece perto, solícito, disponível...” (*nossa tradução*, Carreter, 1988: 88)

A conquista de hábitos de leitura irá trazer outras aquisições importantes para a criança enquanto aluno, mas também enquanto indivíduo, parte integrante de uma sociedade cada vez mais exigente:

“ Deberíamos acostumbrarnos a llenar de libros la vida de los niños teniendo en cuenta como deben aprender a utilizarlos para que sean eficientes, pensando en la parte de herencia cultural que comporta entregarles el libro como un don, sin pretender que ellos, solos, sin ningún bagaje cultural y social, ni experiencias previas, pueden apropiárselas de manera adecuada.” (Trullos, 2000:61)

É lendo que se obtém grande parte das informações consideradas indispensáveis, tanto no cumprimento das funções profissionais e sociais, como nas tarefas do dia-a-dia. É através da leitura que somos confrontados com ideias e mundividências que

enriquecem o nosso património cultural e nos ajudam a reflectir e consolidar opiniões. E é, igualmente, no acto de ler que, por vezes, encontramos um espaço lúdico e de evasão, que abre as portas a uma dimensão tão importante, no homem, como é o da imaginação e criatividade:

“Se o hábito leitor se forma em idades tenras, o seu uso frequente contribuirá para despertar a imaginação, fomentar a sensibilidade, provocar a reflexão e cultivar a inteligência. Com efeito, a leitura estimula e orienta a criatividade, educa e potencia as capacidades mentais. Porque o acto de ler depende de sensações, ideias e factos, com o tempo exige-se do leitor atenção, relação, reflexão, comparação e previsão.” (*nossa tradução*, Equipo Peonza, 2001:27)

Ter o poder de ler é ter a liberdade de escolher, de estar, ou seja, ler é também um acto social, pois o facto de ler (ou não) e o que se leu (ou não) condicionam a nossa forma de estar na vida e de nos relacionarmos com os outros. Não existirá outra capacidade que exerça tão profunda influência na vida do ser humano como a capacidade de ler. A leitura torna-se uma capacidade essencial, um factor capital do desenvolvimento intelectual e estético.

Tendo a leitura um papel tão forte na formação da personalidade do indivíduo, o mediador do processo de aquisição de hábitos leitores tem, também, que possuir algumas preocupações. Deve ponderar quando faz as suas escolhas, precaver-se dos efeitos que as leituras trazem aos que dela se apropriam.

Ao pensarmos nos livros que pretendemos oferecer às crianças temos que ter sempre em mente que não existe obra cultural inocente. Daí que para os leitores não ficarem enredados na concepção do mundo dos outros (do autor, por exemplo), e por ela não serem manipulados, devem ter desenvolvido uma boa capacidade crítica.

É importante, pois, que o mediador escolha bons livros e ofereça uma grande diversidade de livros, diversidade capaz de fazer com que os textos possam ser contestados e equacionados.

É importante que se ofereça uma leitura de livros variados, de culturas e opiniões diversas, com visões do mundo diferentes umas das outras.

Será a diversidade de experiências, vividas e proporcionadas ao indivíduo que lhe proporcionarão a aquisição de um leque de conceitos, bem como um vocabulário. Os quais constituem ferramentas indispensáveis ao sucesso da leitura. Através do

confronto entre a nova informação e a anterior, os leitores ampliam conhecimentos e criam novos saberes. Sempre que um sujeito se encontra perante um texto, a sua compreensão será, necessariamente, afectada pela posição que ele assume relativamente à tarefa da leitura.

Para **Pontes e Barros** (*in* Azevedo, 2007: 71) ler

“ (...) é a competência literária que permite ao leitor estabelecer um diálogo com o texto, inferindo e prevendo, comparando com leituras e experiências anteriores, estabelecendo relações com as mesmas, interpretar e, assim, construir novos conhecimentos. É desta interacção que advém a conquista do pensamento crítico e divergente, a abertura a novos mundos e horizontes, um novo olhar sobre o outro, e, obviamente, um contacto próximo com uma escrita de qualidade, com a riqueza e as potencialidades da língua.”

No entanto, em grande parte dos casos, o jovem leitor não é mais do que um consumidor de palavras, lê, mas não detecta os jogos de palavras, o duplo sentido, não consegue ler entre linhas. O pior é que devora o texto, sem o saborear e recriar, não sabe ler de outro modo, nem aspira a melhorá-lo – não lê por prazer.

“ Uma prática leitora com estas características não contribui eficazmente para a informação crítica e autónoma do leitor, nem tão pouco participa activamente na reestruturação que se produz no seu interior como consequência da leitura.” (*nossa tradução*, Equipo Peonza, 2001:34)

Após se adquirir a vontade de ler por prazer, vários serão os efeitos sobre o leitor: permite-lhe viajar para outros espaços, outros tempos, outros mundos, outras vidas; o livro abre uma janela para a vida na sua complexidade e totalidade; apoia o desenvolvimento afectivo e social do leitor (identificação com personagens e compreensão dos seus actos); permite o desenvolvimento das competências da leitura – quem lê muito, quer ler mais, lê melhor e com mais eficácia.

Ao fomentar o hábito leitor desde tenra idade, está a contribuir-se para despertar a imaginação, a desenvolver a sensibilidade, a provocar a reflexão e a inteligência.

A animação da leitura, aparentemente, despretensiosa e serena, proporcionará momentos agradáveis e memoráveis, mesmo que seja, apenas, proporcionada à criança a

possibilidade de, livremente, visitar as estantes de uma biblioteca, folhear e olhar os livros.

Os intervenientes/produtores das actividades animadoras da leitura devem conhecer a complexidade do acto de ler e tê-la presente quando pretendem auxiliar o ensinamento da leitura. Este não pode limitar-se exclusivamente ao reconhecimento de palavras. O ensino da leitura tem que ser algo mais do que o aprofundar de uma técnica (embora também o seja), não se devendo cair no erro de instrumentalizar a leitura para fins escolares, transformando-a em mais um trabalho, um trabalho como qualquer outro.

Para terminar este ponto consideramos então os objectivos da animação da leitura numa biblioteca escolar.

O objectivo principal da animação da leitura não será propiciar, unicamente, a proximidade das crianças aos livros, é conseguir o hábito leitor, é fazer da leitura um gosto, uma prática de vida, daí que se pretenda, desde o princípio, despertar o interesse pela leitura. Depois deve procurar-se alcançar outros objectivos de maior especificidade: levar o leitor a entender a leitura como uma experiência vital; fazê-lo evoluir de uma leitura passiva e puramente narrativa a uma leitura activa e projectiva; estimular a leitura de produções literárias como bem cultural e como acto de comunicação; desenvolver no leitor uma consciência crítica e selectiva em relação às leituras; levá-lo à aquisição de uma sensibilidade estética, tanto no plano literário como na manifestação artística que representam as ilustrações, que adoptam cada vez mais um papel promotor e motivador para a leitura, principalmente dos mais pequenos:

“Durante todo o Ensino Fundamental o partilhar leituras com os alunos deve ser constante, assim como a frequência às bibliotecas da classe, da escola e da comunidade devem ser incentivadas e uma sinergia deverá ser buscada. Envolver toda a comunidade escolar em Feiras do Livro, visitas a livrarias e bibliotecas, debates e reuniões informais, projecção de filmes e vídeos, contação de causas e histórias, conversa com autores e ilustradores, será uma ferramenta fundamental para o exercício da cidadania e para a construção de uma sociedade democrática e multicultural, porque leitora crítica.” (Marisa Barbosa *in* Serra, 2002: 74)²²

²² Parte de depoimento prestado no Seminário *Ler é Preciso*, I Salão do Livro para Crianças e Jovens, São Paulo, Brasil

A Biblioteca Escolar torna-se, assim, um utensílio colectivo que torna acessível o seu saber a toda a comunidade, sendo cada utilizador o que mais beneficia desse saber e da imaginação e criatividade que dele emana.

A Biblioteca proporciona, dentro da própria escola, uma descolarização da leitura, promovendo, ao invés, o seu verdadeiro sentido: uma leitura de informação, de divertimento, de cultura, de formação:

“Cada leitor que uma biblioteca ajude a criar é um passo no sentido da consolidação de uma sociedade mais culta e mais empenhada na aquisição de saberes e de conhecimentos.

Ninguém põe em causa a importância das novas tecnologias, nomeadamente a utilização deste novo e fantástico equipamento que é a internet, mas sem o livro e sem a leitura dificilmente se consegue o grau de reflexão e ponderação que caracterizam um verdadeiro Leitor.” (Grilo, 2006)²³

3. Leitura e Biblioteca Escolar

As bibliotecas foram, são e serão sempre espaços de leitura. No entanto, hoje a postura do leitor é diferente do que foi e será diferente do que virá. O livro, fundamentalmente no que toca à literatura para a infância, proporcionador de leituras agradáveis e que chama a atenção do leitor não é o livro de outros tempos.

Consequentemente, os leitores evoluem assim como os suportes e as formas de leitura.

Hoje a oferta é muito variada, a ilustração da obra ganha uma importância redobrada. Surgem, para os mais pequenos leitores, livros só com imagens, aqui e ali uma ou outra onomatopeia. Não deixando, contudo, de serem excelentes livros, capazes de conseguirem o estímulo à imaginação e criatividade, e simultaneamente capazes de permitir o enriquecimento vocabular e a uma boa formação leitora.

Tal como os livros, também as bibliotecas de hoje são muito diferentes de há 20 anos. Também elas ganharam cor e outras vidas. Continuam a ser espaços de leitura, mas proporcionam mais e diferentes leituras.

²³ Parte de Depoimento feito em 18 de Outubro de 2006, no âmbito das comemorações de 10 anos da RBE, pelo Professor Doutor Eduardo Marçal Grilo: www.rbe.min-edu.pt/np4/178.html [consultado em 25-08-08, às 19 horas]

As bibliotecas de ontem seriam para os jovens leitores de hoje lugares pardos, compostos por uma sala, com estantes, muitas vezes fechadas à chave, onde se encontravam livros quase que incolores, muito arrumadinhos e onde, espalhados por essa sala, se encontravam pequenos quadros de letras garrafais, dizendo SILÊNCIO.

Na década de 90 do século passado dá-se o fenómeno da multiplicação das Bibliotecas, onde as “salas pardas” repletas de livros, quase que intocáveis, deram lugar a amplas salas bem iluminadas com livros que, com um simples toque, começavam a cair nas mãos do leitor mais envergonhado.

A biblioteca, para além de um espaço que junta uma colecção de obras literárias, passou também a ser um espaço composto por salas para todos os gostos e idades, que nos últimos quase vinte anos tem permitido que toda a família possa passar uma tarde, ou mesmo um dia, por entre paredes e livros sem delas se cansar.

Hoje, século XXI, quando nos dirigimos às Bibliotecas, verificamos que muita coisa mudou nestes últimos vinte anos e as salas de Literatura Infantil são aquelas que mais revelam essa mudança: encontram-se activas e borbulhando, porque ao longo do dia estas salas ganham vida e convidam. Os livros arrumadinhos ficam, no fim de um dia, espalhados pelas mesas e pelos cestinhos coloridos, o canto dos jogos assemelha-se a uma macedónia, onde se fazem novos amiguinhos, e o pequeno utilizador descobre que até pode levar um pedaço daquele bolo imenso de livros, CD's, DVD's...

Terá sido neste contexto que em 1996 surge o programa da RBE, criando-se Bibliotecas Escolares à imagem das Bibliotecas Municipais.

As bibliotecas escolares de hoje, pouco ou nada, têm a ver com as bibliotecas escolares de há vinte anos, meros depósitos de livros, de difícil acesso, basicamente proibidos a alunos.

Desde a criação do programa RBE têm surgido bibliotecas proporcionadoras de bons momentos de leitura, quer dentro das mesmas, quer no espaço exterior, no recanto do aconchegante quarto da criança, permitindo, inclusivamente, mais momentos de colo.

Ao aluno é-lhe proporcionado escolher como e onde quer ler, de modo mais formal ou não, dentro da biblioteca ou na sua casa.

3.1 Leitura na Biblioteca Escolar

A leitura na BECRE faz-se de várias formas, em diversos suportes, com ou sem a orientação do professor bibliotecário.

Quando a criança se dirige à BECRE para ler encontra um espaço livre de censuras, que permite o recurso ao livro de forma livre, quer como repositório de conhecimentos e instrumento de pesquisa, quer como fonte de prazer **(Gomes, 1996:35)**. Aqui o pequeno leitor não se vê obrigado a dar conta, nem ao professor, nem aos colegas, do que lê. Pelo contrário, lê o que quer, como quer e com quem quer, podendo folhear o livro a seu bel-prazer e, se o desejar, requisitar para ler em casa.

Por aquilo que vimos observando, garantimos que ver pequenos usuários a lerem, folhearem, partilharem livros numa biblioteca escolar é uma imagem deliciosa e que encanta qualquer amante da leitura.

Dentro deste espaço a criança pode escolher ler livros de fantasias ou outros que lhe proporcionem conhecimentos mais científicos ou que lhe transmitam meras curiosidades. Mas à criança é também dada a oportunidade de ler outros suportes, que nem sempre se lhe encontram disponíveis fora deste espaço: jornais, revistas, filmes vídeo, áudio-livros, todos eles também em suporte informático:

“A respeito da leitura (...) a biblioteca escolar apresenta-se como espaço idóneo que oferece uma multiplicidade de textos (informativos, periódicos, literários...) e uma grande variedade de formas de ler: para encontrar uma notícia, para realizar um trabalho em profundidade, para apresentar uma notícia, para justificar uma opinião.” *(nossa tradução, Guerrero, 2002: 45)*

No entanto, o professor bibliotecário não é isento neste processo de selecção de leituras.

Embora se pretenda a neutralidade do professor bibliotecário face às escolhas dos utilizadores da BECRE, este acaba por ter um papel decisivo (e subtil, ao mesmo tempo) nas escolhas das crianças. O que acontece na realidade é que as escolhas do professor bibliotecário, a promoção dos livros e das leituras que este escolhe, a forma como guia a criança através da cultura do material impresso e dos valores que esse material exhibe **(Azevedo, 2006:19)**, influi, consideravelmente, nas decisões dos mais pequenos. Acontece, frequentemente, após uma actividade de animação da leitura, o

livro, ou os livros, abordados viajam de leitor em leitor, sem grandes momentos de pausa entre uma mão e outra. Este facto, consideramos nós, é dos mais relevantes no papel desempenhado pelo professor bibliotecário – dar a conhecer variedades de leitura e aconselhar o leitor, mas fazendo-o com subtilidade, sem que o espectro da obrigatoriedade interrompa este processo.

“A biblioteca escolar promove a literacia através do desenvolvimento e do encorajamento da leitura para fins educativos e de divertimento. A leitura, as actividades de observação e de escuta, tudo estimula o interesse da criança pela leitura.” (Vitorino, 1998:27)²⁴

Desta forma a biblioteca da escola apresenta-se como um espaço de encontros felizes com os livros e as histórias que eles contam, num ambiente favorável à leitura (Sequeira, 2000:16). Este espaço possibilita experiências de leitura agradáveis, num ambiente livre de constrangimentos. Daí a importância da forma como se organiza, gere e apresenta uma BECRE.

Os responsáveis pela BECRE, neste aspecto, devem ter em mente três condições básicas: quantidade, qualidade e conforto:

Quantidade, no que concerne a fundos abundantes que consigam dar resposta aos interesses das crianças com idades e “quereres” diversos.

Qualidade, uma vez que há que apresentar e oferecer bons livros. Aqui é fundamental que o professor bibliotecário e restante equipa se reciclem, façam formação, visitem livrarias, se aconselhem.

Conforto, mantendo a biblioteca como um espaço acolhedor, estimulante, aberto, não só no que respeita ao espaço físico, mas também ao ambiente emocional.

²⁴ Rede de Bibliotecas Escolares (RBE): <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/?newsId=74&fileName=mjvfoco.pdf>, [consultado em 25 de Março de 2008, às 17 horas]. Documento da autoria de Maria José Vitorino, *BIBLIOTECAS, MEDIATECAS, CENTROS DE RECURSOS NAS ESCOLAS – COM QUEM? Orientações de apoio à concepção e gestão de formação contínua de professores*, Lisboa, Julho de 1998

Consideramos aqui aspectos fundamentais para uma boa organização e gestão da BECRE:

- A biblioteca escolar deve, em primeira instância, funcionar em regime de livre acesso, de forma a encorajar a procura autónoma de informação.
- A biblioteca escolar deve facultar leitura presencial, empréstimo domiciliário, para as aulas, interescolar.
- A equipa da BECRE deve elaborar com fundamento, decorrente da observação e da avaliação do funcionamento deste espaço, uma Política de Desenvolvimento da Colecção. Neste documento estão presentes um desenvolvimento equilibrado e programado, um planeamento de prioridades / orçamento, uma selecção e um relacionamento com a comunidade educativa e público em geral.
- Esta mesma equipa deve procurar também responder às propostas apresentadas no plano de acção da BECRE, renovando-o regularmente e vencendo os obstáculos, que surgem naturalmente, do seu funcionamento.
- A biblioteca escolar deve voltar-se para fora das suas paredes em diversas ocasiões: Semanas da Leitura enriquecidas com exposições abertas à comunidade; visitas de pais, avós e familiares próximos para a leitura ou conto de histórias; Feiras do Livro; Encontros com escritores abertos à restante comunidade.
- A BECRE deve ser o centro de animação da leitura, dotada de todos os recursos necessários (espaço, pessoas, horário, normas, etc.) quer para uma animação literária, quer para uma animação de carácter científico e/ou informativo (não ficcional, portanto).

A Biblioteca Escolar é um espaço privilegiado para a formação de leitores e, por consequência, escritores. Para tal é preciso tornar-se também um espaço que funcione, permanentemente em construção e actualização, onde se permita a negociação de ideias entre todos os intervenientes: equipa, professores, alunos, funcionários, comunidade em geral.

“São requisitos indispensáveis das novas bibliotecas a existência de espaços funcionais adequados e devidamente equipados; a constituição de colecções documentais coerentes, pluralistas, isentas de qualquer forma de censura, regularmente actualizadas e

renovadas, que cubram todas as áreas de conhecimento, organizadas em livre acesso e que permitam o empréstimo (...)” (Henrique Barreto Nunes, *in* Lopes, 2007: 32)

3.2 Empréstimo Domiciliário

Mesmo na biblioteca do 1º ciclo é feito com regularidade e hábito o empréstimo domiciliário de livros, permitindo à criança levar consigo um pedacinho do encantamento que a biblioteca oferece.

A postura descontraída de leitura que a BECRE permite continua em casa, ou onde a criança o desejar.

Seguindo a mensagem do Plano Nacional de Leitura, implementado em 2006, e com o qual a Biblioteca Escolar colabora, esta actividade proporciona momentos de leitura em qualquer lugar: “ler na escola, ler em casa, ler em família, ler mais”.

Ao permitir o acesso aos livros da biblioteca fora desta é permitido ao leitor um desenvolvimento, completamente descomprometido, de **“competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como o alargamento e aprofundamento dos hábitos de leitura”** (Fragoso *in* JL, Julho 2008:1).

Este empréstimo, à semelhança de qualquer biblioteca pública, permite o acesso ilimitado dos livros de que mais se gosta e a que, possivelmente, não se conseguiria aceder de outra forma. Permite à criança uma apropriação mais demorada e exaustiva dos livros, pois consegue sozinho tocar, olhar, examinar o livro, escolher excertos, saboreá-los de forma intensa, reler, amar as suas personagens repetidamente, recordar aquele momento na biblioteca que captou a sua atenção durante uma actividade de animação, sacia a sua fome de informação sobre os assuntos que mais o cativam, sem o espectro de “ter que”.

Do mesmo modo, esta actividade da biblioteca escolar permite ainda a criação de pontes entre a escola e a família, pois é um pedaço da escola que entra no seio familiar e que pode ser usufruído por todos, de forma descomprometida, sem obrigatoriedades, proporcionando ao mesmo tempo momentos de afecto e mimo.

Tendencialmente, a família valoriza mais a leitura que serve para algo, a leitura como fonte de conhecimento. Por vezes, considera mesmo a leitura literária como uma perda de tempo, não se quedando pela compra de obras a ela relacionadas. Este é mais um aspecto que, comumente, é contrariado pela criança após o empréstimo feito na biblioteca.

Consequentemente, os livros que a criança leva para casa dão a conhecer à família os seus gostos, as suas preocupações e anseios, os seus sonhos, as viagens que gosta de fazer pelos caminhos da leitura.

A possibilidade que é dada à criança de levar consigo alguns livros da biblioteca proporcionará também o desenvolvimento da leitura autónoma que tanto se defende, principalmente no seio da sala de aula, pelo professor da turma.

O livro que a criança lê em sua casa irá, igualmente, proporcionar momentos de leitura silenciosa, que se espera ver repetidos pela vida fora.

Por outro lado, a biblioteca escolar, ao proporcionar o empréstimo domiciliário, fomenta hábitos que se pretendem levar para a biblioteca pública.

A melhor forma da BE complementar o uso da biblioteca pública é tornar os seus alunos melhores usuários.

É desejável que as bibliotecas escolares, nas suas dinâmicas proporcionem também momentos de reflexão e discussão após o empréstimo dos livros, promovendo actividades designadas por Roser e Martinez (*in Azevedo, 2006: 59*) como *book-talk*, ou leitura independente, a partir de obras seleccionadas quer pelos alunos, quer pelos professores (bibliotecário e de sala de aula) e objecto posterior de discussão e partilha. Estas actividades dão, assim, origem a uma comunidade de leitores, em que a estes é dada a possibilidade de aceder, sem constrangimentos e com tempo, a um leque variado de obras apelativas e, preferencialmente, portadoras de alternativas cultural e linguisticamente enriquecedoras relativamente aos seus saberes, obras essas disponíveis na biblioteca escolar. Estas leituras iniciadas em casa, são, igualmente partilhadas no seio familiar.

Em resumo: a leitura domiciliária proporciona vivências em que todos os actores (alunos, pais, professores) experimentam uma interacção activa com a leitura e a literatura.



Como já referimos anteriormente, a biblioteca de uma escola é um espaço privilegiado para a formação de leitores e por várias razões: pela funcionalidade dos espaços, pelo acervo e equipamento que oferece, pelas preocupações do professor bibliotecário e da sua equipa quando preparam e concretizam as actividades de

animação de leitura com um propósito promotor e motivador para a leitura, pela capacidade que tem de promover parcerias e redes entre escolas, bibliotecas, agentes culturais, família, entre outros.

Procura-se que uma biblioteca escolar não seja só formada por livros, mas também por uma série de serviços e de organizações internas que permita aos leitores aceder à riqueza do mundo através da diversidade da palavra e da imagem que nos oferecem os livros.

A biblioteca escolar consegue, de forma descomprometida, dar atenção às necessidades geradas em todas e cada uma das aulas, em todos e cada um dos leitores que recorram a ela, um lugar privilegiado no coração da escola, para encontros bibliográficos, académicos, pedagógicos, lúdicos e organizativos da comunidade.

As bibliotecas pretendem-se espaços onde se permita desenvolver, naturalmente tendo em conta as motivações dos seus utilizadores, as suas capacidades intelectuais de reflectir e pensar criticamente. Nelas deverá ser fomentada uma leitura praticada em liberdade, de forma determinada, favorecendo a descoberta de ideias e de valores, instigando ao debate aberto e livre, ao conhecimento, à criatividade.

Consideramos que o desenvolvimento da capacidade criativa, associada à leitura de bons livros de literatura, proporciona um desenvolvimento mais pleno do indivíduo. E o que melhor pode ambicionar um professor para os seus alunos?

O trabalho realizado nestas bibliotecas é vital para a difusão da cultura do livro. Se, por um lado, cumprem funções de centros de documentação e informação – promovendo a aprendizagem autónoma – por outro lado, convertem-se em espaços para o ócio ao potenciar a prática da leitura como fonte de prazer e diversão.

À frente destas bibliotecas terão de estar professores, com perfil, formação, vontade de aprender e motivar outros, verdadeiros mediadores e dinamizadores da leitura, conscientes que no campo da promoção da leitura é necessário optimismo, espírito criativo e partilha: nas suas mãos está o sucesso de levar pequenos leitores a encontrar as suas leituras. Leituras que encontrarão outras levando a um círculo vicioso, mas extremamente saudável.

Esses professores apresentam-se, assim, como condutores de uma biblioteca escolar que na sua relação dinâmica com a escola participa decididamente na formação de leitores autónomos, e na construção de cidadãos dignos, respeitosos, tolerantes e criativos perante a diversidade e adversidade do mundo.

Em resumo: a biblioteca escolar é uma porta de entrada ao mundo do prazer da leitura, ao mundo dos conhecimentos, ao mundo de outros mundos, de outras realidades.

Com ela e através dela é possível (Trullos, 2000: 41-42):

- Criar leitores de qualidade.
- Fazê-los descobrir as possibilidades de desenvolvimento pessoal que a leitura contém.
- Ajudá-los a desfrutar dos livros e a descobrir o prazer de ler
- Desenvolver capacidades que são intrínsecas ao processo leitor.
- Fazer com que descubram a leitura como fonte de informação, criatividade e saber.
- Aumentar e desenvolver a auto-estima enquanto leitores.
- Dar-lhes ferramentas para se tornarem mais críticos.
- Satisfazer as necessidades leitoras, tendo em conta a idade, situação social e cultural de cada criança.
- Contribuir para a autonomia dos alunos, dando-lhes liberdade na hora de escolher as suas leituras.

A Biblioteca Escolar é o palco, o ponto de encontro, de momentos de promoção da leitura, onde actuam – ou deverão actuar – mediador (o professor bibliotecário e o professor da turma), o livro, o leitor, a família e toda a comunidade envolvente.

E na mente de todos os que se ocupam e preocupam pela promoção da leitura, com o objectivo final de formar leitores, deve residir a ideia de que **o livro é o animador real da leitura.**

“O sonho é a reflexão do homem que se interroga e é, ao mesmo tempo, o que cada um faz da sua angústia, com a ajuda da cultura.”

João dos Santos

III – A Biblioteca Escolar no concelho de Vila Franca de Xira

1. Enquadramento histórico-geográfico

1.1 – Caracterização do concelho de Vila Franca de Xira

O Concelho de Vila Franca de Xira estende-se ao longo das margens do rio Tejo ocupando uma área de 293,88 Km². Administrativamente está dividido em doze freguesias: Alhandra, Alverca, Cachoeiras, Calhandriz, Castanheira, Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria, São João dos Montes, Sobralinho, Vialonga e Vila Franca de Xira:

“O Concelho de Vila Franca de Xira expande-se em longitude por ambas as margens do Tejo, se bem que seja na margem norte, na orla ribeirinha, que se encontram as grandes manchas urbanas e a concentração do vasto tecido industrial. As áreas interiores do concelho são, por sua vez, marcadas pelos resíduos duma contrastante ruralidade.” (Ribeiro, 1997:21)

A referência “Vila Franca de Xira” começa a ser comum nos documentos a partir do século XIV.

Anteriormente, por volta de 1212, tinha sido outorgado o foral a Cira e a Vila Franca, o que faz supor a existência de dois lugares, um no interior com o nome de Cira e outro nas margens do Tejo com o nome de Vila Franca.

A partir do século XIV, o nome que se encontra nos documentos da época é o de Vila Franca de Xira que, conjuntamente com Povos e Castanheira, receberam em 1510, o foral do rei D. Manuel I.

Segundo documentos da época, já nessa altura a relação destas terras com o rio era muito importante uma vez que serviam de locais que asseguravam as ligações de Lisboa com o Alentejo e às terras mais a norte.

Terá sido nos séculos XV e XVI que Vila Franca de Xira toma a dianteira, em relação às restantes localidades ribeirinhas, e coloca-se na encruzilhada das principais vias de comunicação, quer terrestres quer aquáticas e que perdura até aos dias de hoje.

Devido à sua localização estratégica, no século XIX esta região é abalada pelo fenómeno das Invasões Francesas localizando-se em Alhandra o 1º reduto das fortificações, conhecido por linhas de Torres Vedras.

O nome de Vila Franca também ficou ligado à instauração do liberalismo em Portugal com o golpe de estado da Vilafrancada, por D. Miguel, em 1823.

Foi no século XIX, aliás, que o Concelho de Vila Franca de Xira tomou a forma que hoje tem, aquando do reordenamento dos municípios, promovido pelo regime liberal, e com a extinção dos concelhos de Povos, Castanheira, Alhandra, Alverca e Olivais. Mais tarde, em 1926, a freguesia de Póvoa de Santa Iria é anexada ao Concelho.

Em grande parte da área deste concelho o Tejo ocupa lugar de destaque e foi junto a este que se instalaram no século XVIII pescadores oriundos de Ovar, Estarreja e Murtosa. Pescadores conhecidos por “varinos”, que ao longo dos tempos foram passando da pesca para outras actividades, como a comercial, tendo-se misturado com a população vila-franquense e estando hoje perfeitamente integrados.

No fim do século XIX e durante a primeira metade do século XX surgiu outro grupo de pescadores, oriundos da praia de Vieira de Leiria, conhecidos por “Avieiros”. Ainda hoje existem comunidades nas zonas ribeirinhas de Vila Franca de Xira, Póvoa de Santa Iria e Alhandra.

Com a chegada do comboio, nos meados do século XIX, vieram também as indústrias e o consequente impacto das mesmas no desenvolvimento do Concelho. A sua implementação produziu efeitos no crescimento demográfico, passando de 13.000 habitantes em 1864 para 13.600 em 1900 e em 1920 para 21.349 habitantes.

Segundo os últimos censos de 2001²⁵, a população do Concelho era, a essa data, de 122.235 habitantes.

A grande maioria dos habitantes do Concelho na era industrial teve, principalmente, origem em migrações das regiões do Ribatejo, Alentejo e Beiras, à semelhança do que aconteceu em toda a área circundante da cidade de Lisboa.

²⁵ Instituto Nacional de Estatística (INE), http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main .
Recenseamento geral da população. Recenseamento geral da habitação - Censos 2001. Resultados preliminares. Região Lisboa e Vale do Tejo,
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=137687&PUBLICACOESstema=Qualquer&PUBLICACOESmodo=2 [consultado dia 5 de Outubro de 2008, às 11 horas]

Verificou-se também um fluxo migratório do interior do Concelho para junto das zonas ribeirinhas – Vila Franca, Alhandra, Alverca, Póvoa de Santa Iria. No fim da década de 70, a população proveniente das antigas colónias constituía 5,5% da população do Concelho. Estudos da época terão concluído um crescimento da população de cerca de 60% durante esta década.

Em 1950, 33% da população trabalhava na indústria e 32% na agricultura, tendo passado em 1970 a 54% na indústria e 3% na agricultura. Devido aos fenómenos de algum decréscimo na industrialização em 1981, trabalhavam no sector dos serviços 39% da população.

Actualmente a população do Concelho de Vila Franca de Xira é constituída pela segunda e terceira geração dos filhos de migrantes.

Simultaneamente a este desenvolvimento industrial, foi-se desenrolando no Concelho um movimento cultural que se repercutiu até aos nossos dias com a fundação de algumas associações culturais e vários grupos de teatro.

São testemunhas deste movimento cultural nos anos 30 e 40 os escritores Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes que constituíram parte do grupo neo-realista do Concelho de Vila Franca de Xira, tendo com as suas obras documentado a vida dos habitantes desta região.

Alves Redol deixou na antologia poética “Cancioneiro do Ribatejo” quadros representativos sobre a vida nos campos, as relações no trabalho, a faina da pesca e as contradições da sociedade, de que damos exemplos da região de Vila Franca de Xira:

**Homens do mar não são homens,
Varinos homens não são;
Onde chegam os campinos
Abre a terra, treme o chão.**
(Redol, 1950:177)

**Andas tola, andas vaidosa
Em namorar um varino
Também eu tenho vaidade
Em namorar um campino.**

**Eu hei-de ir ao Alegrete
Namorar uma varina,**

**Porque são flores viçosas
Não se encontram na campina.**
(*op. cit.*, 1950:179)

O concelho, devido às vias de comunicação de que usufrui – rio Tejo, via-férrea, estradas EN 10 e A1 – é marcado por uma paisagem industrial que permanece hoje enquanto símbolo de uma história recente, em alguns casos desfazendo-se pela idade e pelo abandono.

O fenómeno da industrialização teve consequências paralelas no que toca a formas de construção específicas, como são exemplo os bairros operários destinados a trabalhadores de algumas das fábricas ou instalações de recreio ou desporto, que ainda hoje se mantêm em funcionamento e com um forte carácter dinamizador:

“O rio, a lezíria e a fábrica foram o húmus que alimentou a diversidade sociocultural presente.” (Ribeiro, 1997:21)

Soeiro Pereira Gomes, escritor do movimento neo-realista, retratou a industrialização da vila de Alhandra:

“Transpunha o portão e esquecia a mãe e o almoço, tonto de entusiasmo pelos tornos, veios e engrenagens em movimento. Quando o tio trabalhava no turno da noite, Maquineta então delirava com a profusão das luzes e o barulho dos motores.” (Gomes, 1991:94)

“A mulher e Deolinda teciam na fábrica; as filhas gatinhavam no esteiro; (...)”
(*op. cit.*, 1991:104)

“Junto do portão da fábrica, vários homens formavam grupo e conversavam em voz baixa. Caras tisonadas e olhos ensombrados, corpos angulosos e aquebrados por fadigas mal vencidas, à espera da sua alvorada... (...)”

O grupo parou ao fim da fábrica, junto do rio. (...)

Só então maquineta caiu na realidade (...) as máquinas ficavam lá atrás (...) ali não chegava a sinfonia dos motores, dos martelos e das bigornas, das correias e tambores. Era a desolação do cais. (...)

Cesto virado, cesto cheio... As vagonetas deslizavam nos carris e o carvão já formava monte no terreiro.” (*op. cit.*, 1991:118-119)

Em 1984 deu-se início ao inventário do Património arqueológico do concelho, tendo-se recenseado 110 locais entre vestígios arqueológicos e património edificado em zonas rurais. Destes achados foi feito o inventário que permitiu ainda listar os núcleos centrais dos aglomerados urbanos desde o paleolítico.

Foi inventariado também o Património Industrial que identificou cerca de 400 unidades industriais.

No final do século passado fez-se o inventário das Quintas do Concelho cujo valor as transformou em pólos de atracção do Turismo Rural.

Quadro 1: Dados do Concelho²⁶

| | Vila Franca de Xira | <u>Grande Lisboa</u> | Unidade | Período |
|----------------------------------|---------------------|----------------------|------------|---------|
| Área Total | 318.45 | 1055.2 | Km2 | 2001 |
| Densidade Populacional | 386 | 3267 | hab/km2 | 2001 |
| População Residente- HM | 122 235 | 3 447 173 | Indivíduos | 2001 |
| População Residente - H | 59 870 | 1 659 215 | Indivíduos | 2001 |
| Edifícios | 14 915 | 731 287 | nº | 2001 |
| Alojamentos Familiares Clássicos | 54 042 | 1 705 660 | nº | 2001 |
| Famílias Clássicas | 44 776 | 1 318 241 | nº | 2001 |

1.2 Caracterização do Ensino no Concelho de Vila Franca de Xira

Em Outubro de 1999 a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, tentando definir um planeamento correcto e integrado dos equipamentos de ensino do Concelho, colocou à discussão pública um documento elaborado pelo Instituto Superior Técnico/ Centros Urbanos e Regionais, coordenado pela Dr.^a Isabel Hall Themido e em que

²⁶Instituto Nacional de Estatística (INE), http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main .
Recenseamento geral da população. Recenseamento geral da habitação - Censos 2001. Resultados preliminares. Região Lisboa e Vale do Tejo
http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=137687&PUBLICACOESstema=Qualquer&PUBLICACOESmodo=2 [consultado dia 5 de Outubro de 2008, às 11 horas]

participaram técnicos da Câmara Municipal e da DREL, a que se chamou “Carta de Equipamento de Ensino do Concelho de Vila Franca de Xira”.

Os alunos distribuíam-se pelas Escolas da Rede Pública e Particular/ Cooperativa, sendo que, só no Pré-Escolar, a Rede Particular/ Cooperativa tem mais significado, abrangendo mais de 80% e cerca de 10% no 1º ciclo. Os outros graus de ensino distribuem-se quase na totalidade pela Rede Pública, estando na Rede Particular / Cooperativa uma percentagem mínima (**Themido, 2000:6**).

Entretanto, em Junho de 2006, essa “Carta de Equipamento educativo” é revista, dando lugar à “Carta Educativa do Concelho de Vila Franca de Xira”²⁷. Na caracterização do equipamento escolar do concelho é indicado:

“No que concerne à evolução do número de estabelecimentos de ensino no concelho, no período lectivo de 1997/1998, Vila Franca de Xira apresentava um total de 104 estabelecimentos de todos os níveis de ensino (...) dos quais 43 e 46 pertenciam à educação pré-escolar e 1º CEB (...) respectivamente, e representavam 85% do parque escolar.

No ano lectivo de 2005/2006 foram inventariados 108 estabelecimentos de todos os níveis de ensino (...)” (Ferreira, 2006:92)

Nestes documentos são também apresentados os objectivos a atingir pela equipa responsável pela Política Educativa:

- **Maior equidade no acesso ao ensino;**
- **Dotação das escolas com espaços pedagógicos adequados e necessários à acção lectiva qualitativa;**
- **Implementação de valências educativas complementares dentro do recinto escolar;**
- **Manutenção de relação de maior proximidade na educação pré-escolar (quando possível);**
- **Eliminação das situações de agregação de turmas de diferentes anos de escolaridade;**
- **Erradicação das situações de desdobramento de horário;**

²⁷ Carta Educativa do Concelho de Vila Franca de Xira – Junho de 2006, <http://www2.cm-vfxira.pt/files/3/documentos/20061109121943703990.pdf>. [consultado a 5 de Outubro de 2008, 12 horas]. Este documento foi elaborado pela *Neoterritório – Planeamento e Ordenamento do Território Lda.*, em estreita colaboração com os serviços técnicos competentes da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

- **Eliminação das situações de sobrelotação e subocupação;**
- **Combate ao crescimento das taxas de retenção através da constituição de uma rede escolar eficaz, dotada das valências educativas complementares e de espaços pedagógicos fundamentais para o sucesso escolar.**

A Carta Educativa de Vila Franca de Xira terá sido elaborada na perspectiva de ser criado um instrumento de gestão territorial que forneça as condições necessárias para responder aos novos desafios. A sua concepção assentou em informações e dados estatísticos de base provenientes de vários domínios: informações e dados urbanísticos e cartografia proveniente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; dados demográficos e socioeconómicos adquiridos através do Instituto Nacional de Estatística e do *Eurostat*; dados recolhidos nos diversos trabalhos de campo. A Carta Educativa de Vila Franca de Xira funciona como um instrumento de planeamento e ordenamento dos edifícios e equipamentos educativos do Concelho, visando desenvolver o processo de agrupamento das escolas.

Na análise deste documento verificamos que, no Ensino Pré-Escolar, a Rede Particular/ Cooperativa, embora tendo diminuído a percentagem de alunos abrangidos – 65% –, continua a ser a que tem mais significado. Esta diminuição deve-se ao facto de a rede pré-escolar pública ter recebido um impulso significativo, aumentando o número de salas de aula e estabelecimentos. No entanto, ainda nem toda a população de idade inferior a 6 anos frequenta este ensino. Estão abrangidas 72,9% das crianças do concelho. A rede de jardins-de-infância públicos encontra-se em situação de ocupação máxima e a lista de espera, em Junho de 2006, na educação pré-escolar ascendia a 2216 crianças (245 na rede pública):

Os outros graus de ensino distribuem-se quase na totalidade pela Rede Pública, estando na Rede Particular / Cooperativa uma percentagem mínima.

No que concerne ao 1º Ciclo do ensino básico são mencionadas nesta carta educativa²⁸:

- **Taxa de escolarização de 82.9%;**
- **54% dos estabelecimentos funcionam em regime de desdobramento de horário;**

²⁸ Op. Cit.

- Taxas de ocupação elevadas fruto do desdobramento de horário, colocando dificuldades à gestão da rede educativa no que respeita às componentes de apoio à família e actividades de enriquecimento curricular;

Nos restantes ciclos de ensino são mencionados, entre outros aspectos:

- 46% dos estabelecimentos de ensino (2º e 3º ciclos) encontram-se em situação de sobrelotação gravosa, destacando-se a EB 2,3 Soeiro Pereira Gomes, EB 2,3 D. António de Ataíde e EB 2,3 de Alverca;
- Taxas de ocupação adequadas e dentro do intervalo óptimo (taxa média do Concelho de 80%).

É também referido nesta carta que:

“ O concelho de Vila Franca de Xira possui 41 escolas do 1º Ciclo do ensino Básico (CEB), das quais 4 estabelecimentos pertencem à rede não pública de ensino.

O número de alunos a frequentar o 1º CEB no conselho cresceu cerca de 7% entre os anos lectivos de 2000/01 e 2005/06, apresentando actualmente uma população escolar neste nível de ensino de 5752 alunos.”²⁹

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO NO CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

Quadro 2: Em 1998/99³⁰

| Graus de Ensino | Pré-Escolar | 1º Ciclo | 2º Ciclo | 3º Ciclo | Secundário |
|-----------------------|-------------|----------|----------|----------|------------|
| Rede Pública | 16 | 40 | 7 | 8 | 6 |
| Rede Particular/Coop. | 27 | 6 | 2 | 1 | 0 |

²⁹ *Op. Cit.*

³⁰ Dados retirados da *Carta de Equipamento de Ensino do Concelho de Vila Franca de Xira (Themido, 2000:)*

Quadro 3: Em 2005/2006³¹

| Graus de Ensino | Pré-Escolar | 1º Ciclo | 2º Ciclo | 3º Ciclo | Secundário |
|------------------------------|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-------------------|
| Rede Pública | 18 | 37 | 11 | 11 | 5 |
| Rede Particular/Coop. | 33 | 4 | 1 | 1 | 0 |

1.3 A Tradição das Bibliotecas no Concelho de Vila Franca de Xira

³²

A população do Concelho de Vila Franca de Xira sempre demonstrou um gosto muito especial pela leitura.

As Colectividades de Cultura e Recreio, a par do desporto, sempre disponibilizaram espaços nas suas instalações, onde se encontravam inúmeras obras que estavam à disposição dos seus sócios.

A biblioteca da Sociedade Euterpe Alhandrense, a da Casa do Pessoal da Fábrica Cimento Tejo, a de Alhandra Sporting Clube, a do Grémio da UDV (União Desportiva Vilafranquense), a da Filarmónica Alverquense, a do Ateneu Artístico Vilafranquense, a da Cooperativa Alves Redol e outras foram marcos importantes, fomentando na comunidade o gosto pela leitura e pela cultura em geral.

Nos anos trinta do século passado iniciou-se no seio destas colectividades a promoção de actividades de alfabetização, formação cívica e político-culturais, dirigidas à população do concelho e orientadas mais directamente aos trabalhadores e à juventude.

³¹ Dados retirados da *Carta Educativa do Concelho de Vila Franca de Xira – Junho de 2006*, <http://www2.cm-vfxira.pt/files/3/documentos/20061109121943703990.pdf>. [consultado a 5 de Outubro de 2008, 12 horas]. Este documento foi elaborado pela *Neoterritório – Planeamento e Ordenamento do Território Lda.*, em estreita colaboração com os serviços técnicos competentes da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

³² As informações que constam neste item são resultado da análise da bibliografia citada e de dados fornecidos por José Pinheiro, sócio e colaborador de diversas colectividades em Vila Franca, entre as quais: Ginásio Vilafranquense, União Desportiva Vilafranquense (UDV) e Cooperativa Alves Redol. José Pinheiro foi também responsável, após 1957, pela coordenação da Biblioteca Alves Redol na UDV.

Abordaremos, então, alguns aspectos curiosos, que consideramos mais pertinentes e significativos, verificando a enorme importância que estas colectividades tiveram na cultura do Concelho de Vila Franca de Xira.

Segundo **Lourenço (1995:155)**, desde 1932 que nas instalações da Associação de Classe dos Trabalhadores da Construção Civil e Ofícios Correlativos, se desenvolvia uma vasta acção político-cultural, com programas de alfabetização, de aperfeiçoamento profissional, de aprofundamento cultural, visando sobretudo a elevação da consciência política dos participantes. Diariamente funcionavam várias turmas com cerca de 50 alunos. Muitos deles vieram a revelar-se importantes dirigentes político culturais nas décadas seguintes.

Devido a problemas de ordem político-sindical, as actividades desenvolvidas na Associação foram transferidas para outra colectividade, a do “Sport Lisboa e Vila Franca” (SLVF), filiado do Benfica (**Lourenço, 1995: 158**)

No entanto, as actividades nesta sede também não duraram muito, pois a 18 de Janeiro de 1939, a sede do SLVF foi assaltada e encerrada, os livros da biblioteca local levados pela polícia, Alves Redol e Dias Lourenço chamados às autoridades e ameaçados de prisão se não acabassem com as actividades, denominadas a essa altura, subversivas. (**Lourenço, 1995: 160-161**)

Estas ameaças não terão sido suficientes para que se desistisse e as actividades foram transferidas para as sedes do Ateneu Vilafranquense, da União Musical Artística Vilafranquense e de «Os Revoltosos» mais tarde denominada Ginásio Vilafranquense. (**Lourenço, 1995: 161**)

Entretanto, a 20 de Março de 1942, foi inaugurada a Biblioteca Privada da Agremiação, fruto da perseverança destes e de outros consócios. Esta biblioteca tinha 200 volumes no início, que logo passaram a 750, sendo o número de volumes movimentado de 1335 ao fim de um ano.

A Secção da Biblioteca organizou importantes “Serões culturais”, como uma peça de Erico Veríssimo, a apresentação do “Quarteto Artístico”, a comemoração do centenário de Antero de Quental com a representação «Auto do Busto», seguida de actos recitativos por Arquimedes Santos e Carlos Pato, números musicais, palestras sobre a história da música e da arte proferidas por Emílio Costa e pelo Maestro Lopes Graça. Destacamos ainda as palestras proferidas por Alves Redol sobre arte, sobre música, sobre o povo, tentando alcançar o objectivo de procurar as origens, observar,

aprofundar, divulgar tal como ele dissera «os atributos da sua gente» (Tarracha, 1997: 103):

“Contactando já então com personalidades importantes na vida cultural, tínhamo-lo (Alves Redol) como um emissário, esse modesto companheiro empreendedor de visitas de estudo a museus da capital (...), organizador de recitais e conferências, promotor de cursos em colectividades de recreio ou desportivas.” (Santos *in* Carvalho, 1972:123)

Após a invasão hitleriana da União Soviética, o movimento de jovens activistas acentuou a tónica política das suas actividades, formando-se comissões Pró-Bibliotecas nas diferentes colectividades do Concelho (Lourenço, 1995: 164).

Em todas as colectividades desenvolveram-se diferentes e novas formas de convívio, pondo-se termo às lutas bairristas. Um novo espírito de relacionamento e fraternidade política se criou, organizando-se colóquios, palestras, debates tendo por convidados escritores, sociólogos, artistas, etc. Criaram-se novas bibliotecas, organizaram-se várias exposições, visitas guiadas, actividades teatrais e musicais:

“Foi, fundamentalmente, nos anos 40 com a criação das primeiras comissões *pró-biblioteca* (1942) (...) que se desenvolve a intensa dinâmica e actividade associativa, tendo por objectivo sensibilizar a população (...), a sua juventude, no interesse pela cultura (...) com determinação e destemor face à política ditatorial que se vivia.” (Tarracha, 1997: 211)

Toda esta actividade cultural deu os seus frutos e nas décadas seguintes causou inúmeros problemas às autoridades fascistas, pois mesmo a população simpatizante do regime, via todas estas manifestações culturais com alguma simpatia.

Além de Redol participam nestas actividades, figuras como Bernardo Santareno, Mário Ventura Henriques, Lopes Graça, Urbano Tavares Rodrigues, Alexandre Cabral, Igrejas Caeiro, José Carlos de Vasconcelos, Fernando Alvim, Carlos Paredes e inúmeros artistas plásticos como Cipriano Dourado, Júlio Pomar, Sá Nogueira, Alice Jorge.

O Ginásio Vilafranquense possuía uma pequena biblioteca, que em 1953 passou a designar-se Biblioteca Alves Redol e que promoveu várias iniciativas culturais, incluindo um Concurso de Arte Infantil e um Concurso Literário.

Anos mais tarde, em 1957, esta colectividade fundiu-se com outras, formando a UDV.

Segundo José Pinheiro, nesta época frequentador assíduo da UDV, a sede desta colectividade tinha numa das suas maiores divisões a Sala de Troféus, onde existiam quatro móveis (um para cada ex-clube). A parte superior dos mesmos (envidraçada) era ocupada pelos respectivos troféus. A parte inferior era fechada e aí (ocultos) estavam os livros da Biblioteca Alves Redol, que com a fusão transitaram do extinto Ginásio para a UDV. Esta biblioteca permitia o empréstimo de livros e desde 1957 que era organizada e orientada por uma jovem e numerosa equipa, denominada por “Atrasados”. Os seus elementos eram, maioritariamente, operários na indústria do concelho e residentes em Vila Franca.

A biblioteca não só adquiriu condições de pleno funcionamento, como se tornou um local mais frequentado e atractivo.

Já nos anos 60 nesta colectividade veio a realizar-se vendas de livros, com o apoio do escritor Alves Redol, patrono da biblioteca, entre outras actividades de cariz cultural:

- Sessões com Alves Redol para entrega de prémios aos melhores leitores de cada ano;
- Ciclos de Colóquios sobre temas industriais, de educação e desporto, medicina e saúde;
- Sessões de Cinema Infantil com a colaboração da Embaixada de França;
- Exposições de Artes Plásticas.

As actividades desta secção cultural acabaram por se repercutir, à semelhança de outras colectividades, na vivência dos munícipes de Vila Franca.

Durante todos estes anos foram proferidas numerosas conferências, palestras, sessões culturais diversas, por importantes homens de cultura como Alves Redol, Noel Perdigão, António Prata, António Guerra, Manuel Carvalho, Manuel Júlio, e outros que assim mantiveram acesa a chama da cultura.

Paralelamente, segundo dados que recolhemos em Carvalho (1972, 13-68) a 1 de Junho de 1945, a Comissão Organizadora do Grupo «Amigos do Concelho de Vila Franca de Xira», formada por nomes famosos como Alfredo Nery, Dr. Vasco Moniz, Dr. Vidal Baptista, Noel Perdigão, Fausto Dias e Raul de Carvalho, dirigiram uma circular à população local, dando conta do seu propósito de fundarem uma Biblioteca Pública, solicitando para o efeito a oferta de livros.

Será este grupo o responsável pela criação de uma Biblioteca, no verdadeiro sentido do termo:

- A partir de 1945, altura em que foi lançada a ideia de se fundar uma biblioteca, estes dois ilustres vila-franquenses com muita tenacidade, inteligência e zelo, angariaram donativos, adquiriram livros, várias publicações, por oferta e por compra, registando-os, catalogando-os e arrumando-os nas próprias estantes;
- A 31 de Dezembro de 1946, a Câmara Municipal aprova o regulamento de Leitura da Biblioteca;
- A 14 de Janeiro de 1947 em reunião de Câmara, é deliberado conceder um voto da mais elevada e imperecível gratidão pela sua acção dedicada, ao Dr. António José Vidal Baptista e a Raul Francisco de Carvalho, bem como nomeá-los respectivamente director e secretários honorários da respectiva biblioteca;
- Em 20 de Janeiro de 1947 a Comissão Organizadora entregou à Câmara o recheio da Biblioteca, constituído por 4.222 volumes devidamente catalogados;
- Em 30 de Março de 1947 foi finalmente inaugurada a Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira, no 1º andar do prédio situado na Rua José Dias da Silva, nº 2, em Vila Franca de Xira, pelo Inspector Superior das Bibliotecas e Arquivos, Dr. António Ferrão. Na altura Vidal Baptista reconheceu toda a obra do Ateneu afirmando: ***«Não criamos a Biblioteca Municipal para ofuscar as que já existem e que representam um elevado somatório de esforços que bem sabemos avaliar. Fundamos esta biblioteca porque só ela pode ser facultada, indistintamente, a todos os habitantes deste concelho, sabido que aquelas restringem a acção que desenvolvem ao seu elemento associativo»*** (in Carvalho, 1972: 63-64);
- A 14 de Fevereiro de 1950 foi aprovada pela Câmara a alteração ao regulamento da biblioteca, sendo introduzida a leitura domiciliária.

A biblioteca tornou-se um dos pólos culturais do Concelho, local privilegiado para a realização das mais variadas iniciativas nomeadamente exposições de artistas plásticos, conferências, congressos, palestras. Boa parte destas iniciativas foi realizada em colaboração com as colectividades do Concelho.

Em 1969 Alves Redol, ao morrer, legou os seus direitos de autor às colectividades de cultura popular, indicando para a gestão desses direitos os escritores

José Cardoso Pires, Mário Ventura Henriques, Alberto Ferreira e o seu filho António Mota Redol.

Um grupo de amigos seus pensou tornar esta ideia mais extensa, criando um centro de cultura popular – *Centro Popular Alves Redol* ³³:

“Esta colectividade tem por função fazer cumprir «o legado de Redol». Do centro constará (...) uma biblioteca que terá como ponto de partida a biblioteca particular de Alves Redol (...). Está ainda prevista a formação de uma biblioteca infantil (...) (Vida Ribatejana, 18/4/1970 in Costa, 2001:101)

Assim a 10 e 14 de Dezembro de 1970, reuniram-se na Casa do Povo de Vila Franca de Xira para a leitura dos Estatutos do Centro:

“Nos dias 10 e 14 realizaram-se em Vila Franca de Xira reuniões para leitura e discussão do projecto de Estatutos do Centro Popular. Definitivamente assentou-se em que a nova associação será uma cooperativa literária.” ³⁴

A sua legalização, devido às perseguições políticas, só foi possível com o estatuto de cooperativa, passando a denominar-se «Cooperativa Centro Popular Alves Redol», abrindo a sua sede na rua Almirante Cândido dos Reis, nº 58, 1º Dto. em Vila Franca de Xira, no ano de 1971.

Este Centro foi responsável pela continuidade da difusão de uma cultura popular, muito vincada neste concelho. Aquando a sua formação os objectivos da sua direcção prendiam-se na concretização de:

- Casa Museu Alves Redol;
- Biblioteca, constituída a partir da biblioteca do escritor;
- Estudos regionais e etnográficos;
- Biblioteca infantil;

³³ As informações obtidas acerca da Cooperativa Centro Popular Alves Redol, para além de bibliografia consultada, foram gentilmente cedidas por António Mota Redol e José Pinheiro, sócios fundadores desta cooperativa.

Alguns dados foram retirados de documentação disponibilizada para consulta por António Mota Redol.

³⁴ Circular nº5, Dezembro de 1970, Comissão Pró-Centro Popular Alves Redol

- Diversas actividades culturais.

A actividade desta cooperativa iniciou-se, assim, com a criação de uma livraria, que concedia descontos aos sócios e proporcionava actividades culturais com encontros com escritores e sessões de autógrafos, para iludirem as autoridades³⁵:

- Feiras do Livro, segundo diversas temáticas: teatro, educação, literatura infantil, livros técnicos, venda de Natal, livros de férias;
- Encontros e Sessões de autógrafos com escritores portugueses: António Modesto Navarro, Bernardo Santareno, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Mário Ventura Henriques, José Carlos de Vasconcelos, Fernando Assis Pacheco, Luís Stau Monteiro, Alexandre Babo, Manuel Ferreira, Orlando da Costa;
- Organização e apoio à representação de peças de teatro, como foram exemplo a peça *Forja*, no Cineteatro de Vila Franca;
- Barraca do Livro, no decorrer da Feira Anual (tradicionalmente realizada na 1ª Semana de Outubro);
- O Mundo da Criança – Exposição de Desenhos Infantis:
 - Sessão explicativa da Exposição e da “Educação pela arte”, por Rui Grácio;
 - Debate sobre Educação Infantil e sobre livros para crianças, por António Torrado, Correia da Fonseca e Leonor Botelho;
 - Feira do Livro para crianças e de Educação Infantil, com livros de Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Mário Castrim, Sophia de Mello Breyner Andersen, Papiniano Carlos, Matilde Rosa Araújo, Ilse Losa, Alice Gomes, Maria Alberta Menéres, Leonor Praça.

Vivíamos a época das grandes movimentações dos jovens estudantes, dos trabalhadores, das acções contra a guerra colonial. O regime fascista procurava calar todos os que o importunavam, considerando que as cooperativas eram organizações que escapavam ao seu controlo. Assim o governo de Marcelo Caetano publicou o Decreto – Lei 520/71, obrigando todas as cooperativas a apresentarem os seus estatutos, sob pena do seu encerramento, caso não o fizessem.

As cooperativas de todo o país recusaram fazê-lo, e foram sendo sucessivamente encerradas como aconteceu com esta que encerrou em 1972.

³⁵ Dados retirados da análise de diversos folhetos de propaganda e de circulares aos sócios

A 31 de Janeiro de 1973 os amigos de Redol não desistem e fundaram a «Cooperativa Alves Redol, C.R.L.³⁶» com sede no mesmo local do Centro Popular, adquirindo em pouco tempo a vivacidade anterior.

Na década de 80 a cooperativa iniciou um trabalho de divulgação junto das escolas do concelho e de outros concelhos vizinhos, com a «1ª Jornada do Livro Pedagógico e Didáctico da Borda de Água» em todas as Escolas secundárias e Preparatórias dos Concelhos de Vila Franca de Xira, Alenquer, Azambuja e Benavente.

As escolas, por seu lado, comprometeram-se a inserir as actividades da Cooperativa na Programação das mesmas com propostas como: divulgação do livro, jogos florais, colóquios, incluir a obra de Redol no estudo do Português, exposições, divulgação de artes plásticas, etc.

Esta última actividade contribuiu para o aparecimento de várias Galerias de Arte no concelho, inclusive da Galeria Municipal.

Esta Cooperativa atingiu o seu período áureo nos anos de 1984 a 1990. Atravessou momentos menos bons e, actualmente, embora, não tão intensamente, como no início dos anos 70 e durante a década de 80, continua a ser desenvolvida uma divulgação da cultura da região e do legado de Redol.

Da mesma forma, a Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira sofreu um processo profícuo de desenvolvimento, fruto de uma intensa carga cultural:

- A 2 de Dezembro de 1970 deram entrada na Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira 786 volumes de literatura infantil, oferecidos pela Fundação Gulbenkian e destinados a uma Biblioteca Infantil, a instalar no Jardim Constantino Palha.
- A 3 de Agosto de 1971 morreu o Dr. António José Vidal Baptista e a 27 de Outubro do mesmo ano a Câmara Municipal deliberou atribuir o seu nome à instituição que lhe deve uma boa parte da sua existência, passando assim a denominar-se «BIBLIOTECA-MUSEU MUNICIPAL DR. VIDAL BAPTISTA».
- A 31 de Dezembro do mesmo ano os fundos bibliográficos ascendiam a 13.980 volumes, 1039 medalhas e 2345 moedas.

³⁶ As informações obtidas acerca da Cooperativa Alves Redol C.R.L., para além de bibliografia consultada, foram gentilmente cedidas por José Pinheiro (Presidente entre 1984 e 1989), Guilherme Ferreira (conhecido por Ferrer, presidente entre 1980-1982, actual vice-presidente da direcção) e João Alenquer (actual tesoureiro)

No ano de 1974, ano da revolução de Abril, a Biblioteca Pública de Vila Franca de Xira ocupava um espaço muito reduzido num andar na Praça do Município, com um fundo documental muito limitado e desactualizado para a época e para as exigências dos cada vez mais utilizadores.

Seguiram-se os anos conturbados da revolução e pouco se fez, pois a instabilidade a nível local era muito grande.

Em 1981 a Biblioteca continuava a funcionar no mesmo espaço, sem as mínimas condições, mas completamente lotada pois o número de utentes aumentava consideravelmente.

Nesta década, houve uma grande explosão escolar e cada vez mais os estudantes procuravam a Biblioteca, sendo esta encarada como uma resposta a necessidades escolares ligadas ao estudo, em grande parte fruto da influência da escola e dos próprios professores. Era urgente encontrar um novo espaço e dar novas respostas aos seus utilizadores.

Esta necessidade era aliás generalizada ao resto do país.

Consequentemente, em 1986 Maria José Moura coordenou um grupo de trabalho que elaborou um relatório apresentado à Secretaria de Estado da Cultura que serviu de ponto de partida para o lançamento da Rede Nacional de Leitura Pública, pois os poucos estudos aprofundados sobre o tema levaram a encarar com preocupação a necessidade de se estabelecerem parâmetros de intervenção.

Segundo o Relatório *Leitura Pública: Rede de Bibliotecas Municipais* (Moura, 1986:15):

“ (...) o grupo propõe a criação de uma rede de bibliotecas, obedecendo a um conjunto de critérios que se julgam adequados à nossa realidade actual, mas cuja coerência e flexibilidade deverão ser postos à prova durante uma fase experimental. Assim se confirmará a sua validade, se possibilitarão desenvolvimentos e correcções e se evitará o risco de erros irresistíveis.”

(...) A implantação da rede de bibliotecas de leitura pública, de acordo com os princípios já explicitados neste relatório, tem que conceber-se, hoje e no nosso país, na base do concelho, integrando uma Biblioteca Municipal (BM) dimensionada à partida para cumprir integralmente as funções que lhe são próprias e Anexos em diferentes locais do concelho, conforme o número e a distribuição das comunidades que o integram.”

Ainda segundo este Relatório, as bibliotecas deverão possuir fundos documentais adequados, coerentes, pluralistas e actualizados de modo a cobrir todas as áreas do conhecimento, deverão ter estantes de livre acesso e praticar-se o empréstimo domiciliário, e além disso deverão ainda ter mobiliário e equipamento adequado, nomeadamente informático e audiovisual, e ainda serem dotadas de pessoal especializado. (Moura, 1986: 5-6)

De acordo com os técnicos³⁷ da actual Biblioteca Municipal, este relatório teve pouca influência na remodelação da Biblioteca, pois há muito que se estudava e projectava uma nova biblioteca tendo o IBL (Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro) uma importância muito grande nas verbas disponibilizadas para o efeito, bem como em todo o apoio técnico dado.

A Câmara Municipal reconheceu a necessidade da ampliação das instalações, bem como a de criar outras bibliotecas em zonas de grande expansão demográfica, nomeadamente em Alverca e Póvoa de Santa Iria.

Em documentos datados desta época é reconhecida a pertinência de construir e melhorar serviços de leitura pública:

“Perspectivamos no que toca à Leitura Pública a reinstalação da Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira (processo já iniciado); a reformulação e equipamento da Biblioteca de Alverca; a criação de uma rede de pequenas bibliotecas nas restantes localidades do concelho, incluindo uma biblioteca itinerante e exigindo que a Administração Central, através do Instituto Português do Livro e da Leitura assumam também responsabilidades neste domínio.” (“Jornadas de Desenvolvimento do Concelho”: 1987:12)³⁸

“A Biblioteca Municipal registou nestes dois anos mais de 46000 leitores. A exiguidade das instalações existentes levou a Câmara Municipal à procura de uma solução para o problema tendo-se candidatado em 1987 ao programa do Instituto do Livro e da Leitura de apoio ao desenvolvimento da Rede de Bibliotecas Municipais” (Carmo: 1989, 162)

³⁷ Dr. Vitor Figueiredo e Dr.^a Conceição Matos

³⁸ Documento municipal, datado de 1987, que consta do acervo da Rede de Bibliotecas Municipais de Vila Franca de Xira, arquivado em *Fundo Local*

No entanto, nestas projecções nem sempre se seguiram as coordenadas propostas no Relatório de Leitura Pública:

“ (...) a biblioteca municipal deve ter uma localização adequada, em zona central ou muito frequentada (...)

(...) e Anexos em diferentes locais do concelho, de acordo com o número e a distribuição das respectivas populações(...)”(Moura, 1986: 7-15):

Tal deveu-se a um atraso nas obras de adaptação para a instalação da Biblioteca de Vila Franca de Xira. Por outro lado também não se optou por uma Biblioteca Municipal e Anexos, mas por três Bibliotecas Municipais:

“A actividade da Câmara Municipal no domínio da leitura pública registou um desenvolvimento significativo no decorrer do período a que nos vimos referindo.

A preocupação com a descentralização e com o alargamento da rede de leitura pública levou à abertura de um novo equipamento na zona sul do concelho: a Biblioteca Infantil e Juvenil da Quinta da Piedade na Póvoa de Santa Iria (...). Aberta em Abril de 1989 a biblioteca registou nesse ano uma afluência de mais de 2800 leitores.

Ainda em 1989 o serviço de bibliotecas passou a assegurar a gestão de uma pequena biblioteca já existente em Alverca e anteriormente sob a responsabilidade da Junta de Freguesia: A Biblioteca Bento de Jesus Caraça.

(...)

Ao mesmo tempo dava-se início ao processo de construção da nova Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira – no âmbito do protocolo estabelecido com o Instituto do Livro e da Leitura – e dão-se os primeiros passos no sentido da construção de uma nova biblioteca em Alverca.” (Félix, 1992:172)

Desta forma, a primeira Biblioteca Municipal a ser instalada num espaço construído para o efeito, foi a Biblioteca de Alverca que foi inaugurada em 1992 com todos os equipamentos e espaços adequados às novas exigências do que é ou deve ser uma Biblioteca na actualidade. A esta biblioteca é-lhe atribuída uma característica pioneira, uma vez que se situa no piso superior de um centro comercial e supermercado com bastante afluência dos residentes e visitantes da cidade.

Segundo Gasquel (1987: 26):

“Para decidir qual a localização e implementação da biblioteca pública é pois importante conhecer quais os trajectos mais naturais e mais frequentes. (...) Estes trajectos reflectem-se também na utilização que será dada à biblioteca e nos serviços que ela deverá fornecer. (...) Se se situar próximo de um mercado ou centro comercial, a biblioteca recebe um público diferente, desde que as suas horas de abertura sejam coincidentes com aquelas em que as actividades comerciais atraem mais gente e, inclusivamente, famílias inteiras: fim do dia, sábado ou domingo de manhã.”

Foi o que aconteceu com esta biblioteca. A biblioteca, pela qualidade e quantidade de serviços que passou a prestar, transformou-se num importante pólo cultural encontrando-se muitas vezes lotada.

É uma Biblioteca de livre acesso, com sectores diferenciados (sector de leitura informal, de periódicos, sector infantil e sector juvenil), o fundo documental é apresentado em diferentes suportes e adequado aos interesses das faixas etárias a que se destinam, é possível utilizar a *Internet*, há um auditório, bem como uma sala de exposições.

O pessoal é especializado e com formação em animação cultural e em literatura infanto-juvenil, atraindo assim muitos jovens à mesma.

As novas instalações da Biblioteca de Vila Franca de Xira foram inauguradas em Fevereiro de 1995 num edifício totalmente adaptado e remodelado, onde funcionara o matadouro e posteriormente a antiga Escola Industrial de Vila Franca. Actualmente, encontra-se projectado novo local, junto à zona ribeirinha, ocupando um antigo edifício que albergava uma fábrica de descasque de arroz.

Tal como a Biblioteca de Alverca, as actuais instalações da Biblioteca de Vila Franca de Xira, atraem muitos jovens estudantes. Este serviço está dotado de um bom fundo documental em diferentes suportes. Assina um número considerável de revistas e periódicos. Logo pela manhã facilmente podemos observar muitas pessoas de todas as idades lendo informalmente.

A Biblioteca da Quinta da Piedade – Póvoa de Santa Iria funciona em parte das instalações do Palácio da Quinta da Piedade desde 1985. Em 1996, fechou para uma intervenção no âmbito da “Preservação de Salvaguarda do Património” a efectuar no Palácio, reabrindo em Abril de 1999, como fazendo parte da Rede Municipal de Bibliotecas Públicas.

Entretanto foram ainda inauguradas em Outubro de 2001 mais duas Bibliotecas Municipais: Forte da Casa e Vialonga.

As restantes localidades são visitadas, ao longo do ano, pelo *Bibliomóvel*, projecto autárquico, iniciado em Novembro de 2000, coordenado pela Divisão de Bibliotecas Municipais deste concelho. Abordaremos este projecto mais adiante, uma vez que apoia também as escolas do concelho.

Entretanto em 20 de Outubro de 2007 são inauguradas as novas instalações do Museu do Neo-Realismo, na Rua Alves Redol, em Vila Franca de Xira. A abertura deste museu terá sido o culminar de um projecto antigo:

“Esta ideia esteve em gestação durante os anos 70 e 80 e apenas em Maio de 1988 foi tornada pública, uma iniciativa de um grupo de pessoas que veio a constituir a Comissão Instaladora do Museu do Neo-Realismo e da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.” (António Mota Redol *in* Mesquita, 1999: 317)

“Pretendiam e pretendem os mentores deste projecto uma «intervenção mais acentuada no meio cultural português (...) visando uma função interventora da instituição em ordem a garantir «Um Museu em perpétuo Movimento» (...)” (*idem*: 322)

O Museu do Neo-Realismo está organizado em dois grandes pólos: o Centro de Documentação e o Espaço Expositivo.

O Centro de Documentação, focalizado na temática Neo-Realista, compreende diversas valências, nomeadamente:

- Uma Biblioteca especializada na literatura (poesia, ficção, teatro e ensaio) do movimento do neo-realismo;
- A colecção dos Espólios que começou a ser constituída em 1991, com a doação do Espólio Literário de Manuel da Fonseca. A partir dessa data, foram reunidos Espólios de autores significativos do movimento neo-realista;
- Os Arquivos Documentais, organizados segundo a tipologia dos documentos, constituem um material essencial para a Investigação em torno deste movimento³⁹;

³⁹Informação constante no sítio do Museu do Neo-realismo: http://www2.cm-vfxira.pt/PageGen.aspx?WMCM_PaginaId=28723 [consultado em 12 de Janeiro de 2009 às 17 horas]

Encontra-se vocacionado para o estudo e disponibilização de fontes documentais sobre o Neo-Realismo, tendo vindo a promover uma prática continuada de investigação e divulgação dos seus conteúdos, correspondendo, através de uma acção pedagógica e didáctica adequada, ao público heterogéneo que o visita.

2. O Programa da Rede de Bibliotecas Escolares – rede concelhia

2.1 Caracterização do meio escolar ⁴⁰

Tal como já referimos anteriormente, o concelho de Vila Franca de Xira é constituído por 12 freguesias, todas elas contempladas com estabelecimentos de ensino pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico.

Situações muito diferentes de há 30 anos.

De acordo com dados da publicação *O concelho em que vivemos (Município de Vila Franca de Xira, 1998: 165)* em 1974 a rede escolar não continha edifícios de ensino oficial pré-primário. Muitas das salas de ensino primário funcionavam em instalações antigas, pré-fabricados, ou mesmo lojas. Existiam apenas duas escolas preparatórias e outras tantas secundárias.

A partir de 1981 inicia-se um processo de construção de novos edifícios escolares, principalmente para o 2º, 3º ciclo e ensino secundário, dando lugar a 11 escolas EB 2,3 e 4 escolas secundárias da rede pública em 2007.

Nestes últimos 30 anos o concelho sofreu uma explosão demográfica que implicou um aumento da população escolar, que veio a diminuir nos anos 90. Actualmente, alguns estabelecimentos de ensino vêm-se novamente defrontados com falta de espaço, necessitando de obras de remodelação e de aumento do número de salas de aula. Um dos objectivos da proposta de reordenamento da Rede Escolar Pública neste concelho é terminar com os horários de desdobramento.

⁴⁰ Elaborada a partir da bibliografia indicada e da análise das:

- Carta Educativa do Concelho de Vila Franca de Xira – Junho de 2006, <http://www2.cm-vfxira.pt/files/3/documentos/20061109121943703990.pdf>. [consultado a 5 de Outubro de 2008, 12 horas]. Este documento foi elaborado pela *Neoterritório – Planeamento e Ordenamento do Território Lda.*, em estreita colaboração com os serviços técnicos competentes da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- Carta de Equipamento de Ensino do Concelho de Vila Franca de Xira (**Themido, 2000**)

Segundo dados recolhidos junto da Dr^a Maria José Vitorino⁴¹, em 2007 a maior parte destas escolas integra o programa da Rede de Bibliotecas Escolares, permitindo que cerca de 13000 de um universo de 15000 alunos tenham acesso a uma Biblioteca Escolar integrada na rede.

Todas as escolas secundárias, assim como de 2º e 3º ciclo se encontram integradas no programa RBE.

Das escolas do 1º ciclo e do pré-escolar as que não têm uma BECRE da rede, podem usufruir das BECRE do seu agrupamento, uma vez que todos os agrupamentos estão na rede, dirigindo-se a estas ou cumprindo um programa de itinerância, que permite o empréstimo interescolar. Para estas escolas, a autarquia e a Divisão de Bibliotecas Municipais do concelho têm vindo a instalar pequenos espaços de leitura, designados por *Bibliomanias*, para além de serem as escolas visitadas com frequência pelo *Bibliomóvel*, aspectos que abordaremos mais à frente.

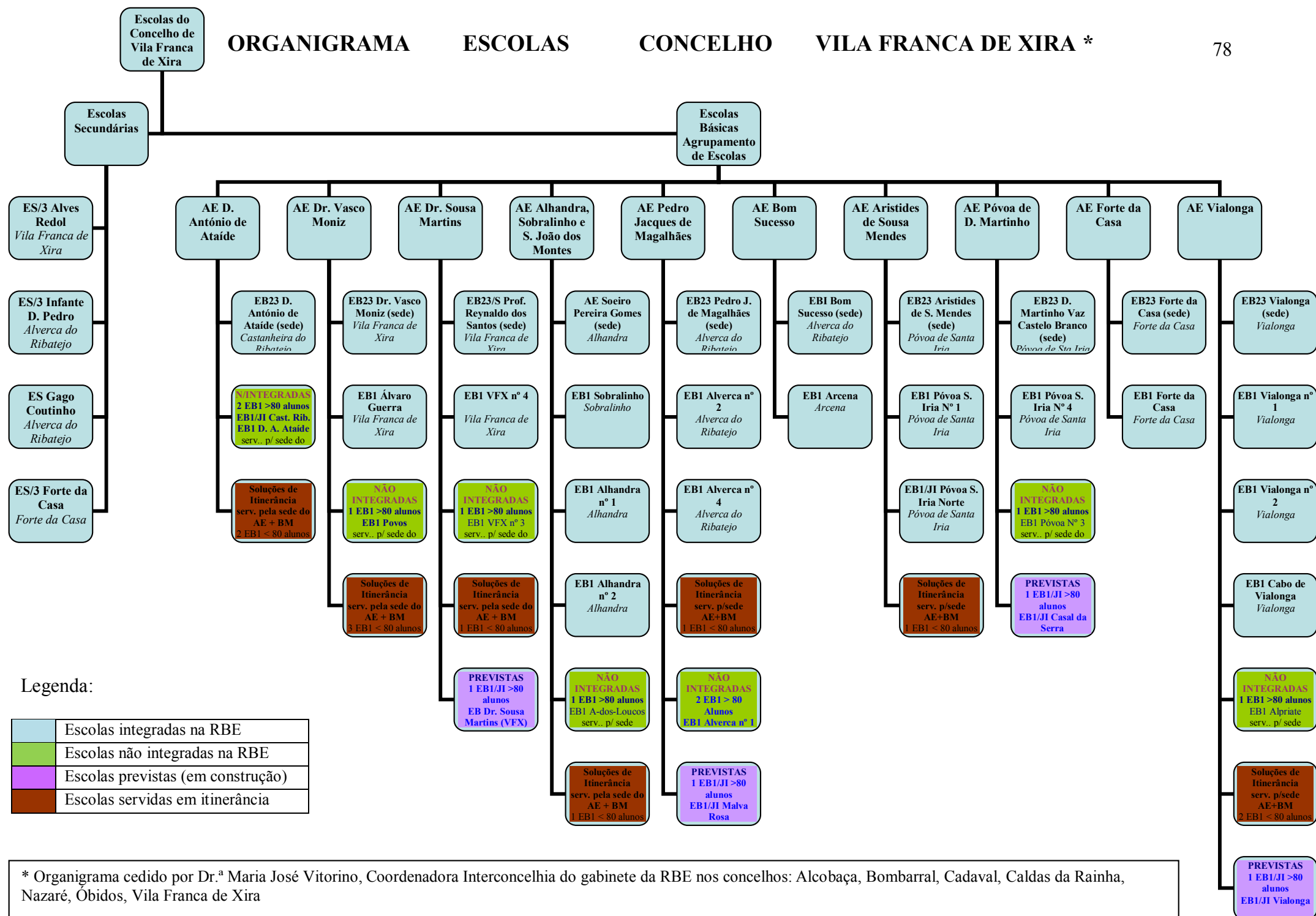
Concluimos este *item* com dados concretos: das 53 escolas da rede pública 29 integram o programa RBE, o que corresponderá a 55% das escolas. Destas encontram-se abrangidas a 100% as escolas secundárias e as EB 2,3, também sedes de agrupamento. No 1º CEB das 35 escolas existentes apenas 15, em 2007, integram uma BECRE do programa RBE.

A razão pela qual o número de estabelecimentos sem BECRE no 1º CEB é tão discrepante em relação aos restantes ciclos deve-se, essencialmente, ao facto de algumas destas escolas ter um número inferior a 80 alunos, encontrando-se muitas delas em zonas do concelho menos industrializadas, fora dos grandes centros urbanos do concelho, o que implica terem uma população escolar em menor número, comparadas com as escolas das cidades de Alverca, Vila Franca, Póvoa e outras freguesias, que são usualmente caracterizadas por localidades dormitório.

Por outro lado, nestes últimos anos tem-se assistido a um crescendo nas candidaturas das escolas do concelho ao programa RBE, para além da Biblioteca Escolar ser sempre considerada nos projectos de remodelação e construção de estabelecimentos de ensino.

De seguida apresentamos organigrama, que permite uma caracterização simples, mas elucidativa da situação escolar do concelho em 2007.

⁴¹ Professora da EB 2,3 Vasco Moniz, à data a exercer funções de Coordenadora Interconcelhia do gabinete da RBE nos concelhos: Alcobaça, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos, Vila Franca de Xira



* Organigrama cedido por Dr.^a Maria José Vitorino, Coordenadora Interconcelhia do gabinete da RBE nos concelhos: Alcobaça, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos, Vila Franca de Xira

2.2 Bibliotecas escolares do 1º CEB ⁴²

Passemos, então, a uma descrição mais aprofundada das Bibliotecas Escolares das Escolas do 1º Ciclo no concelho de Vila Franca de Xira.

O panorama das bibliotecas escolares no Concelho de Vila Franca de Xira, aquando da implementação do programa RBE, era idêntico ao descrito por Calixto (1996), mas, mesmo com instalações inadequadas, a Biblioteca Municipal estabeleceu desde cedo uma relação especial com as Escolas.

A necessidade de mudar era uma premência, coincidindo com o que vinha expresso no documento **Lei de Bases do Sistema Educativo** (1986).

As bibliotecas escolares surgiam como um dos equipamentos promotores de mudança e inovação.

A **Lei de Bases do Sistema Educativo** foi publicada 1986, como **Lei 46/86**. No seu Artigo 1º, ponto 2 é indicado que

“O sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”.

⁴² Para a concretização deste *item* e dos próximos (pontos 2.3 e 2.4) foram tidos em conta conhecimentos próprios da experiência recebida desde 2003, como coordenadora de BECRE, em escolas do 1º CEB no concelho, assim como documentação, informações e dados gentilmente cedidos por:

Dr.ª Ana Melo, professora reformada, tendo exercido funções: na Delegação Escolar de Vila Franca de Xira até ao ano lectivo 2002/2003; no gabinete RBE como coordenadora Interconcelhia, sendo o concelho de Vila Franca de Xira um dos abrangidos, até ao ano lectivo 2006/2007

Dr.ª Maria José Vitorino, professora da EB 2,3 Vasco Moniz, à data a exercer funções no gabinete RBE como coordenadora Interconcelhia dos concelhos: Alcobaça, Bombarral, Cadaval, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos, Vila Franca de Xira

Dr.ª Conceição Matos, técnica superior em Biblioteconomia, coordenadora do SABE de Vila Franca de Xira

Dr. Vítor Figueiredo, técnico superior em Biblioteconomia, coordenador da Divisão de Bibliotecas do Concelho de Vila Franca de Xira

Continuando a análise do referido documento, é indicado no Artigo 9º, alínea g) da Lei de Bases do Sistema Educativo, algo que consideramos pertinente no que concerne à política seguida pelo programa RBE:

“Criar hábitos de trabalho, individual e em grupo, e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação à mudança.”

No início dos anos 90, anos após a publicação desta Lei, inicia-se um processo, sem retorno, que levará à integração do concelho no Programa Nacional de Rede de Bibliotecas Escolares. No desenvolvimento deste processo salientamos a relação privilegiada da Biblioteca Municipal com as escolas de forma contínua e continuada.

Em 1990 realizou-se no Concelho de Vila Franca de Xira, durante três dias, um encontro sobre Educação que se denominou “ Encontro de Ensino”.

Neste encontro foram realizadas muitas conferências, várias mesas redondas e inúmeros debates onde estiveram presentes nomes como Ana Benavente, Rui Canário, Manuel Rangel e D. José Policarpo. As várias intervenções e debates deram alguns frutos, provocando uma onda de mudança e inovação no ensino do concelho.

Deste encontro nasceu um Centro de Recursos da responsabilidade da Câmara Municipal, “CRAE” que promoveu muita formação para professores, assinando diversos protocolos com algumas instituições, nomeadamente com a ESE de Lisboa.

Foi nessa altura que a Biblioteca Municipal iniciou cursos de formação na área das Bibliotecas. Esta iniciativa despertou o interesse de muitos professores que logo começam a tentar mudar algo nas bibliotecas das suas escolas. Estávamos no ano lectivo de 1990/91.

A Câmara Municipal, perante as constantes solicitações, estabeleceu protocolos com algumas escolas do 1º ciclo, comprometendo-se a melhorar o fundo documental, a fornecer algumas estantes abertas, a formar os professores, através de pessoal qualificado para o efeito, a registar, catalogar e classificar os livros, bem como a fornecer todo o material necessário, no sentido de os alunos terem o seu cartão de leitor semelhante ao da BM, e a fazerem as requisições em sistema de livre acesso.

Houve necessidade de procurar mais informação e formação, realizaram-se no CRAE mais Acções de Formação e de Sensibilização nesta área, sempre promovidas por técnicos da BM.

Em 1992 foi constituído no Concelho o Centro de Formação das Escolas Associadas do Concelho de Vila Franca de Xira, que proporcionou formação creditada em diferentes áreas, algumas relacionadas com a promoção da leitura, sociedade de informação, novas tecnologias, embora não na área específica das Bibliotecas.

No decorrer do ano lectivo 1992/1993 organizam-se, assim, projectos, sendo feitos os primeiros pedidos por parte das escolas para disponibilização de uma sala de aulas para a constituição de uma biblioteca. Surgem, de forma muito motivada, espaços de animação de leitura, que já proporcionam empréstimo domiciliário e algumas actividades na área da leitura – hora do conto e encontros com escritores, por exemplo.

Mais tarde, em 1996, a Biblioteca Municipal promoveu mais formação dirigida a professores, com a implementação do curso “ Organização e Dinamização de Pequenas Bibliotecas Escolares”. Simultaneamente, inicia-se uma segunda fase de apoio ao desenvolvimento das bibliotecas escolares com assinatura do “Acordo/Programa” entre várias escolas do concelho: EB 1 nº 1 de Vila Franca de Xira, EB 1 nº 4 de Vila Franca de Xira, EB 1 nº 2 de Alverca, EB 1 nº 4 de Alverca, EB 1 nº 1 da Póvoa, EB 1 nº 1 de Vialonga e EB 1 nº 2 de Vialonga. Todas estas escolas fazem, actualmente, parte do programa RBE.

Neste ano, foi lançado o Programa Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares.

Na sequência do lançamento do programa RBE, as escolas do concelho receberam um inquérito para levantamento de necessidades e para uma avaliação dos projectos existentes no terreno, de modo a ser organizada uma base de dados para a tomada de decisões no futuro.

As Escolas EB23 Vasco Moniz em Vila Franca de Xira e EB23 de Vialonga tornam-se escolas correspondentes, com o objectivo de se disponibilizarem a partilhar experiências e funcionarem como apoio de outras escolas onde o programa da RBE fosse lançado, tendo também como objectivo a longo prazo, criar uma rede entre as diferentes bibliotecas que viessem a integrar a rede. Em 1997 estas duas escolas são integradas na RBE.

As mesmas escolas candidatam-se ao Projecto do IIE (Instituto de Inovação Educacional) “Crescer em rede” e ganham a referida candidatura.

Em Junho de 1998, o Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares realizou um trabalho destinado a apoiar as entidades formadoras de professores, no sentido de programar e desenvolver ofertas de formação sobre bibliotecas escolares, mediatecas e centros de recursos nas escolas.

Ao tentar fazer-se uma intervenção, promovendo a instalação das bibliotecas escolares, é importante formar recursos humanos, docentes e não docentes.

O Centro de Formação das Escolas Associadas do Concelho de Vila Franca de Xira assumiu o importante papel de promover a formação, organizando quer Acções de Formação quer Círculos de Estudos. Paralelamente o SABE (Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares) organizou formação para o pessoal não docente assinando protocolos com as escolas.

Podemos dizer que de 1990 a 1997 a formação específica nesta área foi proporcionada pela Divisão de Bibliotecas e SABE com cursos para professores.

Em 1998, foi organizado, por estas entidades, o primeiro curso para pessoal não docente, bem como mais um curso para pessoal docente. Em 1999 o Centro de Formação da Associação de Escolas do Concelho promoveu duas formações em diferentes modalidades, um Curso e um Círculo de Estudos para professores.

Em 2000 foi organizado novo Círculo de Estudos e foram promovidos estágios para pessoal não docente.

Em 2001 foi promovido pelo Centro de Formação e pelo SABE um curso de 150 horas para pessoal não docente realizado em três módulos. Este curso virá a repetir-se nos anos lectivos de 2003/2004 e 2007/2008, mas em dois módulos, num total de 70 horas. Durante estes cursos tiveram acesso a formação cerca de 60 auxiliares de acção educativa das Escolas Básicas e Secundárias.

As ofertas de formação que, ao longo dos anos, foi sendo dada pela Biblioteca Municipal, despertaram nos professores das escolas o gosto por mudarem e transformarem os pequenos armários com livros em modernas bibliotecas, devidamente equipadas, de modo a darem resposta à Sociedade de Informação, aos desafios das novas tecnologias da comunicação, à explosão documental.

Foi assim que, após o Concelho de Vila Franca de Xira ter sido um dos Concelhos previamente seleccionados para, através de candidaturas concelhias, instalar de modo faseado bibliotecas nas escolas do Concelho, estas iniciaram o processo de candidatura.

Desta forma, em 1997, apenas um ano após do lançamento do programa RBE, surgem as primeiras duas bibliotecas integradas. Desde então muitos outros exemplos se seguiram.

As escolas do 1º CEB acompanharam sempre esta política e em 1998 surge a primeira BECRE do 1º ciclo no concelho – EB 1 Álvaro Guerra, em Vila Franca de Xira. A vontade de todos – professores e autarquia – e as parcerias que se criaram entre EB 2/3, ES, EB 1 e autarquia (Serviço de Educação e Divisão de Bibliotecas) tornou possível a montagem de espaços inovadores no concelho. Neste processo acaba por suceder algo interessante que espelha esta vontade de inovação: estando a EB 1 Álvaro Guerra em fase de remodelação e ocupando, provisoriamente, as salas da Escola Secundária Alves Redol, decide a autarquia montar, também provisoriamente, a Biblioteca numa dessas salas, uma vez que a candidatura tinha sido, entretanto, aceite pela RBE.

No quadro seguinte indicamos quais as EB 1 que se candidataram ao programa e integraram uma BECRE:

Quadro 4: Mapa das candidaturas apresentadas pelas escolas do 1º CEB ao Programa RBE

| 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2006 |
|--|-----------------------|----------------------------------|----------------------------------|--------------------------|
| EB 1 Álvaro Guerra – Vila Franca de Xira | EB 1 do Sobralinho | EB 1 nº 1 da Póvoa de Santa Iria | EB 1 nº 1 de Vialonga | EB 1 nº 1 de Alhandra |
| EB 1 nº 2 de Vialonga | EB 1 nº 2 de Alverca | EB 1 nº 4 da Póvoa de Santa Iria | EB 1 de Arcena | EB 1 nº 2 de Alhandra |
| (EBI Bom Sucesso) ⁴³ | EB 1 do Forte da Casa | EB 1 nº 4 de Alverca | EB 1 nº 4 de Vila Franca de Xira | EB 1 do Cabo de Vialonga |

Na análise deste quadro verificamos, portanto, que no balanço de 10 anos do programa RBE existem 15 BECRE espalhadas pelas 33 escolas do 1º CEB do concelho.

⁴³ Escola com BECRE que atende crianças a frequentar o ensino pré-escolar e básico (1º, 2º, 3º CEB)

O processo de candidatura à Rede de Bibliotecas destas escolas teve sempre o apoio da autarquia, oficializado com a assinatura de protocolos entre esta e as escolas. Após o envio dessa candidatura, cabe ao gabinete de RBE analisar. Nessa análise são tidos em conta factores como: o local/sala de instalação; o compromisso da Câmara em concretizar a obra de remodelação desse espaço; os projectos que a escola envolve, independentemente das áreas, de forma a se perceber a dinâmica e motivação; o compromisso e a responsabilização de uma equipa que envolva professores e funcionários na organização e dinamização deste espaço.

Durante este processo não terá sido nunca olvidado a bem sucedida história de projectos e cantinhos da leitura destas escolas e as boas parcerias entre as várias escolas e os órgãos autárquicos.

Sempre foi, aliás, a tradição no apoio às escolas nesta área por parte da autarquia que permitiu às escolas encontrar a motivação para a candidatura e, posteriormente, a excelente apropriação dos espaços, acompanhada pela preocupação de uma dinamização dos espaços bem objectivada e sucedida.

Com o crescendo de candidaturas à RBE foi criado em 1998 o SABE, Serviço de Apoio a Bibliotecas Escolares, do concelho de Vila Franca de Xira. Até então esse apoio era feito directamente pelos serviços da Biblioteca Municipal. Mais adiante iremos abordar como se encontra este serviço organizado, suas funções e objectivos. Importa agora referir que este serviço se tem demonstrado imprescindível na manutenção e organização destes espaços pelo apoio que faculta de um ponto de vista técnico, logístico e de consultadoria.

É este serviço que ajuda na instalação da BECRE nas escolas do 1º CEB, tornando-os lugares confortáveis e aprazíveis. Quando da montagem destes espaços o SABE tem como preocupação: seguir as linhas orientadoras do gabinete RBE, somando a experiência e trabalho de campo numa Biblioteca Pública; montar as valências que se consideram pertinentes numa BECRE; conceber um espaço com carácter estético e lúdico, conjugando a funcionalidade. Nada é colocado e deixado ao acaso.

Desta forma, quando entramos numa Biblioteca Escolar encontramos:

- **Zona de Recepção:** constituída por uma secretária/balcão de atendimento, com computador e impressora. Situa-se junto à porta de entrada e disposta de forma a se

conseguir visualizar toda a biblioteca. Junto é colocado um armário fechado de arquivo de documentação.

- **Zona de Leitura:** Constituída por mesas de forma rectangular, redonda ou hexagonal. Actualmente são privilegiadas mesas rectangulares que proporcionam a utilização por 4 leitores em simultâneo. Na generalidade são dispostas junto às estantes de fundo impresso e às janelas. Na organização deste espaço, junto às estantes, há uma atenção especial para o crescimento do fundo documental e o espaço de circulação.
- **Estantes:** todas elas de livre acesso. As estantes duplas são colocadas no meio do espaço e as simples junto a uma parede. As estantes com fundo documental impresso (duplas) encontram-se, geralmente, no centro da biblioteca, como se fossem o “coração” da mesma, o seu verdadeiro pulsar. Nestas estantes podemos encontrar uma zona de não ficção e uma zona de ficção. Eventualmente, poderão existir estantes designadas por “Pré-escolar”, quando a biblioteca recebe a visita de alunos de Jardim-de-infância que coabitam no mesmo estabelecimento de ensino ao qual a biblioteca pertence. As estantes simples são mais utilizadas para colocar fundo documental não impresso – DVD, CD-ROM e áudio, videocassetes, jogos – daí que respondam a uma lógica de proximidade.
- **Zona Multimédia:** composta por mesas e computadores para dois utilizadores cada, no máximo de três computadores por biblioteca e uma impressora em rede. São colocados junto a uma parede.
- **Ludoteca:** disposta a um canto da biblioteca e composta por caixas de álbuns e *podiums* que proporcionam uma posição mais informal dos seus utilizadores para um jogo a pares ou leituras mais recreativas e partilhadas. É junto a esta zona que, regra geral, se encontram as estantes simples com acervo documental não impresso. Nas caixas de álbuns são colocados alguns livros, aí colocados pelos elementos da equipa da BECRE, por serem livros volumosos ou de formas menos comuns, ou com o objectivo de os destacar.
- **Videoteca:** Constituída por um móvel com televisor, leitor vídeo e áudio, dois ou três pequenos sofás.

Apresenta-se, assim, a BECRE das Escolas do 1º Ciclo do Concelho de Vila Franca de Xira: com um aspecto atractivo, sem descurar uma preocupação funcional e orientadora de pequenos utilizadores ávidos de histórias, de informação e novos conhecimentos. Futuros (e presentes) utilizadores das Bibliotecas Municipais do Concelho.

2.3 Bibliomanias e Bibliomóvel

Referimos, anteriormente, que as escolas do 1º CEB com BECRE integrada, até 2006, são 15. As restantes, na sua maioria, não apresentam condições suficientes para integrarem uma biblioteca na rede, nomeadamente por insuficiente número de alunos.

Paralelamente e cumprindo uma tradição de apoio às escolas por parte da autarquia, numa tentativa de compensar a falta de um espaço dinamizador de promotor de hábitos de leitura, a Divisão de Bibliotecas tem vindo a desenvolver o projecto *Bibliomanias*, que apoia, principalmente, as escolas do 1º ciclo com menos de 50 alunos que não se podem candidatar à RBE, e que se encontram geograficamente mais isoladas.

Após a candidatura das escolas ao projecto, é assinado um protocolo, comprometendo-se a Câmara a organizar nas escolas um pequeno espaço, com 2 estantes, 2 sofás, uma caixa de álbuns, livros (cerca de 250) devidamente tratados, vídeos, CD-ROM, 1 computador com ligação à Internet. As escolas, por sua vez comprometem-se a dinamizar a leitura, a fazer empréstimo domiciliário e presencial, a utilizarem a Internet e a dinamizarem as pequenas bibliotecas.

O projecto funciona desde 1999, encontrando-se, à data desta dissertação, em 13 escolas.

À semelhança das bibliotecas escolares o SABE apoia técnica e logisticamente, dando consultadoria e fazendo o tratamento documental de todo o acervo adquirido.

A montagem deste espaço também obedece a critérios como a ocupação de um canto de uma sala de aula, ou de um espaço comum à escola de fácil acesso.

Um dos grandes objectivos deste projecto é a criação de hábitos de leitura das crianças, proporcionando-lhes o empréstimo domiciliário. O sucesso dependerá do investimento que os intervenientes estão dispostos a fazer, nomeadamente, os professores.

Antes da introdução deste projecto existiam maletas pedagógicas e um cantinho de leitura que estavam sempre disponíveis para irem às escolas, sob a orientação de funcionários da Divisão de Bibliotecas.

Paralelamente a este projecto é desenvolvido pela autarquia um outro que complementa o apoio dado às escolas no incentivo de práticas de leitura – o *Bibliomóvel*.

O *Bibliomóvel* é uma pequena Biblioteca Pública instalada dentro de uma viatura cheia de livros e outros documentos para crianças, jovens e adultos, para consulta local e empréstimo domiciliário.

É um serviço itinerante da Divisão de Bibliotecas, que visita regularmente as escolas do 1º ciclo e outras instituições situadas na periferia dos grandes centros urbanos, mais interiorizados no concelho.

Além do serviço de empréstimo domiciliário colabora em actividades de animação e promoção da leitura.

Ao analisar o fundamento destes projectos sentimos que há por parte da Divisão de Bibliotecas e do SABE uma preocupação na tentativa de compensar o isolamento destas escolas. Sempre que é possível, proporcionam-se a estas crianças visitas às Bibliotecas Municipais mais próximas para as conhecerem e assistirem às actividades por estas proporcionadas – encontros com escritores, horas do conto, ateliês lúdicos, teatros de marionetes, entre outros.

2.4 O SABE – Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares

Pelo que temos vindo a descrever salienta-se a importância das parcerias que é salutar e obrigatório manter para que a biblioteca escolar cumpra as suas funções: Informativa, Educativa, Cultural e Criativa.

Foi também já referido por nós nesta dissertação que a Biblioteca Escolar se pretende como o coração da escola. Mas, como todos os corações, precisa de artérias que ajudem a levar até a alunos, professores e pais todo o conhecimento que albergam. Uma das principais artérias deste coração será, sem dúvida, o SABE.

Consideramos, aliás, que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto os alunos, de forma mais natural e bem sucedida, alcançam níveis elevados de

literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e de competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação. Claro está que neste processo se encontram envolvidos outros elementos: órgãos executivos, pais, profissionais de informação e grupos de comunidade, outros serviços autárquicos.

O termo SABE terá sido utilizado pela primeira vez em 1996 por Calixto⁴⁴. O SABE é a sigla de Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares, parte integrante da Divisão de Bibliotecas dos Municípios.

Em vários documentos que analisámos todos eles convergem ao darem um sentido fundamental a este serviço, referindo que o apoio por ele prestado é fundamental para um bom desenvolvimento e para o sucesso do serviço prestado na e pela Biblioteca Escolar.

São funções do SABE (Veiga *et al*, 1997: 56):

- Apoiar as bibliotecas escolares estimulando e acompanhando o seu desenvolvimento;
- Promover a articulação das bibliotecas escolares com outras bibliotecas;
- Prestar colaboração técnica no domínio da organização, gestão e funcionamento das bibliotecas escolares;
- Participar na formação contínua dos profissionais envolvidos;
- Fornecer recursos suplementares aos existentes nas escolas (empréstimos);
- Apoiar o uso eficaz dos recursos – aconselhamento na selecção destes ou no desenvolvimento do serviço da BECRE.

Numa sociedade em mudança, que constantemente incorpora pessoas de outras realidades culturais e que requer uma incessante actualização dos conhecimentos dos indivíduos, as Bibliotecas Municipais viram-se obrigadas a ampliar e diversificar as suas funções e serviços de forma a dar respostas a estas novas necessidades, adquirindo um papel cada vez mais relevante na área da informação.

Simultaneamente, as escolas converteram-se no principal factor de incorporação destes novos cidadãos, pelo que tem de ter condições que facilitem o acesso a todo o tipo de informação conducente à sua integração social.

⁴⁴ José António Calixto, em comunicação apresentada no I Encontro Nacional sobre Documentação e Informação na Escola, organizado pela BAD, Lisboa, 4 e 5 de Janeiro de 1996.

Estas modificações nos papéis tradicionais implicam uma certa sobreposição das funções de ambas Bibliotecas – Públicas e Escolares – de modo que os âmbitos de actuação conjunta são repetidamente ampliados.

Nesta medida, o SABE surge também como auxiliador no sentido de ampliar o conhecimento e o bom uso dos serviços da Biblioteca Pública, estreitando os laços de colaboração com as Escolas, ajudando-as a criar uma Biblioteca viva, como ferramenta indispensável para o desenvolvimento dos projectos educativos e formação dos seus alunos. Da mesma forma, transforma-se num excelente contributo para a boa implementação e desenvolvimento da RBE no Concelho de Vila Franca de Xira

A eficácia deste serviço dependerá de três factores que consideramos essenciais: os recursos humanos afectos, que terão de ser em número suficiente para dar resposta às necessidades e terem formação adequada; o local/espço de funcionamento, que se quer acessível a todos o que o procuram e pronto na resposta; o orçamento atribuído.

Neste contexto, terá sido criado, no concelho de Vila Franca de Xira, no ano lectivo 1998/1999, o SABE, que terá logo, nesse ano, instalado as BECRE das EB1 Álvaro Guerra (nº 1 de Vila Franca) e ICESA (nº 2 de Vialonga). O SABE de Vila Franca terá sido um dos primeiros a nível nacional a ser constituído e surge como resultado das relações naturais de cooperação, apoio e parceria que a autarquia, através da Biblioteca Municipal, vinha mantendo com as escolas, suas bibliotecas e Rede de Bibliotecas Escolares.

Actualmente, a equipa do SABE é formada por 1 técnico superior de Biblioteca e Documentação (coordenadora)⁴⁵ e vários técnicos profissionais da mesma área, afectos à Biblioteca Municipal do Palácio da Quinta da Piedade (Póvoa de Santa Iria) onde funciona este serviço. Para além destes, colaboram outros técnicos da Divisão de Bibliotecas, quando necessário.

Durante os seus anos de funcionamento o SABE de Vila Franca tem vindo a prestar o seu apoio na instalação das BECRE, no tratamento documental, na técnica e logística que se segue ao processo de instalação.

Passamos a descrever, de forma mais desenvolvida, em que consiste este apoio:

⁴⁵ Dr.^a Conceição Matos, que gentilmente forneceu informações e facultou acesso a documentação sobre a organização e funcionamento deste serviço

- Apoio aos projectos de candidatura das escolas do 1º CEB à rede, nomeadamente na formulação e aconselhamento dos mesmos;
- Apoio na selecção de documentos, bem como de equipamentos;
- Gestão do orçamento atribuído à BECRE, quando da sua instalação e em reforços para documentação, equipamento informático e mobiliário;
- Tratamento documental das obras adquiridas no âmbito do projecto RBE, e também os existentes na escola. O tratamento documental é efectuado à semelhança do fundo documental existente nas Bibliotecas Municipais, de acordo com linhas de orientação previamente estabelecidas;
- Criação e actualização do catálogo bibliográfico colectivo, ao nível das bibliotecas escolares do 1º CEB;
- Constituição física das BECRE do 1º CEB;
- Apoio regular a todas as BECRE do concelho – apoio logístico e técnico, consultadoria, formação informal;
- Colaboração na formação para docentes e não docentes;
- Promoção de reuniões/ encontros de trabalho;
- Participação em eventos (jornadas, seminários, etc.), numa lógica de partilha e aprendizagem para a melhoria do serviço;
- Articulação com outros serviços e parceiros da Rede;
- Cooperação e partilha de experiências com instituições exteriores ao município;
- Instalação do catálogo bibliográfico da Biblioteca Municipal nas escolas que integram a RBE;
- Divulgação *on-line* do catálogo da BM e das BECRE do concelho;
- Acções de formação/ estágios para pessoal não docente através da criação de protocolos estabelecidos entre escolas e autarquia;
- No programa de apoio às escolas do 1º ciclo são realizadas, ao longo do ano lectivo, acções de formação, dirigidas a alunos e professores, no domínio da aplicação das tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente no âmbito da utilização da internet e no domínio da promoção e incentivo à leitura.

Estes pontos desenvolvem uma das cláusulas presentes no “Acordo de Cooperação”⁴⁶, documento elaborado pelo gabinete RBE, a oficializar quando da criação de uma BECRE:

“c) Acompanhar a instalação e desenvolvimento das bibliotecas escolares, criando, nos termos das atribuições legalmente definidas, condições à sua instalação e funcionamento e à actualização periódica do fundo documental.

(...)

d) Integrar os princípios e filosofia do Programa Rede de Bibliotecas Escolares, equipando as escolas do ensino básico sujeitas a intervenções de requalificação com espaços adequados para a instalação de Bibliotecas Escolares. Dotar as novas escolas com instalações que garantam condições para a instalação e funcionamento da biblioteca escolar, cumprindo as normas definidas pela IFLA/UNESCO e as orientações definidas no Relatório “Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares”, nomeadamente em termos de área, de apetrechamento e de infra-estruturas e adaptações necessárias. Garantir a qualidade funcional, arquitectónica e ambiental destes espaços.

f) Assegurar a rotação de fundos documentais e a renovação periódica das colecções, sobretudo em escolas com serviço de biblioteca.

g) Contribuir com os meios necessários à informatização das bibliotecas escolares das escolas do 1º Ciclo, proporcionando uma gestão e partilha eficaz dos recursos e o trabalho em rede.

(...)”

Essencialmente, este serviço tem respondido à necessidade de facultar às suas BECRE uma estrutura de apoio que cimente o trabalho cooperativo e a rentabilização dos saberes dos diferentes membros do grupo, a alternância e a dádiva mútuas. Este aspecto, que tem como base a partilha e a aprendizagem comum a todos os intervenientes neste processo, tem sido, consideramos nós pela experiência e observação que temos feito, muito bem sucedida, como demonstramos de seguida⁴⁷:

⁴⁶ Rede de Bibliotecas Escolares (RBE): <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/19.html> [consultado em 8 Dezembro 2008, às 10 horas]

⁴⁷ Dados retirados do documento *Linhas de Orientação para o Tratamento Técnico Documental*, do SABE, fornecido a todas as BECRE do 1º CEB do concelho

- **Início do processo nos anos 90**

- Relação privilegiada da Biblioteca Municipal com as escolas de forma contínua e continuada.

- **1992/1993**

- A partir de 92/93 organizam-se projectos, são feitos os primeiros pedidos a nível das escolas para disponibilização de uma sala de aulas para a constituição da biblioteca.

- Colaboração da Biblioteca Municipal na formação de docentes, no tratamento documental do fundo existente, apoio logístico e fornecimento de alguns materiais. Refira-se a este propósito as acções de formação para professores realizadas pelo Dr. Vítor Figueiredo, no CRAE.

- Desenvolvimento de uma certa dinâmica no espaço da biblioteca como, por exemplo, a vinda de escritores às escolas.

- **1993/1994**

- A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, através da Divisão de Bibliotecas definiu em Protocolo, as condições de apoio a prestar às escolas.

- **Fevereiro de 1995**

- Inauguração da Biblioteca Central de Vila Franca de Xira, como Biblioteca da Rede Nacional de Leitura Pública, com recursos acrescidos e diferenciados.

- **1996/1997**

- Inicia-se uma 2ª fase de apoio ao desenvolvimento das bibliotecas escolares com a assinatura do Acordo Programa entre várias escolas do Concelho: EB1 N° 1 de Vila Franca de Xira; EB1 N° 4 de Vila Franca de Xira; EB1 N° 2 de Alverca; EB1 N° 1 da Póvoa; EB1 N° 4 de Alverca; EB1 N° 1 de Vialonga e EB1 N° 2 de Vialonga. Todas estas escolas fazem parte, actualmente, da RBE.

- As Escolas EB 2,3 de Vialonga e EB 2,3 Vasco Moniz candidatam-se ao projecto "Crescer em Rede".

- **1997/1998**

- Candidatura à Rede Nacional de Bibliotecas Escolares.

- **1998/1999**

- O concelho entra na Rede de Bibliotecas Escolares

- Ao nível das escolas do 1º ciclo a realização de obras é da responsabilidade do Sector de Educação da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

- A verba atribuída a cada escola é disponibilizada para a Autarquia, sendo gerida pela Divisão de Bibliotecas, que tem como função a aquisição de fundos documentais e do equipamento/mobiliário.

- São constituídas pelo SABE as primeiras bibliotecas escolares da Rede – EB1 N° 2 de Vialonga e a EB1 N° 1 de Vila Franca de Xira (Álvaro Guerra).

- **2008**

- Integram a R.B.E., no concelho de Vila Franca de Xira, 17 escolas do 1º ciclo.

De reforçar também o facto deste serviço no concelho de Vila Franca de Xira não se limitar às suas funções de apoio técnico e logístico, mas de adoptar também um papel de preocupação e procura de respostas num processo de promoção e incentivo à leitura, nomeadamente na facilitação de formação gratuita a professores e funcionários, de alguma forma, envolvidos na dinâmica das BECRE.

Aproveitamos para insistir que a formação é a base de tudo e no que toca à promoção da leitura a boa-vontade ou vocação não são suficientes.

Na procura de respostas num quadro de promoção e incentivo à leitura, o papel e intervenção do SABE poderá ser determinante, permitindo o acesso a uma diversidade e

quantidade de títulos muito vasta, sugerindo novos autores e novas experiências, informando sobre as novidades editoriais, procurando dar resposta aos leitores mais exigentes ou com gostos mais incomuns.

De igual modo, espera-se que o bibliotecário do SABE e os técnicos que o acompanham estejam informados sobre o que melhor poderá responder às necessidades dos professores, antecipando acções de formação que actualizem conhecimentos relativos à literatura infantil e à sua fundamentação teórica, ao universo da ilustração, desempenhando um papel semelhante ao do *guia turístico*, conhecedor das ruas mais escondidas e interessantes das cidades, e que as partilha, com os que nela se sentem estranhos.

Os próprios condicionamentos dos horários escolares, da existência de espaços disponíveis para organizar actividades extra-lectivas, aconselham a que a biblioteca municipal tome a iniciativa de chamar a si a programação de um conjunto de acções de animação e de sensibilização à leitura, para as quais convida escolas do concelho, acções essas que deverão posteriormente ser prolongadas no espaço escolar, pressupondo uma estreita e continuada colaboração.



Finalizamos, agora, este terceiro capítulo com uma pequena reflexão.

A história das BECRE no concelho de Vila Franca de Xira (1º CEB e não só) acompanhou, desde sempre, a criação do Programa Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, revelando um comportamento de pioneirismo dos intervenientes que têm colaborado neste processo.

Acreditamos que tal facto só foi possível devido à grande carga cultural que este concelho detém e de onde nos vêm à lembrança nomes como Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes e outros, não só pelo espólio literário e artístico que nos deixaram, mas também pelo afecto que davam à leitura, ao acesso à educação e informação, ao trabalho de cooperação e partilha entre todos.

A história das bibliotecas no concelho, como aqui pretendi delinear, começa muito antes de 1988 – Rede Nacional de Leitura Pública - e 1996 – Rede de Bibliotecas Escolares. Resultado de iniciativa, vontade e empreendedorismo de cidadãos empenhados e

de uma procura antiga pelos professores do concelho de projectos, programas e candidaturas que alicerçassem a promoção da leitura e o desenvolvimento de hábitos leitores, desde muito cedo e que, sem sombra de dúvida, condicionaram a entrada em 1997 do concelho num programa, na época, com apenas um ano.

Um longo e profícuo caminho foi percorrido, muitas experiências desenvolvidas, inúmeros projectos conquistados. Muitos deles caracterizados como projectos de mudança e inovação em que o empenhamento das escolas, aliado ao trabalho desenvolvido em articulação com a comunidade, deu os seus frutos.

Agora que o caminho foi encontrado restará a todos – professores, funcionários, bibliotecários, técnicos da autarquia, órgãos de gestão da escola e autarquia – continuar a desenvolver esforços para motivarmos as nossas crianças para a leitura e para a frequência das bibliotecas escolares e públicas. Se não formarmos leitores e se não criarmos o gosto pela leitura, nada fará sentido. E tudo se conseguiu e conseguirá com uma palavra: **Cooperação.**

Folhear um livro é espreitar para dentro de
uma caixinha sem chave, uma caixinha ao
alcance das mãos e dos olhos.

Não há segredos.

(António Torrado)

IV – A Promoção da Leitura na Biblioteca Escolar do 1º ciclo do ensino básico – o caso do concelho de Vila Franca de Xira

1. Definição do Problema

O estudo aqui apresentado decorreu do nosso interesse em verificar, divulgar e avaliar a forma como a BECRE e a sua acção se ocupam da promoção da leitura.

Uma vez que nos encontramos, de há cinco anos a esta parte, a desenvolver funções de professor bibliotecário em BECRE de Escolas do 1º CEB no concelho de Vila Franca de Xira, decidimos proceder a uma análise desta temática em BECRE deste concelho. O período analisado terá compreendido os anos lectivos 1996/1997 a 2006/2007, coincidente com os dez anos do programa RBE em Portugal.

Entre outras actividades temos verificado que a principal acção das bibliotecas, quer públicas quer escolares, se prende essencialmente pela temática que escolhemos. Daí acharmos pertinente encontrar respostas para questões que nos temos colocado no decorrer das nossas funções nestes últimos cinco anos:

- De que forma a implementação de Bibliotecas Escolares integradas no programa da Rede de Bibliotecas Escolares, interferiu na prática pedagógica dos professores titulares de turma, num quadro de promoção da leitura?
- Que impacto têm tido as Bibliotecas Escolares no funcionamento das escolas que as integram e nas outras que lhes estão próximas?
- Que estratégias utilizam os professores bibliotecários para cativar e fomentar a leitura dos pequenos utilizadores destes espaços? Será o professor bibliotecário dinamizador da leitura?

- Qual o cânone literário que surge destes dez anos de actividades ligadas a essas estratégias, num quadro de promoção da leitura?
- De que forma os recursos humanos existentes afectos a este espaço condicionam o funcionamento deste serviço?
- Enfim, quais os resultados, sucessos e insucessos da instalação do programa de Rede de Bibliotecas Escolares nas escolas do 1º CEB no concelho de Vila Franca de Xira num quadro de promoção da leitura.

2. Metodologia

A presente investigação assentou na análise de conteúdo de documentos realizados pelas equipas das BECRE: pedidos de destacamento para o lugar de professor bibliotecário, planos de actividade e de acção, relatórios de avaliação. Tais documentos são documentos oficiais, entregues anualmente aos coordenadores do programa e presentes na DREL, de acordo com o Despacho Interno Conjunto nº3 – I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março:

“ (...)

10. A direcção executiva da escola ou do agrupamento ou o director, conjuntamente com o responsável pela BECRE, deverá proceder à avaliação do trabalho desenvolvido, bem como à avaliação da aplicação dos princípios constantes deste Anexo, através de relatório elaborado no final de cada ano lectivo.

11. O relatório referido no número anterior deverá ser enviado ao Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares e à respectiva Direcção Regional de Educação, até 30 de Setembro.”⁴⁸

O campo a investigar correspondeu a nove agrupamentos de escolas e doze BECRE.

Inicialmente pensámos em analisar apenas relatórios de avaliação de algumas escolas, tendo em conta diversos factores: horário dos alunos, ciclos de ensino na mesma

⁴⁸ Rede de Bibliotecas Escolares (RBE): <http://www.rbe.min-edu.pt/np4/45.html> [consultado em 23 Junho 2009, às 12.15]

escola, localização física e características sociais, rejeitando as referências às BECRE em que temos vindo a desenvolver as funções de professor bibliotecário.

No entanto, muito embora o despacho anteriormente referido previsse a entrega de um relatório no final de cada ano lectivo, verificámos que nem todos os anos havia documentação para analisar das cinco BECRE seleccionadas.

Desta forma, optámos por analisar toda a documentação existente e correspondeu a 41 documentos, na sua maioria “Relatórios Finais de Avaliação” das actividades e funcionamento das BECRE no concelho de Vila Franca no período já referido. Tal número corresponde a um terço da documentação total esperada, o que consideramos uma amostra possível de atingir uma avaliação correcta do problema apresentado.

Toda a documentação existente foi lida e analisada na íntegra. Colocámos o foco de análise nos aspectos que considerámos mais relevantes para a compreensão do nosso objecto de estudo – a promoção da leitura na biblioteca escolar, isto é, as questões ligadas a este órgão assumiram um protagonismo.

Para tal construímos uma ficha identificativa de cada escola envolvida, de forma a obter uma caracterização do campo de investigação e grelhas de análise de conteúdo de natureza qualitativa e descritiva, procedendo a um ajustamento entre as teorias adoptadas, os objectivos do trabalho e o texto, por forma a que a análise dos dados permitisse revelar a informação pretendida.

Neste estudo optámos por um quadro de investigação assente no paradigma qualitativo e interpretativo, em que o objectivo foi a obtenção de dados descritivos para dar resposta às questões que colocámos inicialmente.

Da mesma forma, procedemos, em simultâneo, ao levantamento de alguns exemplos textuais e à contagem dos dados adquiridos.

A análise de conteúdo recorreu, assim, a procedimentos de natureza quantitativa, sendo, no entanto, predominantemente, qualitativa.

Com o intuito de facilitar a exposição dos resultados apresentamos as temáticas sobre que nos debruçámos com mais intensidade, num campo de promoção e animação da leitura:

- Actividades realizadas

- Livros abordados
- Autores referenciados
- Cooperação de entidades externas
- Partilha e Intercâmbio entre escolas, BECRE, bibliotecas públicas, SABE, organismos públicos
- Recursos humanos afectos às BECRE
- Funcionamento da BECRE

Paralelamente a esta metodologia, que privilegiou a análise de conteúdo e interpretação de dados, não foi alheia a nossa observação enquanto parte integrante do estudo. Consideramos, aliás, que ignorar a nossa experiência não seria benéfico para a investigação, tendo também em conta que as bibliotecas em que trabalhamos tiveram intervenções anteriores de outros professores bibliotecários e tinha sido entregue toda a documentação pedida desde a inauguração destes espaços.

Tal facto implica utilizar algumas técnicas da metodologia de investigação -acção.

Também é nosso objectivo compreender e melhorar as práticas na BECRE, reflectir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia-a-dia, motivado por uma busca da melhoria e compreensão das práticas, pela vontade de mudar práticas que consideremos menos positivas ou bem sucedidas, aprender como melhorar.

3. Caracterização do campo de investigação

A presente investigação constitui-se como um estudo intensivo cujo universo engloba, maioritariamente, escolas do 1º CEB, embora também estejam incluídos estabelecimentos com ensino pré-escolar e escolas que abrangem os 2º e 3º ciclos de ensino.

Apresentamos um quadro identificativo das escolas e BECRE que fazem parte deste universo:

Quadro 5: Mapa das EB1c/ BECRE integrada no Programa RBE
Concelho de Vila Franca de Xira

| Agrupamento | Escola | Freguesia | Com II | Ano de Integração ⁴⁹ | BECRE em funcionamento até 2006/2007 |
|------------------------------------|-------------------------------------|------------------------|-----------|------------------------------------|--|
| Alhandra, Sobralinho e S.J. Montes | EB 1 do Sobralinho | Sobralinho | | 1999 | 11 |
| Póvoa de D. Martinho | EB 1 nº 4 da Póvoa | Póvoa Santa Iria | | 2000 | 10 |
| Aristides Sousa Mendes | EB 1 nº 1 da Póvoa | Póvoa Santa Iria | | 2000 | 10 |
| Vialonga | EB 1 nº1 de Vialonga | Vialonga | | 2001 | 9 |
| | EB 1 nº 2 de Vialonga | Vialonga | | 1998 | 12 |
| Bom Sucesso e Arcena | EB1 de Arcena | Arcana | | 2001 | 9 |
| | EBI ⁵⁰ do Bom Sucesso | Alverca | X | 1998 | 12 |
| Pedro Jacques de Magalhães | EB 1 nº 2 de Alverca | Alverca | X | 1999 | 11 |
| | EB 1 nº 4 de Alverca | Alverca | X | 2000 | 10 |
| Forte da Casa | EB1 Forte da Casa | Forte da Casa | | 1999 | 11 |
| Dr. Sousa Martins | EB 1 nº 4 de VFX (Bº Paraíso) | Vila Franca de Xira | X | 2001 | 9 |
| Dr. Vasco Moniz | EB 1 nº 1 de VFX (Álvaro Guerra) | Vila Franca de Xira | | 1998 | 12 |

⁴⁹ Refere-se ao ano em que foi aprovada e ganha a candidatura ao programa RBE, não corresponde, obrigatoriamente, início de funcionamento

⁵⁰ Escola Básica Integrada, tal como o nome indica integra todos os ciclos de ensino do pré-escolar ao 3º ciclo (9º ano)

3.1 Processo de recolha de informação

Após terem sido definidas as escolas que seriam alvo do nosso estudo, encetámos os procedimentos necessários à recolha de documentos, ou seja, os planos de acção, de actividades e relatórios finais de avaliação.

Este processo correspondeu às seguintes fases:

1.^a) Em 26 de Novembro de 2008 contactámos, via internet, o sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar⁵¹, serviço ministerial que tutela as investigações na área da educação, a fim de nos registarmos e podermos aceder ao sistema. Nesse mesmo dia recebemos os dados necessários com o objectivo de aceder à autorização para a investigação.

2.^a) Em 11 de Março de 2009 foi registado no sistema de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar⁵² um pedido de autorização de inquérito, solicitando a consulta da documentação já referida no Gabinete de Rede de Bibliotecas Escolares, situado na DREL, junto da Dr.^a Marília Afonso. O pedido foi analisado pela Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

3.^a) Em 2 de Abril de 2009 o pedido de autorização foi aprovado. A resposta foi enviada para o nosso endereço de correio electrónico, com a informação de que o pedido de aplicação do inquérito em meio escolar foi autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpria os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal.

4.^a) Em Maio, Junho e Julho de 2009 tiveram lugar encontros com a Dr.^a Marília Afonso que disponibilizou toda a documentação existente referente ao período e BECRE em investigação.

⁵¹ <http://mime.gepe.min-edu.pt> [consultado em 26 Novembro 2008, às 16.30]

⁵² <http://mime.gepe.min-edu.pt> [consultado em 11 Março 2009, às 16.45]

5.^a) Ao verificarmos a inexistência de toda a documentação esperada mudámos a amostra inicialmente constituída e optámos por analisar toda a documentação fornecida, 41 documentos no total, predominando relatórios. A documentação existente tinha início em Junho de 2002, ano de integração das escolas em regime de agrupamento e da data do Despacho Interno Conjunto nº3 – I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março.

6. ^a) No final de Julho de 2009, o nosso universo estava constituído (todas as escolas que entregaram os documentos procurados) e demos o processo de recolha da documentação e informação concluído.

3.2 Caracterização do Universo

O nosso universo é constituído por um total de 12 escolas, correspondendo a 9 agrupamentos do concelho de Vila Franca de Xira. Apenas ficou um agrupamento por analisar, uma vez que até à data não tinha BECRE integrada no programa RBE – Agrupamento de Escolas da Castanheira do Ribatejo.

Embora o universo de escolas abranja apenas 1º CEB, foi também, pontualmente, analisada documentação referente a escolas com outros ciclos de ensino, por conterem informações paralelas às actividades de 1º CEB ou por o estabelecimento investigado:

- Ter a componente de ensino pré-escolar;
- Ser uma Escola Básica Integrada
- Entregar relatórios e outra documentação comum a todas as escolas e/ou BECRE do agrupamento
- Ter projectos e/ou actividades em articulação com escolas do 1º CEB

Todas as escolas funcionam apenas em regime diurno, no entanto com horários diferenciados, por vezes dentro do mesmo estabelecimento:

- Horário Normal: 9.00-15.15
- Horário Duplo Manhã: 8.00-13.00
- Horário Duplo Tarde: 13.15-18.15

Quadro 6 – Caracterização do Universo de Escolas por níveis de ensino e horários

| Tipologia | Níveis | Horário | | | Nº de escolas | total |
|---|-----------------------|---------|-------|---------------|---------------|-------|
| | | Normal | Duplo | Normal+ Duplo | | |
| 1º ciclo | EB 1 com JI | 1 | | 2 | 3 | 11 |
| | EB 1 | | 8 | | 8 | |
| Básica Integrada | JI, 1º, 2º e 3º ciclo | 1 | | | 1 | 1 |
| Número total de escolas que constituem o universo | | | | | | 12 |

Neste universo todas as escolas se encontram em regime de agrupamentos vertical.

Simultaneamente todas as escolas estavam integradas no programa da RBE, antes da sua inclusão em regime de agrupamento.

As primeiras escolas com ensino do 1º CEB a verem a sua biblioteca integrada no programa RBE foram as EB 1 nº 2 de Vialonga, EB 1 nº 1 de Vila Franca (actual Álvaro Guerra) e EBI do Bom Sucesso.

No que diz respeito ao tipo de candidatura que proporcionou a sua integração no programa RBE, verificámos que todas elas foram integradas por via de candidatura nacional, que privilegia práticas e projectos existentes e inovadores na área das bibliotecas escolares, na promoção da leitura e nas TIC (tecnologias de informação e comunicação).

Em termos de localização geográfica a maior parte das escolas situa-se em meio urbano, contemplando as freguesias mais ocupadas em termos populacionais. Também existem escolas situadas em meio rural, mas o número de alunos não permite a instalação de uma BECRE. Para colmatar tal facto a Divisão de Bibliotecas de Vila Franca de Xira, como já referimos no capítulo anterior, tem vindo a instalar “cantinhos de leitura” que nomeia de *Bibliomanias*.

Passemos agora a uma breve caracterização de cada um dos agrupamentos e escolas envolvidos:

Quadro 7: *Caracterização descritiva do universo de escolas* ⁵³

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|---|--|---|
| Alhandra, Sobralinho e São João dos Montes | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Alhandra ✓ Sobralinho ✓ S. J. Montes | <p>EB 1 do Sobralinho: está inserida num meio urbano, com moradias, prédios, pátios e casas abarracadas.</p> <p>Pertence à freguesia do Sobralinho, as pessoas que aqui residem trabalham, essencialmente, em comércio, serviços e indústria.</p> <p>É uma localidade caracterizada como sendo vila-dormitório da zona urbana de Lisboa, com todos os problemas inerentes a esta realidade.</p> <p>A escola está situada numa zona da vila conhecida pela “aldeia”, muito próxima da Junta de Freguesia e do Posto de Correios. Tem três edifícios: Escola Nova, Escola Velha e Pavilhão.</p> <p>O edifício designado por Escola Nova é do tipo Centenários, o edifício designado por Escola Velha, sem tipologia, data de 1930, o edifício designado por Pavilhão encontra-se no espaço exterior da Escola Nova, é um pré-fabricado, cuja data de construção se situa na década de 70.</p> <p>À excepção do Pavilhão o estado dos edifícios pode ser considerado bom.</p> <p>A escola funciona até à data com o horário duplo da manhã e o horário duplo da tarde.</p> <p>O número de alunos matriculados à época na escola era de cerca 250 com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos, distribuídos por 12 turmas.</p> <p>A população escolar que frequenta esta escola apresenta alguns problemas, que acabam por afectar o decorrer das actividades escolares:</p> <p>É uma escola que recebe alunos de várias culturas e etnias; muitos desses alunos provêm de famílias</p> |

⁵³ As informações que aqui apresentamos foram cedidas pela Dr.^a Ana Melo (professora bibliotecária, que acompanhou o processo de integração destas escolas no programa RBE), foram retiradas dos relatórios e de sítios na internet:

Vialonga: <http://www.eb1n2.blogspot.com/>, [consultado em 3 Agosto 2009, às 14.30]

http://www.jf-vialonga.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=37&Itemid=45
[consultado em 3 Agosto 2009, às 15.50]

<http://vialonga.no.sapo.pt/lugares/local.htm>, [consultado em 3 Agosto 2009, às 15.55]

Póvoa de Santa Iria: <http://povoasantairia.no.sapo.pt/index2.html>, [consultado em 3 Agosto 2009, às 15.40]

<http://www.eb23-d-m-vaz-castelo-branco.rcts.pt/Professores/index.html>, [consultado em 3 Agosto 2009, às 14.50]

Alverca: http://www.portalalverca.com/index.php?option=com_content&view=article&id=12&Itemid=9,
[consultado em 3 Agosto 2009, às 15.55]

Sobralinho: <http://www2.eps-soeiro-pereira-gomes.rcts.pt/locFrameset.htm>, [consultado em 3 Agosto 2009, às 15.15]

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|-------------------|-----------------------|---|
| | | <p>monoparentais;</p> <p>-Devido ao modo de vida a que estão habituados os professores deparam-se com frequentes episódios de indisciplina;</p> <p>-Surgem todos os anos casos de pais negligentes;</p> <p>-A escola está inserida num meio em que há muito desemprego e problemas de droga.</p> <p>BECRE: No ano de 1997/98 estava colocada na escola uma professora ao abrigo do despacho 622/B que ficou responsável pela biblioteca. Houve o tratamento do fundo documental existente, com a colaboração dos técnicos da Biblioteca Municipal.</p> <p>Em 1999 a escola é integrada no programa RBE e dá-se início a obras de adaptação.</p> <p>A BECRE foi instalada numa sala do rés-do-chão. O espaço inicial correspondia a uma área de 50 m². Foram feitas obras de ampliação do espaço abrindo uma parede para o alpendre e alargando assim a BECRE, conquistando um espaço de mais 20 m² ficando com um espaço total de 70 m².</p> |
| Póvoa D. Martinho | ✓ Póvoa de Santa Iria | <p>EB 1 n° 4 da Póvoa: situa-se na Póvoa de Santa Iria, freguesia caracterizada por um aglomerado antigo, nascido à beira do rio Tejo.</p> <p>Distinguem-se duas áreas urbanas: a «Póvoa Velha» e a «Póvoa Nova». O núcleo (Póvoa Velha) foi limitado no seu crescimento por duas barreiras, o caminho-de-ferro a sul e a Estrada Nacional a norte.</p> <p>Originamente a escola foi construída sob a tipologia P3. Actualmente as novas instalações, resultantes de remodelação recente, são constituídas por dois edifícios, um com dois andares e outro de piso térreo.</p> <p>É frequentada diariamente por uma média de 280 alunos, distribuídos por 12 turmas.</p> <p>O horário de funcionamento da Escola até à data da investigação era duplo manhã e tarde.</p> <p>BECRE: embora tenha tido a candidatura autorizada em 2000, devido à envergadura das obras, que terão início no Verão de 2001, só em 2001/2002 ficou definitivamente instalada e pronta a funcionar.</p> <p>Mais tarde em 2006 a escola sofre intervenção de raiz obrigando a biblioteca a encerrar.</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|---------------------------|--------------------------|---|
| Póvoa D. Martinho | ✓ Póvoa de Santa Iria | No ano lectivo 2006/2007 a BECRE foi reinstalada num novo espaço, com uma área muito superior ao original. |
| Aristides Sousa Mendes | ✓ Póvoa de Santa Iria | <p>EB 1 nº1 da Póvoa: é uma escola tipo Plano Centenários com 8 salas de aula e 1 BECRE que sofreu obras de adaptação. A Escola, no período em investigação tinha, em média, 375 alunos distribuídos por 16 turmas, funcionando em horário duplo manhã/tarde.</p> <p>BECRE: A tradição no que se refere às bibliotecas escolares remonta ao ano de 1993/94 em que a escola organizou um projecto denominado “Descobrir o Gosto pela Leitura”, cujo principal objectivo era criar o gosto pela leitura como fonte de diversão, formação e informação.</p> <p>Em Julho de 94 foi concedida a disponibilização de uma sala de aula e a escola pôde pôr em prática o projecto.</p> <p>Em 1998/99 a escola apresentou a sua candidatura RBE que ganhou em 2000.</p> <p>Depois de ter ganho a candidatura e ter entrado na RBE, foi necessário fazer obras de adaptação, pois a sala inicial revelava-se pequena.</p> <p>A escola, no ano em que se realizaram as obras e em que os livros estavam a ser tratados, teve alguma dificuldade em trabalhar com os alunos, de modo que apostou na formação interna. Organizou uma formação sobre Bibliotecas e seu funcionamento, para professores e AAE da escola interessados, de modo a que todos os professores entendessem as novas funções e potencialidades de uma BECRE.</p> |
| Vialonga | ✓ Vialonga | <p>EB 1 nº 1 de Vialonga: situada no centro da freguesia, é constituída por dois edifícios designados por:</p> <p>Pólo 1 – edifício do tipo centenários</p> <p>Pólo 2 – edifício da Quinta da D. Cândida, situado a cerca de 200 metros do edifício do plano dos centenários.</p> <p>É um estabelecimento de ensino que recebe uma média de 230 alunos, praticando o horário duplo</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|-------------|------------|---|
| Vialonga | ✓ Vialonga | <p>manhã/tarde.</p> <p>BECRE: é constituído por: área nuclear, galeria de exposições, oficina de expressões.</p> <p>Terá sido integrada no programa RBE no ano 2001, ocupando uma sala de rés-do-chão do edifício principal.</p> <p>O espaço inicial correspondia a uma área de 50 m², tendo sido realizadas obras de ampliação do espaço, à semelhança do que aconteceu na EB 1 do Sobralinho.</p> <p>EB 1 nº 2 de Vialonga: A Escola EB1 nº2 situa-se no Bairro Olival de Fora, conhecido por Bairro da Icesa, com uma população de origem social, cultural e linguística diversificada, marcada por problemas económicos e sociais.</p> <p>Este bairro caracteriza-se como uma zona social e habitacional tipo dormitório. Existem, manchas de desemprego, de pobreza, de habitação de qualidade diminuta e um baixo nível de escolarização. Trata-se de uma população essencialmente migrante, originária, sobretudo, dos distritos de Lisboa e Setúbal, de alguns países de Leste, da Ásia, do Brasil, dos PALOP (Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné e São Tomé e Príncipe), sendo a proveniência do próprio concelho bastante reduzida.</p> <p>A escola funciona em regime de horário duplo manhã/tarde, com cerca de 355 alunos, distribuídos por 19 turmas.</p> <p>Está considerada como escola em território de intervenção prioritária (TEIP)</p> <p>BECRE: Antes da candidatura ao programa RBE com o fundo documental que existia e havendo espaço para o efeito foi-se organizando uma pequena biblioteca, espaço que foi sendo animado no âmbito de vários projectos.</p> <p>No ano de 1998/99 foi destacada uma professora para animar a BECRE. Foi neste ano que a escola apresentou a sua candidatura à RBE.</p> <p>Foram desenvolvidas actividades de animação da leitura e da escrita de uma forma lúdica e concertada com as professoras, foi feita a animação dos intervalos, conquistando de uma maneira simples os alunos para a BE.</p> <p>No ano lectivo de 1999/00 a escola passou a ter a</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|----------------------|------------|--|
| Vialonga | ✓ Vialonga | sua BECRE a funcionar em pleno: o espaço já existia, algum equipamento também, assim como o fundo documental. Não houve necessidade de se fazerem obras de adaptação. Tornou-se muito fácil pôr a BECRE a funcionar. |
| Bom Sucesso e Arcena | ✓ Alverca | <p>EBI do Bom Sucesso: encontra-se situada num bairro limítrofe entre a cidade de Alverca do Ribatejo e a aldeia de Arcena, antigo núcleo populacional de tradição rural saloia que vê, a partir de meados do século, emergir nas suas imediações o Bom Sucesso.</p> <p>O crescimento populacional da zona resulta, essencialmente, do fluxo migratório das zonas rurais para as grandes cidades, da deslocação para Portugal de populações oriundas imigrantes e ainda da fixação de jovens famílias nas novas urbanizações que vão surgindo.</p> <p>O Agrupamento enquadra-se num contexto social de famílias de nível médio, com algumas bolsas de pobreza, e integra uma população maioritariamente de origem portuguesa, mas abrangendo núcleos de origem guineense, angolana, brasileira e de países do Leste europeu.</p> <p>A Escola Básica dos 1º, 2º e 3º Ciclos do Bom Sucesso iniciou o seu funcionamento no ano lectivo 97/98. É de construção recente e proporciona boas condições a nível de instalações e espaços envolventes.</p> <p>Este estabelecimento foi projectado para integrar os vários ciclos do Ensino Básico, sendo dotado de espaços e equipamentos adequados suficientes para dar resposta a cerca 760 alunos.</p> <p>BECRE: Instalada logo após início de funcionamento da escola, começando a promover os seus serviços a partir do ano lectivo 98/99. Dadas as características da escola atende um público muito diversificado: professores e alunos de todos os graus de ensino (à excepção do ensino secundário, inexistente nesta zona).</p> <p>EB 1 de Arcena: A Escola Básica do 1º Ciclo de Arcena é um edifício único, obedecendo a um traçado de espaço de sala de aula aberto (P3), circundado por um espaço de lazer.</p> <p>Está situada no centro de um bairro residencial de origem camarária, onde residem famílias, na sua</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|----------------------------|------------|---|
| Bom Sucesso e Arcena | ✓ Alverca | <p>maioria, provenientes da Guiné-Bissau. Esta escola tem 7 salas de aula a funcionar, respondendo às necessidades de cerca de 160 alunos, praticando o horário duplo manhã/tarde.</p> <p>BECRE: Terá sido instalada numa sala do piso inferior, após integração no programa RBE em 2001.</p> |
| Pedro Jacques de Magalhães | ✓ Alverca | <p>EB 1 nº 2 de Alverca: encontra-se situada, numa das extremidades da Cidade de Alverca, onde existe grande densidade populacional. O bairro onde se insere é constituído por habitações de construção relativamente recente com frequente substituição de casas mais antigas de rés-do-chão por novos prédios de vários andares.</p> <p>Grande parte da população, apesar de jovem e de já ter nascido neste concelho ou distrito, tem as suas origens noutros locais do país, havendo por isso um certo isolamento familiar.</p> <p>A Escola tem uma população activa e jovem com nível socioeconómico médio. A sua população escolar é proveniente do bairro e outras zonas envolventes</p> <p>A Escola Básica 1 nº2 de Alverca é constituída pelos seguintes edifícios: Edifício da Cantina, Edifício do Plano Centenários, Edifício Camarário e Monoblocos. O restante espaço escolar, de recreio, é amplo e arborizado.</p> <p>Ao todo é frequentado por cerca de 250 alunos do 1º CEB (10 turmas) e 90 alunos do Jardim-de-infância (4 turmas). À data da investigação praticava os horários normal e duplo manhã/tarde. Actualmente encontra-se a ser reabilitada.</p> <p>BECRE: Desde o ano lectivo de 1993/94, existiu nesta Escola, um Projecto Biblioteca resultante das necessidades reais da escola e também porque houve o apoio da Câmara Municipal assinando protocolos com algumas escolas do Concelho.</p> <p>Em 1999 apresenta a candidatura à RBE, que é aprovada e em 2000 fazem-se as obras de adaptação.</p> <p>Foi assim que a BECRE ficou instalada num belíssimo e amplo espaço do rés-do-chão, com óptimas condições tanto no que se refere ao espaço, como ao acesso a todos os utentes.</p> <p>Em 2000/2001 foi pedido o destacamento de uma professora para a biblioteca, que a instalou,</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|----------------------------|------------|--|
| Pedro Jacques de Magalhães | ✓ Alverca | <p>coordenou e dinamizou. A BECRE ficou devidamente equipada, funcionando com as zonas de acolhimento, de leitura informal, de animação, de produção multimédia.</p> |
| | | <p>EB 1 nº 4 de Alverca: está inserida no Bairro da Chasa, assim chamado por ter sido construído pela Cooperativa de Habitação Económica de Alverca. Este Bairro, constituído por numerosas habitações, fica situado próximo do nó da auto-estrada do Norte A1 (Alverca). O Bairro da Chasa representa um dos grandes núcleos recentes de expansão urbana na cidade de Alverca. É constituído por habitações de construção recente e tem uma elevada densidade populacional. A Escola é composta por um único edifício, composto por dois pisos e por uma zona de recreio envolvente, cuja construção não obedece a nenhum tipo definido. No edifício da escola funcionam também o Jardim-de-infância Nº 3 de Alverca e Actividades de Tempos Livres. Nesta Escola, em média, estão matriculados cerca de 145 alunos do 1º ciclo, distribuídos por 7 turmas e por 45 alunos do Jardim-de-infância, distribuídos por duas salas. BECRE: Desde a entrada em funcionamento do novo edifício desta escola em 1994/95, que se começaram a desenvolver esforços no sentido de criar uma Biblioteca Escolar, tendo como ponto de partida um número reduzido de livros e alguns jogos. Perante a existência de uma sala com cerca de 18 m² que permitia o funcionamento de uma pequena Biblioteca, a escola candidatou-se em 1996/97, ao Programa “ Apoio à criação e desenvolvimento de Bibliotecas Escolares”, promovido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Em 1998/99, através do projecto “ Motivar as Aprendizagens em torno da Biblioteca”, foi concedido à escola o destacamento de uma Educadora de Infância para a dinamização do referido projecto. No ano de 1999/2000, foram criadas condições</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|----------------------------|-----------------|---|
| Pedro Jacques de Magalhães | ✓ Alverca | <p>para a expansão da Biblioteca.</p> <p>No ano de 2000/2001 foram feitas as obras de adaptação para a instalação da BECRE, tendo sido pedido novamente o destacamento de uma professora para animação da Biblioteca, tendo sido pedido também, o destacamento de um animador ao abrigo do despacho 942/99.</p> |
| Forte da Casa | ✓ Forte da Casa | <p>EB 1 do Forte da Casa: Foi construída em 1977, de tipo indefinido, com grandes deficiências de construção e de concepção. É a única escola do 1º ciclo desta freguesia.</p> <p>Até aos anos sessenta toda esta zona era de características rurais, coberta essencialmente por extensos olivais. Desde 1985, sofreu um grande crescimento urbanístico a partir da década de 70.</p> <p>Encontra-se situada na faixa litoral junto ao rio Tejo, onde se encontram as principais indústrias e os maiores aglomerados urbanos do Concelho. É uma freguesia com características essencialmente urbanas, as crianças ou estão na escola ou no ATL, pois os pais saem de manhã e só regressam à noite, pois trabalham na indústria e serviços.</p> <p>A sua população é muito heterogénea, grande parte é constituída por cidadãos que depois do 25 de Abril vieram das ex-colónias, outra por cidadãos de várias regiões do país e há também uma significativa comunidade Indiana e Timorense.</p> <p>A EB 1 do Forte da Casa, assim denominada desde o ano lectivo de 2000/2001, anteriormente EB1 Nº 2 de Vialonga, tem desde a sua origem uma grande tradição no desenvolvimento da leitura e no trabalho relacionado com as bibliotecas.</p> <p>BECRE: No ano de 1999 candidatou-se à RBE e ganhou a candidatura. As obras de adaptação decorreram em 2000, e a biblioteca está em funcionamento desde 2000/2001.</p> <p>Quando da candidatura da escola à RBE em 1999 houve necessidade de se fazerem obras de adaptação.</p> <p>É frequentada, em média, por 530 alunos, distribuídos por 20 turmas, funcionando em regime duplo manhã/tarde e, simultaneamente, em regime normal.</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|-------------------|-----------------------|---|
| Forte da Casa | ✓ Forte da Casa | <p>Durante muitos anos a BE funcionou no espaço de uma sala de aula.</p> <p>No ano lectivo de 1989/90, a escola candidatou-se a um concurso do PRODEP para a implementação de Mediatecas Escolares. Ganhou o concurso e foram adquiridos muito equipamento audiovisual, informático e alguns livros.</p> <p>Os alunos visitavam o espaço onde faziam requisição de livros para empréstimo domiciliário, uma média de 200 livros por semana.</p> <p>Após ter ganho a candidatura concelhia à RBE em 1999, foram feitas as obras de adaptação, como o derrube de uma parede para se fazer a ligação de duas salas, ficando o espaço final com uma área de cerca de 144 m².</p> <p>No ano lectivo 2004/2005 voltou a sofrer uma reabilitação, tendo a BECRE ocupado um novo espaço.</p> |
| Dr. Sousa Martins | ✓ Vila Franca de Xira | <p>EB 1 nº 4 de VFX: fica situada na periferia da sede do concelho de Vila Franca de Xira, Bairro do Paraíso, junto a um aquartelamento militar. Este bairro caracteriza-se como sendo dormitório. A escola encontra-se num edifício tipo P3 de área aberta, com 8 salas para aulas.</p> <p>Este estabelecimento tem também duas salas de Jardim-de-infância a funcionar.</p> <p>Os horários praticados são horário normal e duplo manhã/tarde.</p> <p>A grande maioria dos alunos que frequentam esta Escola, bem como o Infantário, são oriundos de várias zonas da cidade, pois frequentam actividades de tempos livres numa instituição o A.B.E.I.</p> <p>Há um grupo de crianças que também frequenta esta Escola e que vem de todos os pontos do concelho, são as crianças portadoras da deficiência auditiva, apoiadas pela U.A.A.S e ao mesmo tempo fazem a sua integração no Ensino Regular.</p> <p>BECRE: Embora tenha sido apresentada candidatura ao programa RBE no mesmo ano da EB 1 nº 1 de Vila Franca de Xira (97/98), só no ano de 2001 viu a sua escola ser integrada neste mesmo programa.</p> <p>Este serviço começou a funcionar em 2004,</p> |

Quadro 7: *continuação*

| Agrupamento | Freguesias | Escola com BECRE até Junho de 2007 |
|----------------------|-----------------------|---|
| Dr. Sousa Martins | ✓ Vila Franca de Xira | ficando a BECRE instalada no rés-do-chão do edifício da escola, em sala ampliada e desenhada para este efeito. |
| Dr. Vasco Moniz | ✓ Vila Franca de Xira | <p>EB 1 nº 1 de VFX: é uma das 7 escolas da freguesia de Vila Franca de Xira. Situa-se no centro da cidade, sede de concelho, junto a várias instituições, serviços e comércio.</p> <p>É mais conhecida pela população desta cidade como a Escola do Bacalhau, por ser construída nos terrenos de uma quinta chamada "A Cerca do Bacalhau".</p> <p>Foi inaugurada em 1948 e é constituída por um edifício tipo Plano Centenário com oito salas de aulas.</p> <p>Tem dezasseis turmas a funcionar em horário duplo manhã/tarde.</p> <p>A população escolar é muito heterogénea, pois frequentam esta escola não só os alunos da área de influência da escola, mas também outras crianças oriundas das diferentes zonas da freguesia, pois usam o ATL situado perto da escola.</p> <p>Também é frequentada pelos os alunos que habitam os terrenos da Lezíria onde não há escolas; todos os dias uma carrinha da Câmara Municipal transporta estas crianças.</p> <p>Junto ao rio Tejo, habita a comunidade dos Avieiros cujas crianças também frequentam esta escola.</p> <p>BECRE: No ano lectivo 1997/1998 a escola concorreu ao projecto "Salvaguarda do Património Escolar Português", o que coincidiu com a candidatura da escola à RBE.</p> <p>Os Projectos foram aprovados e foi possível conciliá-los.</p> <p>Em 1999/2000 foram feitas obras remodelação total na Escola cujo prazo de conclusão foi de uma ano.</p> <p>Estas obras contemplaram todo o edifício de Plano Centenários, onde foi mantida a traça e a fachada, mas foram remodeladas as salas de aula e os sanitários.</p> <p>A sala onde está instalada a BECRE foi desenhada especialmente para esse efeito.</p> |

4. Apresentação e análise de dados

Apresentam-se, em seguida, os dados obtidos a partir da análise de conteúdo da documentação analisada.

As considerações resultantes da análise seguem a ordem que indicámos anteriormente.

4.1 Actividades realizadas

Da análise que fizemos à descrição das actividades, verificámos que as BECRE deste concelho têm uma extensa e variada oferta no campo da promoção da leitura, sendo dada primazia à “hora do conto”, empréstimo domiciliário, feiras do livro, encontros com escritores e apresentação da BECRE aos pequenos utilizadores.

Na chamada “hora do conto” recorre-se a diversas estratégias, que passamos a enumerar:

- ✓ Leitura simples do conto/ história/ livro;
- ✓ Animação da leitura com recurso a fantoches de vara, sombras chinesas, leitura dramatizada, diapositivos, apresentação multimédia, música;
- ✓ Ateliês de Escrita, também designados por oficinas de escrita criativa;
- ✓ Ateliês de Artes, predominando trabalhos de expressão plástica;
- ✓ Ateliês de Leitura.

O empréstimo domiciliário é considerado prioritário. Há uma preocupação da equipa da BECRE em manter esta actividade, mesmo quando não está afecto a este serviço um professor bibliotecário.

Em todas as BECRE se têm vindo a realizar Feiras do Livro, havendo algumas que o fazem quase de uma forma tradicional, escolhendo a época do Natal ou o dia mundial do livro e do autor para justificar a realização deste evento.

Em grande parte destas feiras houve possibilidade de oferecer aos seus utilizadores o encontro com escritores. Desde Setembro de 2002 a Junho de 2007 as BECRE deste concelho receberam a visita de: Pedro Reisinho, Ana Maria Magalhães, Luísa Ducla Soares, Carla Antunes, Anabela Ferreira, Alexandre Honrado, Margarida Fonseca Santos,

Maria Carolina Pereira Rosa, Maria João Cantinho, Maria Isabel Mendonça Soares, Maria do Céu Ferro, José Ruy (Banda Desenhada). Estes encontros perfazem um total de 26 visitas:

Quadro 8: Mapa de Encontros nas BECRE, 2001/2007

| Convidado | | Nº de visitas mencionadas |
|------------------|---|---------------------------|
| Escritores | Pedro Reisinho | 9 |
| | Ana Maria Magalhães | 5 |
| | Luísa Ducla Soares | 3 |
| | Carla Antunes | 2 |
| | Anabela Ferreira | 1 |
| | Alexandre Honrado | 1 |
| | Margarida Fonseca Santos | 1 |
| | Maria Carolina Pereira Rosa | 1 |
| | Maria João Cantinho | 1 |
| | Maria Isabel Mendonça Soares | 1 |
| | Maria do Céu Ferro | 1 |
| | José Ruy (autor de BD) | 1 |
| | Total de Visitas | 26 |
| Pais/ Familiares | | 1 |
| Entidades Locais | Professores Reformados | 2 |
| | Alunos de outras escolas | 2 |
| | Presidente Junta de Freguesia | 1 |
| | Professores de outras escolas | 1 |
| | Presidente do Conselho Executivo | 1 |
| | Total de Visitas | 7 |
| Colectividades | Equipa Núcleo Museológico | 3 |
| | Equipa Animação da Biblioteca Municipal | 2 |
| | Grupo Marionetista Associação Harpa | 1 |
| | Total de Visitas | 6 |
| Outros | Jornalista Jorge Talixa | 2 |
| | Atleta Paralímpico Carlos Lopes | 2 |
| | Cartoonista António Martins | 1 |
| | Bombeiro | 1 |
| | Total de Visitas | 6 |

Como se pode observar no quadro anterior, para além de encontros com escritores, são frequentemente promovidos encontros com várias individualidades: jornalistas, bombeiros, atletas paralímpicos, professores, ilustradores, cartoonistas, actores.

Nas BECRE que têm um professor bibliotecário a cumprir funções de coordenador da equipa e de gestão, há sempre a preocupação de iniciar as actividades da biblioteca com a apresentação deste serviço, de forma a informar os utilizadores das possibilidades e serviços que a biblioteca tem para oferecer. Nesta actividade é comumente entregue um cartão de leitor e um guia de utilizador, terminando com o conto ou leitura de uma história, cujo livro se encontra disponível para empréstimo.

Para além destas são também realizadas muitas outras actividades, reveladoras do esforço dos docentes, AAE e animadores envolvidos:

- Comemoração de efemérides e datas relevantes:

- Dia Internacional das Bibliotecas Escolares
- Dia de São Martinho
- Natal
- Dia de São Valentim
- Carnaval
- Dia Mundial da Floresta
- Páscoa
- Dia Mundial do Livro
- Dia Mundial da Paz
- Outros não tão referenciados sob os temas: alimentação, liberdade, música, poesia, autor português, água, *Halloween*, espiga, Outono, idoso.

- Exposições;

- Utilização da biblioteca em regime de livre acesso aos intervalos das aulas ;

- Actividades realizadas na biblioteca por entidades locais (associações, colectividades, técnicos de biblioteca e museus);

- Trabalho de pesquisa em livros e internet, no âmbito da formação do utilizador ;

- Realização/ participação de jornal escolar;

- Difusão de informação/ marketing/ aquisição de livros por doação ;

- Uso das TIC;
- Concursos (desenho, produção de texto, leitura);
- Empréstimo Inter Escolar;
- Debates sobre leitura, livros, escritores;
- Encontros com pais;
- Semanas temáticas: leitura, poesia, livro, alimentação, música, ambiente, matemática;
- Visitas a espaços culturais exteriores à escola: outras BECRE, bibliotecas públicas, museus, editoras, livrarias, teatros, exposições, feiras do livro.

De referir, que muitas destas práticas, como a Semana da Leitura, a promoção da leitura autónoma, a promoção da utilização das bibliotecas em geral, sugeridas pelo PNL eram já frequentemente exploradas e dinamizadas nestes espaços ou através da intervenção dos mesmos.

Destas actividades a sua grande maioria é dinamizada apenas numa perspectiva de serviço de biblioteca, ficando por promover uma articulação BECRE/ Sala de aula com frequência, como é defendido no *Manifesto das Bibliotecas Escolares*:

“Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os estudantes alcançam níveis mais elevados de literacia, leitura, aprendizagem, resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.” (IFLA/UNESCO, 1999:1)⁵⁴

4.2 Livros abordados

Ao fim de dez anos do programa RBE podemos afirmar que existe um cânone literário de referência, resultante das actividades e abordagens feitas nas BECRE de escolas do 1º CEB.

⁵⁴ <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portug.pdf> [consultado em 29 de Março de 2009, às 18 horas]

O Manifesto foi preparado pela Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas(IFLA) e aprovado pela UNESCO na sua Conferência Geral em Novembro de 1999

De entre as 116 histórias ou contos referidos na documentação analisada, distinguem-se alguns títulos e autores, que ocupam um lugar de abordagem comum, apresentada quase como se de uma tradição se tratasse.

O suporte trabalhado é maioritariamente o livro, apoiado comumente por outros suportes (teatrinhos, fantoches, diapositivos, sombras chinesas, apresentações multimédia), havendo algumas (poucas) referências a histórias abordadas sem recurso ao livro: via internet (sítio www.historiadodia.pt), visionamento de filme vídeo ou através de CD-ROM, peça de teatro/ dramatização.

Verificámos que se dá primazia a histórias de autor ou versões de autor de histórias tradicionais, e a livros de autores portugueses: António Torrado, Luísa Ducla Soares, a dupla Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, José Jorge Letria, Leonel Neves, Pedro Reisinho, Manuel António Pina, Maria Isabel Mendonça Soares, são alguns desses autores.

Apresentamos de seguida um quadro onde se pode observar uma lista de histórias e /ou contos de preferência:

Quadro 9: Mapa de Livros abordados em actividades de promoção da leitura

| Livro/ história/conto | Autor | Nº de indicações |
|----------------------------|------------------------------|------------------|
| Veado Florido | António Torrado | 8 |
| Lenda de São Martinho | Tradicional | 7 |
| A menina gotinha de água | Papiniano Carlos | 6 |
| Debaixo da Folha Seca | Maria Isabel Mendonça Soares | 5 |
| João e a Floresta de Betão | Pedro Reisinho | 5 |
| Maria Castanha | Maria Isabel Mendonça Soares | 4 |
| Um beijo para o Pai Natal | Elisabeth Coudol | 4 |
| O Elefante e a Pulga | Leonel Neves | 4 |
| Lenga Lengas | Luísa Ducla Soares | 4 |
| O Tesouro | Manuel António Pina | 3 |
| A lenda do crocodilo | Tradicional (Timor) | 4 |

Quadro 9: *continuação*

| Livro/ história/conto | Autor | Nº de indicações |
|--------------------------------|-------------|------------------|
| A história da Carochinha | Tradicional | 3 |
| A história dos três porquinhos | Tradicional | 3 |
| Lenda de São Valentim | Tradicional | 3 |

Existe uma tendência para abordar contos tradicionais, neste quadro apenas indicámos os mais referenciados. No entanto, nos documentos analisados verificámos ser dado um lugar de destaque a este tipo de contos, num total de 37 referências:

Quadro 10: *Livros/Histórias/ Contos mais abordados em actividades de promoção de leitura*

| Conto Tradicional | Nº de indicações |
|--|------------------|
| Lenda de São Martinho | 7 |
| História dos Três Reis Magos | 4 |
| Lenda do Crocodilo (conto tradicional timorense) | 4 |
| Lenda de São Valentim | 3 |
| A história dos três porquinhos | 3 |
| A história da carochinha | 3 |
| A casinha de chocolate | 2 |
| A velha e a cabaça | 1 |
| O coelhinho branco e a formiga rabiga | 1 |
| Total de referenciações | 37 |

Encontrámos também referências às Fábulas de La Fontaine, aos contos de Grimm, de Hans Christian Andersen e de Perrault:

Quadro 11: *Clássicos da Literatura Infantil abordados em actividades*

| Livro/ história/conto | Autor | Nº de indicações |
|------------------------------|----------------------------------|------------------|
| Os músicos de Bremen | Conto de Grimm | 1 |
| O lobo e os sete cabritinhos | | 2 |
| A raposa e a cegonha | Fábula de La Fontaine | 1 |
| O lobo e o cão | | 1 |
| A lebre e a tartaruga | | 2 |
| Capuchinho Vermelho | Conto de Perrault | 2 |
| A Sereiazinha | Conto de Hans Christian Andersen | 1 |
| Soldadinho de Chumbo | | 1 |
| Polegarzinha | | 1 |

Concluimos que há uma franca tendência para a literatura infantil de algum carácter clássico e uma crença de que os contos de sempre são um bom auxiliar para promover e formar leitores.

Os autores portugueses são também preferidos a autores estrangeiros, havendo também aqui uma tendência para escolher autores reconhecidos como são exemplo António Torrado e Luísa Ducla Soares.

Abordamos no ponto seguinte esta mesma questão.

4.3 Autores referenciados

No ponto anterior incidimos nas obras e/ou histórias mais contadas e trabalhadas, passamos agora à preferência de autores, que, como vamos indicar no quadro em baixo, acompanha a tendência anterior.

Desta forma os autores mais mencionados e, consequentemente, cuja obra é mais contada e trabalhada foram Luísa Ducla Soares e António Torrado.

Como já referimos, há uma preferência por autores portugueses de obra reconhecida, aparecendo, pontualmente, referências a novos autores, como são exemplo Pedro Reisinho e Maria Carolina Pereira Rosa. Concluimos, aliás, que esta procura por

novos autores acompanha a disponibilidade destes em visitarem as BECRE, actividade de que consideramos adequada e pertinente num quadro de promoção e formação de leitores.

Temos verificado ao longo destes anos que a vinda de um autor à escola traz uma motivação superior aos pequenos utilizadores destas BECRE e reconhecemos que tal influi muito quando se faz a escolha dos livros e histórias no Plano de Actividades da BECRE.

Quanto a autores estrangeiros a tendência divide-se entre os contos de cariz tradicional e autores reconhecidos pela crítica literária, como são exemplo Andersen, Grimm – no campo do tradicional – e Max Velthuijs, Pierre Coran ou Mia Couto, este último oriundo de uma país de expressão portuguesa.

Não nos foi possível verificar os efeitos desta oferta nos pequenos leitores, devido à ausência de registos do empréstimo de livros aos alunos, mas cremos que terá uma influência positiva e considerável.

Quadro 12: Autores mais abordados em actividades de promoção de leitura

| Autor | Livro | Nº de indicações | Total |
|--------------------|--|------------------|-------|
| Luísa Ducla Soares | Lenga Lengas | 4 | 13 |
| | O casamento da gata | 2 | |
| | Os ovos misteriosos | 2 | |
| | Seis histórias às avessas | 1 | |
| | Pai, querido pai! | 1 | |
| | Mãe, querida mãe! Como é a tua? | 1 | |
| | Poemas da mentira e da verdade | 1 | |
| | O rapaz de que vivia na TV | 1 | |
| António Torrado | Veado Florido | 8 | 12 |
| | Como se faz cor-de-laranja | 1 | |
| | A última castanha (<i>in</i> www.historiadodia.pt) | 1 | |
| | O macaco de rabo cortado | 1 | |
| | História da Carochinha e do Infeliz João Ratão | 1 | |
| José Jorge Letria | Lendas do Mar | 2 | |
| | O livro das Boas Noites | 1 | |

Quadro 12: continuação

| Autor | Livro | Nº de indicações | Total |
|-------------------------------------|------------------------------------|------------------|-------|
| José Jorge Letria | Cão voador | 2 | 8 |
| | O sono e o sonho | 1 | |
| | Versos de fazer ó-ó | 1 | |
| | A ambição das luas | 1 | |
| Maria Isabel Mendonça Soares | Debaixo da folha seca | 5 | 9 |
| | Maria castanha | 4 | |
| Pedro Reisinho | João e a Floresta de Betão | 5 | 8 |
| | O meu livro | 3 | |
| Papiniano Carlos | A menina gotinha de água | 6 | 6 |
| Manuel António Pina | O Tesouro | 3 | 5 |
| | O cavaleiro de pau do menino Jesus | 2 | |
| Max Velthuijs | O sapo apaixonado | 2 | 5 |
| | O sapo e o estranho | 3 | |
| Leonel Neves | O elefante e a pulga | 4 | 4 |
| Pierre Coran | O rio em Perigo | 3 | 4 |
| | A tartaruga Guga | 1 | |
| La Fontaine | A raposa e a cegonha | 1 | 4 |
| | O lobo e o cão | 1 | |
| | A lebre e a tartaruga | 2 | |
| Elisabeth Coudol | Um beijo para o Pai Natal | 4 | 4 |
| Sophia de Mello Breyner Andresen | A floresta | 1 | 3 |
| | A menina do mar | 2 | |
| Roald Dahl | O enorme crocodilo | 1 | 3 |
| | Os tontos | 1 | |
| | O fantástico senhor raposo | 1 | |
| Mia Couto | O Gato e o escuro | 3 | 3 |

Quadro 12: continuação

| Autor | Livro | Nº de indicações | Total |
|---|----------------------------------|------------------|-------|
| M ^a Carolina Pereira Rosa | Pimpona, a Galinha Tonta | 1 | 3 |
| | Senhor Reizinho | 1 | |
| | João Brincalhão | 1 | |
| Hans Christian Andersen | A Sereiazinha | 1 | 3 |
| | Soldadinho de Chumbo | 1 | |
| | Polegarzinha | 1 | |
| Beatrice Masini | Está um hipopótamo na minha cama | 1 | 3 |
| | A princesa baixinha | 2 | |
| António Mota | O Sonho de Mariana | 2 | 3 |
| | Abada de histórias | 1 | |

4.4 Cooperação de entidades externas

Ao longo da análise que fizemos aos vários documento encontrámos, pontualmente, actividades que implicaram intervenção de entidades externas à escola e, consequentemente, à BECRE.

Se consultarmos o quadro 8 verificamos quais as actividades que recorreram à cooperação com entidades exteriores à escola, realizadas nas BECRE do universo que investigámos.

Verificamos que, comparativamente, ao número de encontros com escritores o convite a entidades exteriores é também uma estratégia procurada com frequência – 26 visitas de escritores para 20 visitas de várias entidades.

Consideramos esta possibilidade um acto salutar, pois a biblioteca escolar é um espaço de excelência para promover a leitura e as leituras, uma vez que o que se pretende num quadro de promoção de leitura não é apenas uma promoção da leitura literária, mas também a partir desta levar a criança a uma procura de leituras informativas, desenvolvendo diversas literacias e diversas posturas perante as leituras oferecidas.

Ao fomentar o acesso da BECRE a entidades externas à escola promove-se também a divulgação das actividades, do funcionamento e das boas práticas das BECRE e, consequentemente, das escolas. Da mesma forma, a BECRE adopta uma posição central de articulação, partilha e cooperação.

Temos, por último a referir que consideramos dever investir-se na cooperação entre pais (e outros familiares) e a biblioteca escolar, levando estes a visitarem mais este espaço, tomando uma posição mais activa e participativa.

Nestas BECRE foram sendo realizadas actividades que promoviam a visita dos pais à biblioteca – feiras do livro e exposições – mas que não pediam a sua intervenção, à excepção de uma referência.

Tendo a família um papel fundamental na formação do leitor, defendemos uma cooperação mais ampla entre esta e a escola. A biblioteca escolar é o lugar, o canal facilitador de estratégias comuns e sensibilização de práticas promotoras de leitura.

4.5 Partilha e Intercâmbio entre escolas, BECRE, bibliotecas públicas, SABE, organismos públicos

Ao continuarmos a análise ao Quadro 8 verificamos que entre as visitas/colaboração de entidades exteriores à escola, se encontram organismos locais, que de forma indirecta, estão relacionados com esta. São exemplo: professores reformados ou de outras escolas, presidente da Junta de Freguesia, presidente do Conselho Executivo, equipas de museus ou das bibliotecas públicas.

Tal condição faz prever a estreita colaboração que existe entre os vários organismos institucionais promovidos pela BECRE e que consideramos pertinentes para que o professor bibliotecário e a restante equipa da biblioteca possam desenvolver estratégias bem sucedidas para formar leitores.

A promoção da leitura na BECRE não será alcançada com sucesso, se esta não abrir as suas portas, devendo começar pelos que estão mais próximos e, ao mesmo tempo, podem ser um bom auxiliar neste campo.

Ao longo da análise documental verificámos que a partilha entre escolas e BECRE se faz de forma habitual, por vários indicadores:

- Apresentações de obras e actividades comuns a várias BECRE em anos lectivos diferentes, por vários professores bibliotecários. Os professores bibliotecários reúnem mensalmente com a coordenação interconcelhia da RBE e nesses momentos trocam experiências e comenta-se a receptividade das mesmas;
- Os professores bibliotecários que têm vindo a organizar e gerir as BECRE do concelho de Vila Franca de Xira praticam as suas funções em várias bibliotecas, levando as suas experiências;
- Em alguns casos nos Planos de Actividades são incluídos momentos de cooperação e partilha de documentação e experiências;
- Esta partilha é mencionada nos relatórios de avaliação⁵⁵:

“ Enquanto parte integrante da escola, a biblioteca proporciona de uma forma gratuita e através de um trabalho devidamente planeado, experiências, debates de ideias e principalmente uma maneira diferente de abordar o livro (...) contribui para formas de intercâmbio entre os vários intervenientes: visitas entre escolas, partilha de experiências (...), conversas com autores, contactos com agentes culturais, exposições, feiras; (...)”

“ As reuniões⁵⁶ foram muito úteis para me ajudar a situar em termos de organização das actividades e dos tempos de trabalho, para me inteirar de toda a dinâmica da rede de bibliotecas, dos documentos de apoio que deveria elaborar, dos suportes de que me poderei socorrer.”

“ Boa articulação com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e o SABE”

“ (...) de salientar o intercâmbio entre escolas, o trabalho efectuado com as equipas das variadas BECRE do concelho e ainda, o apoio e disponibilidade demonstrados pela equipa do SABE – Quinta da Piedade, ao longo deste ano.”

⁵⁵ Estas citações foram retiradas de vários relatórios de avaliação final, correspondendo desta forma à avaliação qualitativa feita pelos professores bibliotecários destacados para o universo de escolas em causa entre os anos lectivos 2001/2002 a 2006/2007

⁵⁶ Referência às reuniões de partilha das BECRE do 1º CEB , presididas pela professora bibliotecária destacada para funções de coordenadora interconcelhia. No caso do concelho de Vila Franca estas reuniões, consoante o ano lectivo, envolveram as BECRE de escolas do 1º CEB dos concelhos de Azambuja, Alenquer, Benavente e Arruda.

“Faz também parte dos nossos objectivos consolidar a articulação entre todas as Bibliotecas do Agrupamento, actualizando regulamentos e normativos, estabelecendo metas e procedimentos comuns, rentabilizando os recursos (...)”

Pensamos que os hábitos de cooperação e partilha estão bem enraizados nas BECRE do 1º CEB do concelho de Vila Franca. Esta prática torna-se recorrente, o que manifesta a importância que lhe é dada, a par da preocupação por encontrar estratégias que motivem para a leitura e ajudem a divulgar as boas referências literárias, como caminho para uma promoção da leitura praticada com sucesso.

4.6 Recursos humanos afectos às BECRE

Anteriormente, no quadro 7, ao fazer uma descrição das escolas e das BECRE, indicámos os recursos humanos existentes antes e logo após a integração da biblioteca na RBE.

Verificámos que, após a integração das escolas do 1º CEB no programa da RBE, os recursos humanos foram, gradualmente, diminuindo até ao ano de 2007.

Após 2002 surgem os primeiros pedidos de destacamento para professores a exercer, exclusivamente, funções nas BECRE. Desta forma, terão ficado a maior parte das bibliotecas a ser dinamizadas por professores destacados para o efeito. Foi o caso das BECRE das escolas EB 1 do Forte da Casa, EB 1 nº 1 e nº 4 da Póvoa de Santa Iria, EB 1 nº2 e nº 4 de Alverca.

No ano lectivo de 2003/2004 surge pela primeira vez a figura do professor bibliotecário em regime de recurso partilhado, podendo um professor destacado ter que exercer funções em mais do que uma Biblioteca Escolar. Foi o que aconteceu nas escolas:

- EB 1 nº 1 da Póvoa de Santa Iria/ EB 1 do Sobralinho
- EB 1 nº 4 da Póvoa de Santa Iria/ EB 1 de Arcena
- EB 1 nº 2 de Alverca/ EB 1 nº 4 de Alverca
- EB 1 nº1 de Vialonga/ EB 1 nº2 de Vialonga

Esta tendência manteve-se até à aplicação da portaria 756/2009 de 14 de Julho, chegando um professor a ficar destacado para exercer funções em 2, 3 ou 4 BECRE.

No entanto, ao longo da análise que fizemos verificámos ser este um ponto visto de forma negativa quer pelos professores destacados, quer pelos docentes com turma, evocando a impossibilidade de manter a BECRE a funcionar regularmente por o recurso partilhado não se encontrar.

Verificamos que o funcionamento das BECRE se encontra dependente da presença do seu coordenador (o professor destacado), motivado pela ausência de uma equipa disponível: os docentes têm turma, os animadores culturais nem sempre foram colocados, os AAE, mesmo que afectos às BECRE, nem sempre conseguiam assegurar o funcionamento da BECRE, por se encontrarem a executar outras tarefas na escola.

Há uma preocupação em formar o pessoal discente, existem efectivamente muitas funcionárias com formação, mas por falta de recursos humanos na escola estes funcionários não conseguem ficar afectos a este espaço. Casos existem em que, por iniciativa protocolar, conseguem ficar afectos a estes espaços, no entanto, são frequentemente solicitados para outras tarefas, ou só conseguem despendar para a biblioteca uma parte do seu horário.

Apresentamos de seguida uma selecção de algumas situações semelhantes a muitas outras descritas nos documentos analisados. Pensamos que são exemplos ilustram bem a avaliação que fizemos⁵⁷. Tomámos a opção de não identificar o documento de onde foram retiradas, de forma a não relacionar as citações com a escola em si, colocando apenas o ano lectivo, de forma a obter uma imagem evolutiva da presença (ou falta) dos recursos humanos nas BECRE e a sua importância no trabalho desenvolvido, durante o período investigado:

“É de salientar que o corpo docente participou em contrário ao seu horário lectivo. Sem esta colaboração o funcionamento da BECRE não teria sido possível. (...) há a necessidade de uma animadora (...) foi positiva a contribuição de uma professora colocada pelo fundo de desemprego num programa ocupacional que contribuiu para o bom desenvolvimento das actividades.” (2002/2003)

⁵⁷ Estas citações foram retiradas de vários relatórios de avaliação final, correspondendo desta forma à avaliação qualitativa feita pelos professores bibliotecários destacados para o universo de escolas em causa entre os anos lectivos 2001/2002 a 2006/2007

“As actividades foram desenvolvidas pela coordenadora/ recurso partilhado, uma AAE (três horas por dia) e uma animadora cultural, que deu um bom contributo para a animação da biblioteca.” (2003/2004)

“É imprescindível a colocação de um animador cultural a tempo inteiro, porque a AAE, que tem algumas horas na BECRE também desempenha outras funções na escola, como tal, muitas vezes, a BECRE tem que ser encerrada.” (2004/2005)

“Necessidade primordial da continuidade da Animadora Cultural.” (2004/2005)

“ (...) Manter uma equipa fixa a tempo inteiro, ausência de animador cultural, (...)” (2005/2006)

“A escola nº 2 beneficiou, 3 dias por semana, do apoio de uma animadora (21 horas), que soube manter uma relação excelente com as crianças.

A escola nº 4 beneficiou de 4 horas diárias de uma AAE, número que se revelou insuficiente. No entanto soube manter uma boa relação com os utilizadores deste espaço, nomeadamente na estimulação da correcta utilização das diferentes áreas funcionais.” (2004/2005)

“Os docentes, em avaliação (...) indicaram como aspecto negativo a falta de recursos humanos, nomeadamente a coordenadora exercer as suas funções em recurso partilhado, o que limita o horário de funcionamento da BECRE e impede a sua utilização quando o docente e os seus alunos querem.” (2005/2006)

“ (...) falta de recursos humanos, que impossibilitou a concretização de actividades previamente planeadas(...)” (2006/2007)

“O facto de não existir uma auxiliar de apoio à biblioteca prejudicou o ambiente durante os intervalos uma vez que o número de alunos era muito elevado e o barulho era muitas vezes excessivo (...) a existência de uma auxiliar ou de uma animadora na biblioteca contribuiria para que se pudesse fazer um acompanhamento mais individualizado aos alunos

e permitir um funcionamento mais dinâmico e constante (permitir, por exemplo, a abertura da biblioteca na ausência da coordenadora).” (2006/2007)

“Impossibilidade de implementar um trabalho mais regular com as restantes escolas do agrupamento por falta de tempo e por inexistência de uma auxiliar de apoio à biblioteca.” (2006/2007)

“Cabe ainda realçar aqui o apoio dado pela AAE que sempre se disponibilizou para colaborar no desenvolvimento do projecto.” (2006/2007)

Concluimos que, no final dos anos 90, houve inicialmente um esforço das entidades superiores (DREL, autarquia) em assegurar o funcionamento dos projectos de biblioteca escolar existentes com a colocação de professores e animadores culturais, dando simultaneamente formação para estes e os AAE.

Tal factor ajudou a desbravar caminho para a candidatura ao programa RBE.

No entanto, se inicialmente se manteve esta vontade de manter recursos humanos nas bibliotecas de forma a assegurar o seu funcionamento e promover a formação de leitores, a partir de 2003 esta tendência foi desaparecendo.

No final do ano lectivo 2006/2007, a falta de recursos humanos era um facto adquirido, manifestado por todos os que participavam e usavam as BECRE, atribuindo as falhas de funcionamento deste serviço a este factor, nomeadamente nas actividades no âmbito da promoção da leitura.

Em algumas escolas verificou-se mesmo a não colocação de um professor bibliotecário, uma vez que directivas superiores não permitiam a atribuição de novos destacamentos, mas apenas a renovação dos existentes. Consequentemente, numa situação de aposentação ou de saída por outros motivos do professor bibliotecário anteriormente afecto, a BECRE não tinha um professor com funções exclusivas de bibliotecário escolar.

Terá sido o caso das escolas:

EB 1 de Arcena: sem professor destacado em 2006/2007

EB 1 do Forte da Casa: sem professor destacado em 2006/2007

Este facto condicionou muito o funcionamento das suas BECRE. No entanto, houve um esforço por parte dos docentes titulares de turma em manter este serviço a funcionar,

tentando ocupar este espaço com actividades pontuais (dinamizadas pelo próprio professor da turma), mantendo a abertura da biblioteca nos tempos de intervalo dos alunos e assegurando o empréstimo domiciliário com recurso a uma AAE.

No entanto, comparando os relatórios de anos anteriores com um professor destacado, mesmo que em regime de recurso partilhado, verifica-se um decréscimo acentuado do número de actividades, não se verificando a dinamização de actividades em que o livro ocupa um lugar de destaque, ou outras actividades que requerem mais tempo e disponibilidade, como são exemplo as Feiras do Livro, muitas vezes, a única livraria onde uma criança alguma vez teve possibilidade de entrar.

Terminamos este ponto com uma citação de um docente, que nos parece bastante exemplificativa do sentimento generalizado que fomos encontrando na leitura da documentação conseguida:

“Urge a colocação de um bibliotecário a tempo inteiro, o que proporcionaria uma melhor dinâmica no uso e na frequência deste espaço. Assim, só com milagres!” (2006/2007)⁵⁸

4.7 Funcionamento da BECRE

As BECRE das escolas do 1º CEB do concelho de Vila Franca têm tido professores e equipas que se esforçam por atribuir à biblioteca um horário coerente, que permita a criação de hábitos.

Actividades como o empréstimo domiciliário e o livre acesso à BECRE nos tempos de intervalo vão sendo sempre conseguidas e promovidas.

No entanto, não há dúvidas de que a falta de recursos humanos condiciona muito as aspirações de todos. Damos como exemplo a avaliação de uma BECRE em anos lectivos distintos:

- Ano lectivo 2004/2005, sem professor bibliotecário atribuído, tendo uma equipa composta por professores com turma:

⁵⁸ Resposta dada em questionário da BECRE por um docente utilizador

“Devido à (...) mudança da coordenadora da BECRE e à reestruturação de um novo grupo de trabalho, não foi possível cumprir algumas actividades planeadas e outras foram substituídas devido a reavaliações sobre as possibilidades de as concretizar.”

- Ano lectivo 2005/2006, com um grupo de professores em exclusivo na biblioteca:

“Acrescentamos que só foi possível desenvolver um tão grande número de actividades, cujo sucesso foi para todos gratificante e produtivo, devido ao facto de termos um grupo de trabalho, constituído por três professores, em dedicação exclusiva à BECRE e porque contamos com a colaboração semanal de outros três professores, bem como o apoio e participação do restante pessoal docente e discente e pessoal auxiliar.

Sem estas condicionantes a resposta a este tipo de trabalho ficaria sempre aquém do desejado.”

- Ano lectivo 2006/2007, com um professor bibliotecário destacado, sem animador e AAE:

“Como aspecto negativo a referir a falta de recursos humanos, que impossibilitou a concretização de actividades previamente planeadas.”

A análise documental que fizemos levou-nos a verificar que, mesmo com condicionantes, é notório o empenho em criar momentos que promovam a leitura a par da formação de utilizadores de bibliotecas.

A motivação para aprender, procurar e aplicar estratégias que ajudem a formar leitores é evidente, muitas vezes associada ao fomento de expressões artísticas.

De acordo com as expressões utilizadas pelos professores bibliotecários verifica-se que há uma orientação para actividades que permitam às crianças valorizarem as linguagens expressivas, artísticas, lúdicas, poéticas e culturais:

“Percebe-se pela conservação e pela vinda à biblioteca que os alunos já não passeiam o livro, mas o folheiam e procuram interessar-se pelo conteúdo.” (2005/2006)

“Alguns aspectos a preservar: dramatizações e jogos lúdicos, visitas a outras bibliotecas, o envolvimento dos alunos e a diversificação das mesmas, o fomento da leitura e

da utilização das TIC, a narração de histórias com a participação activa dos alunos.” (2002/2003)⁵⁹

“Enquanto parte integrante da escola, a biblioteca proporciona, de uma forma gratuita e através de um trabalho devidamente planeado, experiências, debates de ideias e, principalmente, uma maneira diferente de abordar o livro (...).

A biblioteca contribuirá para promover o intercâmbio entre os vários intervenientes: visitas entre escolas, partilha de experiências, integração de crianças com problemas, conversas com autores, contactos com agentes culturais, exposições/feiras, (...)” (2002/2003)

“A nossa BECRE, como pólo aglutinador de saberes, tentou cumprir o seu papel de “promotora de leitores”, incentivadora de “fazedores de histórias” e “impulsionadora da criatividade” ” (2005/2006)

“Objectivos ⁶⁰:

- Cativar professores e alunos a uma maior permanência deste espaço;
- Promover o manuseamento do livro e não livro
- Intensificar o uso do material existente
- Promover por todos os meios a leitura
- Incentivar o uso autónomo da BECRE
- Tornar a BECRE agente facilitador do cumprimento do Projecto educativo e Plano Anual de Actividades da Escola” (2005/2006)

“As actividades vão ao encontro das aprendizagens do aluno e dos projectos de turma, há interdisciplinaridade (...)

(...) é um espaço dinâmico e aberto a todos, um bom apoio e influência na aquisição de hábitos leitores.” (2005/2006)⁶¹

No entanto, esta motivação contrasta com a frequente queixa de falta de recursos humanos, que se vai acentuando de ano para ano, a par de uma outra realidade que surge no

⁵⁹, ¹⁴ Avaliação, apresentada no relatório final, feita pelos docentes com turma que utilizaram a BECRE

⁶⁰ Presentes no documento Plano de acção, elaborado no início do ano lectivo/

ano lectivo 2005/2006 – as actividades de enriquecimento curricular (AEC), originalmente denominadas de aulas de prolongamento de horário, portanto para além do horário escolar:

“A animação de Novembro constante no Plano Anual de Actividades não se realizou por falta de disponibilidade do espaço: o Inglês continuou na biblioteca, não permitindo a dinamização de outras actividades.

O 3º ano solicitou uma animação para melhor concretizar o tema da Área de Projecto e esta realizou-se na sala de aula.” (2005/2006)

“ Um outro aspecto a ter em conta, já no próximo ano lectivo, é o facto de se dever acautelar a utilização do espaço da BECRE com a realização de actividades que poderão pôr em risco a concretização de objectivos para os quais ela realmente foi criada.” (2006/2007)

“O apoio ao estudo foi ministrado no espaço da BECRE, durante todo o ano lectivo o que condicionou um pouco as actividades da mesma.” (2006/2007)

A participação dos docentes com turma no funcionamento e dinamização de actividades vai apresentando-se em crescendo.

Desta forma, inicialmente, os relatórios de avaliação apresentam afirmações que levam a concluir que os docentes consultam pouco a biblioteca, ou não a incluem na programação das suas actividades, ou seja, como recurso na planificação de aulas.

Por outro lado, à medida que os anos vão passando e se vai formando uma cultura de biblioteca essa colaboração e procura vão sendo referidas de forma positiva. Esse será o prémio pelo esforço e mérito do professor bibliotecário, que começa por cativar os alunos, acabando por saber contagiar os seus professores:

“ (...) pouca colaboração dos professores que constituíam a equipa, contrastando com o excelente desempenho da AAE(...)” (2001/2002)

“Aspectos a melhorar: funcionalidade dos computadores; (...) maior participação dos professores nos diferentes cantos/áreas da BE; (...)”

Sugestões: mais leitura pelos alunos, maior empenhamento dos professores de turma no envolvimento das actividades; (...) programar actividades a desenvolver pelo professor de turma na BECRE.” (2002/2003)

“(…) constatou-se que uma, senão a maior das soluções para os aspectos negativos, passa pela mudança de atitude de alguns docentes perante a “aceitação” e maior conhecimento das BECRE, implicando para tal acções de sensibilização para professores e auxiliares(…)” (2002/2003)

“É necessário continuar a esclarecer e incentivar os professores para a importância da utilização da biblioteca.

Queremos que cada professor use a biblioteca, independentemente de lá estar a coordenador ou não” (2003/2004)

“De valorizar o crescente envolvimento dos docentes nas actividades da BECRE ao longo do ano; (...) houve uma boa aceitação das actividades por parte dos alunos e professores (...)” (2004/2005)

“Os professores e alunos tiveram sempre um papel muito activo no desenrolar das actividades.

(...)

Os professores consideram a BECRE (...) um espaço com muita dinâmica e aberto a todas as crianças proporcionando-lhes um contacto que, certamente, as influenciará a serem boas leitoras; referiram ser o espaço adequado para o desenvolvimento de actividades do Projecto Curricular de Turma; de fomentar a interdisciplinaridade (...), as actividades irem ao encontro do projecto de escola.” (2004/2005)

“A relação estabelecida com os professores titulares de turma foi pautada pela receptividade a todas as actividades propostas e pela colaboração mútua.” (2006/2007)

“ É de salientar o facto de não ter existido uma equipa de trabalho estável na BECRE, no entanto houve um grande empenho por parte de todos os professores, permitindo a regular utilização deste espaço, bem como o desenvolvimento de actividades (...) como foram a hora do conto e os momentos de pesquisa.” (2006/2007)

Outra referência constante é o desempenho, manutenção e apoio técnico dado ao equipamento informático.

Nos relatórios há sempre indicações do deficiente funcionamento dos computadores, que limita a sua utilização pelos alunos, professores e mesmo em actividades de animação de leitura.

Esta crítica é aliás referida como um sentimento comum, pois nos questionários respondidos pelos professores e alunos este aspecto é sempre indicado.

Outra questão também referenciada nas Escolas com Jardim-de-infância é a falta de fundo documental e a impossibilidade de utilizar mais vezes este serviço.

No entanto, há indicações de que as queixas dos educadores são ouvidas, quer pela vontade de disponibilizar verba para aquisição de Literatura Infantil para esta faixa etária, quer pela criação de momentos específicos de formação destes pequenos utilizadores, quer pela disponibilização de um empréstimo a longo prazo para salas de Jardim de Infância fora da escola, mas integradas no mesmo agrupamento.

Apresentamos de seguida um quadro por nós elaborado tendo em conta o que se encontra descrito nos documentos analisados. Pretendemos com este quadro apresentar, de forma generalizada, o funcionamento destas BECRE após 10 anos do programa RBE:

Quadro 13 – *Diagnóstico da Acção das BECRE das Escolas do 1º CEB, concelho de Vila Franca de Xira*

| | |
|---------------|--|
| Pontos Fortes | <ul style="list-style-type: none"> ⤴ Professores bibliotecários capazes de dinamizar de forma reconhecida por todos estes espaços, criando regras e hábitos de funcionamento; ⤴ Diversificação de estratégias e actividades que promovem a leitura; ⤴ Boas práticas de promoção da leitura, onde o livro adopta um lugar central: a BECRE surge como um verdadeiro Reino do Livro; ⤴ Valorização dos clássicos da Literatura Infantil; |
|---------------|--|

Quadro 13 – *continuação*

| | |
|---------------|--|
| Pontos Fortes | <ul style="list-style-type: none"> ⤴ Valorização de actividades que permitem a abertura à comunidade local e a entidades e individualidades externas: vindas de escritores, feiras do livro, semanas temáticas, nomeadamente as semanas da leitura, prática recorrente, mesmo antes do aparecimento do Plano Nacional de Leitura; ⤴ Valorização de várias linguagens: expressiva, artística, lúdica, poética; ⤴ Estimulação para a utilização do livro e da biblioteca; ⤴ Fomento da interdisciplinaridade; ⤴ Estabelecimento de parcerias regulares e salutareas com várias entidades, nomeadamente o SABE; ⤴ Crescente colaboração entre professor bibliotecário e professor de turma; ⤴ Hábitos de utilização autónoma da BECRE, por parte dos alunos nos tempos de intervalo, mantendo vivo o gosto pelo contacto regular com as várias áreas da BECRE; ⤴ Formação do pessoal não docente que colabora na biblioteca; ⤴ Rotinas de empréstimo de livros a alunos, assim como material não livro a professores e entre escolas; ⤴ Hábitos de partilha e cooperação entre os professores bibliotecários a exercerem no concelho; |
|---------------|--|

Quadro 13 – *continuação*

| | |
|-------------------------|---|
| Pontos Fracos | <ul style="list-style-type: none"> ⇓ Falta de recursos humanos, nomeadamente AAE e animadores culturais; ⇓ Encerramento da BECRE em vários momentos do dia, por consequência da falta de recursos humanos; ⇓ Falhas no apoio técnico ao equipamento informático; ⇓ Falta de aquisição de equipamento informático capaz de dar resposta às necessidades actuais; ⇓ Ausência de orçamento próprio para gerir aquisições prioritárias; ⇓ Desenvolvimento de Actividades de Enriquecimento Curricular, descontextualizadas do conceito e propósito da BECRE nas escolas que praticam horário duplo manhã/tarde. |
| Intervenção Prioritária | <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Afectar recursos humanos, nomeadamente, AAE e animador cultural, de forma a permitir um funcionamento regular da BECRE, apoiando o professor bibliotecário, que assim terá condições de exercer as suas funções em recurso partilhado; ⇒ Melhorar o apoio ao equipamento informático e fazer aquisições nesta área; ⇒ Continuar a investir em práticas que envolvam os alunos dos Jardins-de-Infância; ⇒ Potenciar os efeitos de ampliação das competências |
| Intervenção Prioritária | <p>resultantes das vivências adquiridas através da BECRE;</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Promover o conhecimento crítico e actualizado da Literatura Infantil junto dos professores, alunos e suas famílias; ⇒ Promover a leitura de livros de carácter informativo. |



Ao fim de 10 anos do programa da rede de Bibliotecas Escolares, julgamos que as escolas do 1º CEB concelho de Vila Franca de Xira souberam valorizar a BECRE e promover boas práticas de promoção da leitura de acordo com objectivos pertinentes e adequados:

- ❖ Estimular a utilização do livro e das bibliotecas ao longo da vida
- ❖ Estreitar a relação biblioteca escolar/escola/comunidade/biblioteca pública
- ❖ Envolver toda a comunidade escolar na dinâmica da Biblioteca
- ❖ Promover o conhecimento crítico e actualizado da Literatura Infantil
- ❖ Introduzir metodologias inovadoras na aquisição de hábitos leitores
- ❖ Assegurar o normal funcionamento dos vários espaços da Biblioteca
- ❖ Promover hábitos de utilização regular da Biblioteca;
- ❖ Apoiar e responder às necessidades de informação da comunidade escolar;
- ❖ Potenciar os contactos com os meios tecnológicos;
- ❖ Dinamizar actividades que estimulem o gosto pelo prazer de ler e de fazer;

Terminamos este capítulo com a apresentação de um possível *Plano Anual de Actividades* para uma BECRE do 1º CEB, baseada nos dados retirados dos relatórios que analisámos.

Pensamos que esta planificação resume e divulga 10 anos de boas práticas no universo investigado.

Quadro 14: *Plano Anual de Actividades (Simulação)*

| TEMA: Navegar a ler para saber | | | | | |
|---------------------------------------|--|---|---|--|--|
| Propostas de Trabalho | | Actividades | Objectivos Gerais | Recursos | Avaliação |
| 1º Período | | | | | |
| Setembro | - <i>Apresentação da BECRE a docentes</i> | - Visita guiada aos docentes - Filme explicativo do funcionamento da BECRE | ▪ <i>Promover a sociabilização</i> | Materiais ⇒ <i>Fundo Documental Livro e não livro</i> | ♦ Plano de Acção: diagnóstico e prioridades |
| Outubro | - <i>Abertura da Biblioteca: Recepção aos Alunos</i> | - Visita guiada, com entrega do guia de utilizador e cartão de leitor | ▪ <i>Promover as várias formas de expressão</i> | ⇒ <i>Cartolinas</i> ⇒ <i>Material de desenho</i> | ♦ Questionário aos docentes no final do ano lectivo ♦ Registos de Opinião |
| | - <i>Dia Internacional das Bibliotecas</i> | - Oferta de marcadores a todos os visitantes | ▪ <i>Desenvolver a oralidade</i> | ⇒ <i>Equipamento Informático</i> ⇒ <i>Leitor Video</i> | ♦ Relatório final de avaliação |
| Novembro | - <i>Hora do Conto/Dramatização: “Lenda de São Martinho” – tradicional</i> | - A turma do 4º ano fará a dramatização para todos os alunos no Dia de São | ▪ <i>Favorecer o</i> | ⇒ <i>Televisão</i> | |

Quadro 14: Plano Anual de Actividades (Simulação)

| | | | | | |
|------------|---|---|---|--|--|
| Dezembro | - Hora do Conto | Martinho | desenvolvimento | Humanos | |
| | - Hora do Conto | - Teatro de fantoches de vara: Maria Castanha – Maria Isabel Mendonça Soares | dos hábitos e competências de leitura, da literacia da informação | | |
| 2º Período | - Atelier de artes | - Apresentação Multimédia: “Um Beijo para o pai Natal” – Elisabeth Coudol | ▪ Envolver a | ⇒ Professor Bibliotecário | |
| | Projecto “Os Nossos Escritores” | - Os sonhos do Pai Natal – decoração da BECRE | comunidade educativa e local, a fim de estimular o prazer de ler | ⇒ AAE (uma hora diária) ⇒ Docentes responsáveis por turma | |
| Janeiro | - Apresentação da obra de Luísa Ducla Soares: | - Ateliês de leitura animada - Lenga Lengas - O casamento da gata | ▪ Sensibilizar a | ⇒ Técnicos da Biblioteca Municipal/ SABE | |

Quadro 14: Plano Anual de Actividades (Simulação)

| | | | | | |
|-----------|--|--|---|--|--|
| Fevereiro | - Apresentação da obra de António Torrado: | <ul style="list-style-type: none"> - Os ovos misteriosos - Seis histórias às avessas - Poemas da mentira e da verdade | <i>comunidade educativa para a relação entre a leitura, os livros e outros documentos;</i> | | |
| Março | <i>Hora do Conto</i> <i>Dia Mundial da Água</i> | <ul style="list-style-type: none"> - Ateliês de escrita criativa - Veado Florido - Como se faz corde-laranja - O macaco de rabo cortado - História da Carochinha e do Infeliz João Ratão <p>Teatro de sombras chinesas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Menina gotinha de água – Papiniano Carlos | <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Promover o uso autónomo e livre da BECRE</i> ▪ <i>Sensibilizar os alunos para a frequência das bibliotecas.</i> | | |

Quadro 14: Plano Anual de Actividades (Simulação)

| | | | | | |
|---|---|--|--|--|--|
| <p>3º Período</p> <p>Abril</p> <p>Maio</p> | <p><i>Hora do Conto:</i> <i>Dia Mundial da Árvore e da Floresta:</i></p> <p><i>Desde Abril, Leituras a Mil:</i></p> <p>- Dia Mundial da Literatura Infantil</p> <p>Semana da Leitura/ comemoração do Dia Mundial do Livro (23 de Abril):</p> <p>Hora do Conto/Leitura:</p> | <p>- João e a Floresta de Betão</p> <p>- Ateliê de Poesia</p> <p>- Hora do Conto/ Leitura: Contos de Hans Christian Andersen</p> <p>- Exposição: as histórias da BECRE</p> <p>- Feira do Livro</p> <p>- Encontro com o escritor Pedro Reisinho</p> <p>- Histórias de Grimm</p> <p>- Fábulas de La Fontaine</p> | <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Efectivar a valorização dos recursos da BECRE</i> ▪ <i>Promover actividades junto dos alunos que incentivem a sua participação</i> ▪ <i>Tomar iniciativas que proporcionem o gosto e o prazer da leitura,</i> | | |
|---|---|--|--|--|--|

Quadro 14: Plano Anual de Actividades (Simulação)

| | | | | | |
|------------------------|---------------------------------|--|---|--|--|
| Junho | - Visita à Biblioteca Municipal | - Animação da responsabilidade da equipa da Divisão de Bibliotecas Municipais de Vila Franca de Xira | ▪ <i>Incentivar a utilização das novas tecnologias em actividades de carácter lúdico e pedagógico</i> | | |
| Ao longo do ano | Semana da Ciência | - Ateliês de Experiências | | | |
| | Empréstimo Domiciliário | | | | |
| | Acesso Livre | | | | |

CONCLUSÕES

Ao apresentarmos um estudo sobre a promoção da leitura nas Bibliotecas Escolares das escolas do 1º ciclo, no concelho de Vila Franca de Xira, procurámos dar o testemunho do trabalho desenvolvido ao longo de muitos anos por professores, técnicos e especialistas, preocupação era colocar a biblioteca no centro da escola.

A nossa experiência pessoal como professora bibliotecária durante seis anos neste Concelho, a observação feita, ao longo destes anos, nas visitas às escolas e bibliotecas que fazem parte deste estudo, a variada documentação que encontrámos e consultámos permitiram-nos verificar que há efectivamente um trabalho que mereceu ser avaliado e merece ser divulgado, fruto de vários factores, que permitiram encontrar uma receita para o sucesso: a tradição, a cooperação e partilha, o esforço conjunto de professores e técnicos bibliotecários para pôr novas e bem equipadas bibliotecas a funcionar de forma a atender crianças, que vêem o livro como um objecto mágico, que não os irá desiludir.

Nunca é demais frisar a importância dos primeiros momentos para a evolução da criança na sua aproximação aos mecanismos da leitura e para a intensidade da motivação na procura do domínio desses mesmo mecanismos e estas bibliotecas souberam ocupar o seu lugar neste sentido.

Quando apareceram as primeiras bibliotecas escolares no concelho ainda existia um grupo de crianças que só tomavam contacto com livros ao entrar para a escola (Jardim de Infância ou Escola do 1º CEB).

Por isso, da atenção a prestar ao ensino nas Escolas do 1º CEB, há que destacar o esforço dos professores, principalmente dos professores bibliotecários, em ter uma biblioteca da escola, como serviço de referência, cuja preocupação primordial é a formação de leitores e de utilizadores de bibliotecas ao longo da vida, com a conveniente utilização do material oferecido, a fim de que dela seja tirado o máximo proveito para as crianças e para o trabalho dos professores.

Das funções destas bibliotecas escolares destacam-se quatro aspectos:

- Acção junto das crianças que iniciam a vida escolar.
- Acção junto das crianças que começam a dominar o mecanismo da leitura.
- Acção de apoio aos professores.
- Actividade de reforço de aprendizagem da leitura.

Dez anos após a aplicação do programa da Rede de Bibliotecas Escolares cumpriram-se as suas directrizes, no que respeita à adopção de um papel central em

domínios como a aprendizagem da leitura, a literacia, a criação e desenvolvimento do papel de ler e a aquisição de hábitos de leitura, o aprofundamento da cultura cívica e artística.

As BECRE das escolas do 1º CEB, no concelho de Vila Franca de Xira são, efectivamente, Centros de Recursos multimédia de livre acesso, procurando o caminho para se afirmarem como centros de iniciativas inseridas na vida pedagógica da escola e de abertura à comunidade local.

No entanto, algumas limitações foram sendo encontradas: a falta de recursos humanos e o insuficiente apoio técnico aos equipamentos informáticos, ficando a ideia que a vontade de fazer mais existia, e que nem tudo pôde ser concretizado.

Um longo caminho foi percorrido, muitas experiências desenvolvidas, vários projectos conquistados. Projectos de mudança e inovação que permitiram a integração das escolas no programa RBE, em que o empenhamento das escolas, aliado ao trabalho desenvolvido em articulação com a autarquia e a comunidade educativa deu os seus frutos.

As escolas do 1º CEB no concelho de Vila Franca de Xira souberam conquistar estes espaços e portanto não podemos dizer que não há estruturas nem meios, mas não é menos verdade que muito ainda se pode fazer, pois se não continuarmos a desenvolver esforços para motivarmos as nossas crianças para a leitura e para a frequência das bibliotecas, se não os ensinarmos a ler, se não formarmos leitores e se não criarmos o gosto pela leitura, nada fará sentido.

Para tal não devemos esquecer que vivemos numa época em que ler se torna cada vez mais complexo, pois a leitura hoje é nos apresentada de várias formas, há que ensinar a ler em diversos suportes, desenvolver as várias literacias, numa perspectiva científica, tecnológica e artística.

Pensamos que o próximo passo devia ser investir no ensino destas formas de ler, mostrá-las e torná-las acessíveis aos utilizadores destas bibliotecas.

Ao fim desta investigação verificámos existir um conhecimento do que se deve dar a ler, em termos literários, mas fica por desenvolver um trabalho na promoção da leitura informativa, na leitura de jornais e revistas, nas leituras apresentadas por meios informáticos que nos inundam o dia-a-dia e têm formas próprias de ler.

Para tal será preciso existirem mais recursos humanos nas BECRE, nomeadamente a afectação de auxiliares bibliotecários com formação adequada e perfil para apoiarem professor bibliotecário, alunos e seus professores. Assim como um

orçamento adequado e assistência técnica eficaz na manutenção dos equipamentos informáticos.

Acreditamos que, se nestes 10 anos, a promoção da leitura literária foi atingida de forma eficaz, 20 anos depois da aplicação do programa da Rede de Bibliotecas Escolares estes novos objectivos terão sido alcançados, ou pelo menos, terá sido percorrido o caminho nesse sentido.

BIBLIOGRAFIA

- A.A.V.V. (2000). *No branco do sul as cores dos livros – Encontro sobre literatura para crianças e jovens (Actas 1999)*. Lisboa: Caminho
- A.A.V.V. (2001). *No branco do sul as cores dos livros – Encontro sobre literatura para crianças e jovens (Actas 2000)*. Lisboa: Caminho
- AFONSO, N. (1994). *A reforma da administração escolar. A abordagem política em análise organizacional*. Lisboa: IIE
- ALBARELLO, Luc e outros (1997), *Práticas e métodos de investigação em ciências*. Lisboa: Gradiva
- ALTET, Marguerite (2000), *Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas*. Porto: Porto Editora
- ARAÚJO, Dalila [coord.] (2001). *Área Metropolitana de Lisboa: anos de mudança*. Lisboa: Área Metropolitana de Lisboa
- AZEVEDO, José Fraga de (2006). *Literatura infantil e leitores, da teoria às práticas*. Braga: Universidade do Minho
- AZEVEDO, José Fraga de (coord.) (2007). *Formar leitores, das teorias às práticas*. Lisboa: Lidel
- BAD (1996). “Carta de direitos das bibliotecas escolares e outras unidades documentais nas escolas portuguesas”. *Cadernos BAD* 2. Nº 2, pp. 67-69
- BAMBERGER, Richard (1975). *Promoting the reading habit*. Paris: UNESCO
- BARROS, Aidil S., e LEHFELD, Neide S. (2000), *Fundamentos de metodologia científica. Um guia para a iniciação científica*. São Paulo: Makron Books
- BARROSO, C. (1991). *O centro de recursos educativos da E.P. Marquês de Alorna*. Lisboa
- BARTHES, Roland (1973). *O prazer do texto*. Lisboa: Edições 70
- BARTHES, Roland (1979). *Lição*. Lisboa: Edições 70
- BELL, Judith (1997), *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva
- BENAVENTE, Ana [coord.] (1996). *A literacia em Portugal – resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: FCG/CNE
- BENTO, Cecília Galvão C. Rodrigues (1991). *Centros de recursos educativos potencialidades e actualidade*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa (FC)
- BIVAR, Maria de Fátima (1971). *Estudos Portugueses, ensino primário e ideologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote
- BLANCHARD, Catherine (1997). *Children and young people guidelines*. London: Library Association Publishing

- BOGDAN, Robert, e BIKLEN, Sari (1994), *Investigação qualitativa em investigação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- BRYANT, Sara Cone (1965). *El arte de contar cuentos*. Barcelona: Editorial Nova Terra
- CABRAL, Maria Luísa (1996) *Bibliotecas acesso, sempre*. Lisboa: Edições Colibri
- CALIXTO, José António (1996) *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Caminho
- CANÁRIO, Rui (1990) *O estabelecimento de ensino no contexto local*. Portalegre: ESEP
- CANÁRIO, Rui e OLIVEIRA, Fernando (1992). *Centro de recursos educativos da E. P. Marquesa de Alorna: frequência e modalidades de utilização pelos professores*. Lisboa: CRE da EPMA
- CANÁRIO, Rui, [et al.] (1994) *Mediatecas escolares. Génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: IIE
- CARMO, José António direcção de. *Boletim Cultural 1987/88*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Nº 3 (Agosto de 1989)
- CARRETER, Fernando Lázaro (coord) (1988). *La cultura del libro*. Madrid: Fundación German Sanchez Ruipérez
- CARVALHO, A. D. (org.) (1993), *A construção do projecto de Escola*. Porto: Porto Editora
- CARVALHO, Raul Francisco (1972). *Boletim comemorativo do XXV aniversário da biblioteca-museu municipal Dr. Vidal Baptista*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- CASTRO, Ana Vieira de (2006). “Actual – entrevista com Teresa Calçada”. *XIS*. Ano 17, nº 6093 (2/12/2006)
- CERRILLO, Pedro C. & PADRINO, Jaime Garcia [coord] (2001). *Hábitos lectores y animación a la lectura*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla La Mancha
- CHARTIER, Anne-Marie[et al] (1996). *Ler e escrever, entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas
- CHARTIER, Roger (1985). *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot
- CHARTIER, Roger (1988). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel
- CHARTIER, Roger (1995). *Histoires de la lecture: un bilan de recherches*. Paris: IMÈC/Éditions de la Maison de L’Homme
- CHARTIER, Roger (1997). *A ordem dos Livros*. Lisboa: Vega
- CNE (1995). *O Livro e a Leitura: O Processo educativo – Actas do seminário, Janeiro de 1995*. Lisboa: CNE

- CORTESÃO, L. (1995). *E agora tu dizias que... jogos e brincadeiras como dispositivos pedagógicos*. Porto: Edições Afrontamento
- COSTA, Isabel Alves & BAGANHA, Filipa (1989). *Lutar para dar um sentido à vida*. Rio Tinto: Edições Asa
- COSTA, Jorge A. (1997). *O projecto educativo de escola e as políticas educativas locais. Discursos e práticas*. Aveiro: Universidade de Aveiro
- COSTA, José (2001). *Vila Franca de Xira – Cronologia do século XX (1900-2000)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/ Pelouro da Cultura
- DELANNOY, J.(1983). *Guia para a transformação de bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DESHAIES, Bruno (1992). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget
- DINIZ, Maria Augusta Seabra (1993). *As fadas não foram à escola*. Porto: Edições Asa
- DIONÍSIO, M^a de Lourdes Dionísio (2000). *A construção escolar de comunidades de leitores*. Coimbra: Almedina
- DOMÉCH, Cármen [et al.] (2004). *Animación a la lectura, cuantos cuentos cuentas tu?*. Madrid: Editorial Popular
- DUARTE, Jacqueline Laureano (2006). *As práticas de leitura e a biblioteca escolar: para um projecto educativo integrado*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa (FPCE)
- DUARTE, Luís Ricardo (2008). “Lugares de conhecimento”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano 27, nº 980, p.4 (23/04/2008)
- DUARTE, Luís Ricardo (2008). “Os leitores de amanhã”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano 27, nº 980, p.5 (23/04/2008)
- ECO, Umberto (1977). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Porto: Presença
- ECO, Umberto (1987). *A biblioteca*. Lisboa: Difel
- EDUARDO, Freitas (1998) *As bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*. Lisboa: Observatório das Actividades culturais.
- EQUIPO PEONZA (2001). *El rumor de la lectura*. Madrid: Anaya
- ESTRELA, Albano (1984). *Teoria e prática de observação de classes*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica
- FASICK, Adele M. (1994). *Young people and reading: international perspectives*. Haia: IFLA
- FÉLIX, Carlos Ventura Silva [direc.] (1992). *Boletim Cultural 1988/89*. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Nº 4

- FIJALKOW, Jacques (1985). *Malos lectores. Por qué?*. Madrid: Fundación German Sánchez Ruipérez
- FRAGOSO, Graça Maria (2008). “Consolidar a rede de bibliotecas”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias, Artes e Ideias*. Ano 27, nº 985, pp.1(22/7/2008)
- FRAGOSO, Graça Maria (2008). “Dessacralizar a leitura”. *Jornal de Letras*. Ano 27, nº 985, pp. 2-3(22/7/2008)
- FREITAS, Eduardo de (1998). *As bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*. Lisboa: Observatório das Pesquisas Culturais
- FROISSART, Anne (1976). *Como a criança aprende a ler*. Lisboa: Aster
- GASCUEL, J. (1987). *Um espaço para o livro: como criar, animar ou renovar uma biblioteca*. Lisboa: Dom Quixote.
- GOFFMAN, Erving (1993) (1959 a 1ª edição em inglês). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa: Relógio de Água
- GOMES, José António (1991). *Literatura para crianças e jovens – alguns percursos*. Lisboa: Caminho
- GOMES, José António (1996). *Da nascente à voz. – Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho
- GOMES, M.(2000) *O Jogo de faz de conta. Da voz dos "autores" à voz dos "actores"* U. T .A.D. Vila Real
- GOMES, Soeiro Pereira (1991). *Esteiros*. Mem Martins: Publicações Europa-América
- GONÇALVES, Maria José Vitorino (1998). *E para a escola não vai nada? Comunicação apresentada no 6º congresso nacional de bibliotecários arquivistas e documentalistas*. Aveiro
- GONÇALVES, Maria José Vitorino (2007). *Bibliotecas Escolares/Centro de Recursos Educativos: emergência e formação de professores (as) bibliotecários (as) – Análise de narrativas na 1ª pessoa*. Tese de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação
- GRÁCIO, Rui (1995). *Obra completa de Rui Grácio, Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- GUERRERO, José Garcia (2002). *Actividades de dinamización desde la biblioteca escolar*. Málaga: Ediciones Aljibe
- GUISADO, A.C [et al.] (1999) *Materiales curriculares para favorecer o acesso a la lectura en educación infantil*. Barcelona: Editorial Praxis, S.A.
- HANNESDÓTTIR, Sigrún Klara (1995). *Bibliotecários escolares: Linhas de orientação para os requisitos da competência*. Haia: IFLA
- HUNTER, Ian (1988). *Culture and government: The emergence of literacy education*. Houdmills: The Macmillan Press

- IASL [International Association of School Librarian Ship (2004). *Iasl reports, 2004*. Pennsylvania: Iasl
- JAUUS, Hans Robert (1993). *A literatura como provocação*. Lisboa: Vega
- JOLIBERT, Josette (1982). *Formar crianças leitoras*. Rio Tinto: Asa
- JORNADAS DE DESENVOLVIMENTO DO CONCELHO (1987). *Secção 2 – Ensino, cultura e desporto*. 1987: Município de Vila Franca de Xira
- KUHLTHAU, Carol (2002). *Como usar a biblioteca na escola*. Belo Horizonte (MG): Autêntica
- LABROT, Michel (1995). *Para que serve a escola?*. Lisboa: Terramar
- LAGES, Mário F. [et al.] (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação
- LEITE, Carlinda & M^a de Lurdes Rodrigues (2000). *Contar um conto, acrescentar um ponto*. Lisboa: IIE
- LESSARD-HÉBERT, M. [et al.] (1994), *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget
- LETRIA, José Jorge (2001). *Fazer leitores e escritores*. Alpiarça: Garrido Editores
- LOPES da SILVA, M^a Isabel (1996), *Práticas educativas e construção de saberes. Metodologias de investigação-acção*. Porto: Porto Editora
- LOPES, João Teixeira & ANTUNES, Lina (1998/1999). *Sobre a leitura, bibliotecas e hábitos de leitura: instituições e agentes/relatório síntese*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPLB, Observatório das Actividades Culturais.
- LOPES, João Teixeira & ANTUNES, Lina (1999). *Sobre a leitura, balanço de quatro pesquisas*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPLB, Observatório das Actividades Culturais.
- LOPES, João Teixeira & ANTUNES, Lina (2001). *Sobre a leitura, novos hábitos de leitura: análise comparativa de estudos de caso*. Lisboa: Ministério da Cultura, IPLB, Observatório das Actividades Culturais.
- LOPES, João Teixeira [org.] (2007). *Práticas e dinamização da leitura*. Porto: Sete pés
- LOURENÇO, António Dias (1995). *Vila Franca de Xira, um concelho no país*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
- MACEDO, Berta (1995), *A construção do projecto educativo de escola*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- MAGALHÃES, Ana Maria & ALÇADA, Isabel (1988) *Ler ou não ler, eis a questão*. Lisboa: Caminho
- MAGALHÃES, Ana Maria & ALÇADA, Isabel (1993). *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Lisboa: Caminho

MARQUES, Ramiro (s/d). *Ensinar a ler, aprender a ler – Um guia para pais e educadores*. Lisboa: Texto Editores

MARTINS, Maria João (2008). “Bibliotecas com projecto”. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Ano 27, nº 89, p.5

MESQUITA, Armindo [coord.] (2002). *Pedagogias do imaginário – Olhares sobre a literatura infantil*. Porto: Edições Asa

MESQUITA, Idalina [org.] (1999). *Encontro neo-realismo – Reflexões sobre um movimento, perspectivas para um museu*. Vila Franca de Xira: Museu do Neo-Realismo/Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/ Pelouro da Cultura

MORAIS, José (1997). *A arte de ler: Psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edição Cosmos

MOURA, Maria José [et al.] (1986). *Leitura pública. Rede de bibliotecas municipais: relatório*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura

Município de Vila Franca de Xira (1998). *O Concelho em que vivemos*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

NEVES, José Soares [et al.] (2008). *Práticas de promoção da leitura nos países da OCDE*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

NÓVOA, António & SCHRIEWER, Jurgén (2000). *A difusão mundial da escola: alunos, professores, curriculares, pedagogia*. Lisboa: Educa

NUNES, Graça Soares [coord.] (2007). *Conhecer o património de Vila Franca de Xira. Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

NUNES, M^a Rosalina direcção de (1999). *Inventário municipal – Equipamentos, serviços e produtos – 1998*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística (INE)

OLAECHEA, Juan B. (1986). *El libro en el ecosistema de la comunicación cultural*. Madrid: Fundación German Sanchez Ruipérez

OTERO, Luis León & BRIS, Mario Martín (1998). *Cómo organizar una biblioteca escolar*. Madrid: Editorial Escuela Española

PENNAC, Daniel (1993). *Como um romance*. Porto: Edições Asa

PEREIRA, Ana Isabel [et al.] (2003). *Roteiro de pesquisa para trabalhos de ciências da educação*. Lisboa: Publicações ESE João de Deus

PÉREZ-RIOJA, José António (1986). *Biblioteca del libro, panorâmica histórica y actualidad de la lectura*. Madrid: Fundación German Sanchez Ruipérez

PESSOA, Ana Maria (1994) *A biblioteca escolar*. Porto: Campo das Letras.

PINTO, Carla Damásio Seixas (2006). *Avaliação do projecto educativo “Biblioteca Encantada” – um estudo de caso*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa (FPCE)

- QUIVY, Raymond, e CAMPENHOUDT, L. (1992), *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva
- REDOL, Alves [org.] (1950). *Cancioneiro do Ribatejo*. Vila Franca de Xira: Centro Bibliográfico
- RIBEIRO, João (1997). “Vila Franca de Xira”. *Vilas e Cidades*. Ano 1: nº 4, pp. 20-25
- RIBEIRO, Graça Barbosa (2009). “São precisos professores que gostem de ler”. *Público*. Ano 20, nº , pp. 10-11
- RODARI, Gianni (1993). *Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias*, Lisboa: Caminho
- SALVADO, M^a Adelaide Neto (1985). *Os Avieiros nos finais da década de cinquenta*. Castelo Branco: Gráfica de São José
- SILVA, Augusto Santos, e PINTO, José Madureira [Orgs.] (1986) *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento
- SANTOS, Elvira Moreira dos (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2007). *A leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação
- SEQUEIRA, Maria de Fátima (2000). *Formar leitores, o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- SÉRGIO, António (s/d). *Sobre educação primária e infantil*. Lisboa: Inquérito
- SERRA, Elizabeth D’Angelo [org.] (2002). *Ler é preciso – Seminário realizado no I salão do livro para crianças e jovens da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil*. São Paulo: Global Editora
- SILVA, I., [et al.] (1994). *O novo ordenamento jurídico de direcção, administração e gestão: projecto educativo de escola (estudo de três contextos)*. Lisboa: IIE (poli copiado)
- SILVA, Lino Moreira (2002). *Bibliotecas escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Universidade do Minho
- SOARES, M^a Almira (2003). *Como motivar para a leitura*. Lisboa: Editorial Presença
- SOARES, M^a Micaela (1989). *Varinos*. Separata do Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa, III Série. Nº 90, 1984/1988
- SOBRINO, Javier Carlos [org.] (2000). *A criança e o livro*. Porto: Porto Editora
- SPINK, John (1990). *Niños lectores: un studio*. Madrid: Fundación German Sanchez Ruipérez/ Ediciones Pirâmide
- STEINER, George (1995). *As lições dos mestres*. Lisboa: Gradiva

TARRACHA, Jorge Câncio (1997) *Antologia histórica sobre o movimento associativo de Vila Franca de Xira*. Alhandra: Gráfica Alhandrense.

TEBEROSKY, Ana [et al.] (2001). *Compreensão da leitura, a língua como procedimento*. Porto Alegre: Editorial Graó

TEIXEIRA, Vera (s/d). *Criação e dinamização de pequenas bibliotecas – Algumas linhas de orientação*. Lisboa: IPLB

TORRADO, António (1988). *Da escola sem sentido à escola dos sentidos*. Porto: Civilização

TRULLOS, Ana Gasol & ARÁNEGA, Mercé (2000). *Descubrir el placer de la lectura – lectura e motivación lectora*. Barcelona: edebé

TUCKMAN, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TUCMAN, Bruce W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Porto: Porto Editora

UNESCO (1980). *Promoting Reading for children and young people*. Paris: UNESCO

VEIGA, Isabel [coord.] (1997). *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação

VILLAS-BOAS Maria Adelina, (2001) *Avaliação do desenvolvimento da literacia*. Lisboa: Publicações ESE João de Deus

WOODS, Peter (1999), *Investigar a arte de ensinar*. Porto: Porto Editora

ÍNDICE DE ANEXOS**ANEXO 1**

| | |
|--|-----|
| Ficha de Caracterização de Escola e Grelhas de Análise de Conteúdo | 156 |
|--|-----|

ANEXO 2

| | |
|---|-----|
| Mapa de Livros e Actividades Realizadas | 162 |
|---|-----|

ANEXO 3

| | |
|--|-----|
| Mapa de Actividades de Promoção da Leitura/ Formação de Leituras | 181 |
|--|-----|

ANEXO 4

| | |
|-----------------------------|-----|
| Mapa de Encontros nas BECRE | 185 |
|-----------------------------|-----|

ANEXO 5

| | |
|--|-----|
| Processode autorização para consulta de documentação(mensagens electrónicas) | 188 |
|--|-----|

ANEXO 1

Ficha de Caracterização de Escola e Grelhas de Análise de Conteúdo

Ficha de caracterização da Escola/ Meio

1. Identificação da Escola

| |
|--------------------------------|
| a) Designação _____ |
| b) Ensino _____ |
| c) Agrupamento _____ |
| d) Localidade _____ |
| e) Freguesia _____ |
| f) Freguesias limítrofes _____ |
| _____ |
| _____ |
| _____ |

2. Alunos

| | | | | |
|------------------------|-------------------|--------------|--------------|--------------|
| a) N° de Alunos | | | | |
| 1996/1997: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 1997/1998: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 1998/1999: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 1999/2000: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2000/2001: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2001/2002: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2002/2003: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2003/2004: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2004/2005: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |
| 2005/2006: | Pré-escolar _____ | 1º ano _____ | 2º ano _____ | 3º ano _____ |
| Total de Turmas: _____ | | | | |

3. Biblioteca escolar

| |
|---|
| a) Data da 1ª candidatura à rede: _____ |
| b) Data da última candidatura à rede: _____ |
| c) Quantas tentativas de candidatura: _____ |
| d) Data de Integração: _____ |
| e) Data de Inauguração : _____ |

4. A escola e o seu espaço envolvente

| | |
|----|--|
| a. | Zona ou Bairro onde se insere _____ |
| b. | Zonas ou Bairro de Confinação _____ |
| c. | Zonas de inserção e áreas de influência da escola |
| | _____ |
| | _____ |
| d. | Situação da escola dentro da freguesia, agrupamento, zona, bairro ou áreas _____ |
| e. | Principais áreas de residência dos alunos |
| | _____ |
| | _____ |
| | _____ |

4. Caracterização do meio em que a escola se insere (bairros, zonas e áreas de inserção)

| | | | |
|-------------------------|--------------------------|------------|--------------------------|
| Zona predominantemente: | | Zona Mista | |
| A. Industrial | <input type="checkbox"/> | A. | <input type="checkbox"/> |
| B. Comercial | <input type="checkbox"/> | B. | <input type="checkbox"/> |
| C. Agrícola | <input type="checkbox"/> | C. | <input type="checkbox"/> |
| D. Residencial | <input type="checkbox"/> | D. | <input type="checkbox"/> |
| Outros Tipos: | | | |
| _____ | | | |
| _____ | | | |
| _____ | | | |

Ficha de Registo de Dados

Folha ____

Documento observado: _____ Ano Lectivo: ____/____

| Livros utilizados em actividades de promoção da leitura | | | | |
|---|--------|-------|------------------|-------------|
| Livros | Título | Autor | Idade dos Alunos | Observações |
| Ficção (087.5) | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| Não Ficção (de acordo com a tabela CDU) | | | | |
| 030 – Livros de Referência | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 1 – Filosofia. Psicologia | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 2 – Religião | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 3 – Ciências Sociais | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 5 – Ciências Naturais | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 6 – Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologias | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 7 – Arte. Espectáculos. Desportos | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| 9. Geografia. História. Biografias. Monografias | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

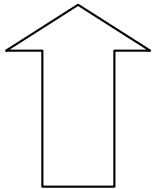
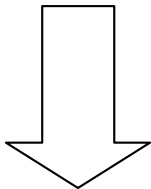
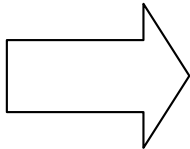
Documento observado: _____ Ano Lectivo: _____ / _____

| Actividades realizadas no âmbito da promoção da leitura | | | | | | | | | | | | | |
|---|--|------------------------|--|-----------|--|--|--|----------------------|--|------------------|-----|-----|------|
| Local | | | | Descrição | | | | Materiais utilizados | | Idade dos Alunos | | | |
| | | | | | | | | | | 3-6 | 6-8 | 8-9 | 9-11 |
| Dentro do Espaço Escolar | | Fora do Espaço Escolar | | | | | | | | | | | |
| Biblioteca | | Escola | | | | | | | | | | | |
| Sala de Aula | | Biblioteca Municipal | | | | | | | | | | | |
| Cantina | | Museu | | | | | | | | | | | |
| Recreio | | Instituição | | | | | | | | | | | |
| Outro | | Outro | | | | | | | | | | | |
| Dentro do Espaço Escolar | | Fora do Espaço Escolar | | | | | | | | | | | |
| Biblioteca | | Escola | | | | | | | | | | | |
| Sala de Aula | | Biblioteca Municipal | | | | | | | | | | | |
| Cantina | | Museu | | | | | | | | | | | |
| Recreio | | Instituição | | | | | | | | | | | |
| Outro | | Outro | | | | | | | | | | | |
| Dentro do Espaço Escolar | | Fora do Espaço Escolar | | | | | | | | | | | |
| Biblioteca | | Escola | | | | | | | | | | | |
| Sala de Aula | | Biblioteca Municipal | | | | | | | | | | | |
| Cantina | | Museu | | | | | | | | | | | |
| Recreio | | Instituição | | | | | | | | | | | |
| Outro | | Outro | | | | | | | | | | | |

Ficha de Registo de Dados

Documento observado: _____

Ano Lectivo: ____/____

| Avaliação das Actividades e Funcionamento da BECRE | |
|--|--|
| <p>Pontos Fortes</p>  | |
| <p>Pontos Fracos</p>  | |
| <p>Intervenção Prioritária</p>  | |

ANEXO 2

Mapa de Livros e Actividades Realizadas - 2001/2007

| Livros/ histórias/ contos | Autores | Nº X indicado | | Ano | Actividade | Idade |
|---------------------------------|-------------|---------------|---|-------------|--|--------------|
| Conto “Se eu fosse uma fada...” | | 1 | 1 | - 2003/2004 | ⇒ Conto com auxílio a diapositivos, realização de BD, exposição dos trabalhos realizados | 3-11 |
| Alice no País das Maravilhas | | 1 | 1 | - 2004/2005 | ⇒ Projecto “O imaginário colectivo” | 3-11 |
| Arvorina salva a floresta | | 3 | 3 | - 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto/ Leitura, comemoração do Dia Mundial da Floresta | 3-11 |
| Mil Beijinhos | | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ | 3-11 |
| História de uma semente | | 1 | 2 | - 2005/2006 | ⇒ Conto com auxílio de projecção de acetatos | 3-11 |
| Castelo de Alverca | | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Conto com sombras chinesas, pesquisa sobre a história da localidade, oferta de livro “Pedra e Cal” | 6-11 |
| A cor invisível | | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| A viagem de Vasco da Gama | | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Apresentação da história com auxílio a Cd-rom, exploração do tema na sala de aula | 9-11 |
| Histórias do Tejo | | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Conto com sombras chinesas pela equipa do núcleo museológico de VFX | 6-11 |
| Romeu e Julieta | (Adaptação) | 2 | 2 | 2004/2005 | ⇒ Hora do conto com recurso a projecção de acetatos, comparação com a história de Pedro e Inês | 6-11 3-11 |

| | | | | | | |
|------------------------------------|---------------------|---|---|----------------------------|--|--------------|
| | | | | | ⇒ Leitura dramatizada e comparação com história de Pedro e Inês | |
| Dois corvos | Aldous Huxley | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto com recurso a teatro de sombras chinesas | 6-11 |
| Viagem ao alto de um ramo | Alexandre Honrado | 1 | 2 | - 2005/2006 | ⇒ Conto com sombras chinesas | 6-11 |
| Vários | | 1 | | - 2001/2002 | ⇒ Hora do conto e preparação para encontro com autor | 6-11 |
| O Nabo gigante | Alexis Tolstoi | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Leitura da história com dramatização feita em simultâneo pelos alunos, sensibilização para a importância da alimentação | 6-11 |
| O rato do campo e o rato da cidade | Alice Vieira | 1 | 1 | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 3-11 |
| O Limpa Palavras e Outros Poemas | Álvaro Magalhães | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura dos poemas em várias sessões, seguidas de debate sobre o 2º sentido das palavras, os nossos tesouros, o que faríamos se tivéssemos poderes. ⇒ Oficina de artes com elaboração de cartazes | 8-9 |
| Vários | Ana Maria Magalhães | 2 | 4 | - 2001/2002 - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto e preparação para encontro com autor ⇒ Leitura e exploração de vários livros/ preparação de encontro com a autora | 6-11 3-11 |
| Os primos e a bruxa | Ana Maria | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da | 6-11 |

| | | | | | | |
|--------------------------------------|--------------------------|---|----|--|---|--------------|
| Cartuxa | Magalhães/ Isabel Alçada | | | | Leitura | |
| Uma aventura na serra da Estrela | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Na BECRE, atribuição de um guião condutor para a escrita de histórias circulares ⇒ Na sala, leitura e exploração do livro | 9-11 |
| As renas do Pai Natal | Ana Saldanha | 2 | 2 | - 2005/2006 - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto com recurso a teatro de sombras | 6-11 |
| A árvore que queria conhecer o mundo | Ana Teresa Silva | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Conto, seguido de oficina de artes com origami das personagens colocadas num planisfério ⇒ Sessão com um elemento do corpo dos Bombeiros | 6-11 |
| O Sonho de Mariana | António Mota | 2 | 3 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura ⇒ Conto em duas sessões, seguidas de conversa, numa 3ª sessão oficina de artes, com elaboração de cartazes | 6-11 8-9 |
| Abada de histórias | | 1 | | 2004/2005 | ⇒ Concurso literário | 9-11 |
| Veado Florido | António Torrado | 8 | 14 | -2002/2003 - 2004/2005 - 2005/2006 -2005/2006 | ⇒ Conto com sombras chinesas, comemoração do Dia da Liberdade ⇒ Atelier de escrita: - jogo dos sentidos: qual o cheiro e o som dos livros quando se fechem os olhos? - fazer um caligrama - escrever o final da história e comparar com | 3-11 9-11 |

| | | | | | | |
|--|--|---|--|-------------|---|-------------------------|
| | | | | - 2006/2007 | o original | |
| | | | | | ⇒ Hora do conto para Pais e Filhos | 3-11 |
| | | | | | ⇒ Animação da Leitura/ Comemoração do dia da liberdade | |
| Como se faz cor-de-laranja | | 1 | | - 2005/2006 | ⇒ | 6-11 |
| A última castanha (<i>in</i> www.historiadodia.pt) | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Audição e visionamento da história em suporte informático ⇒ Festa do magusto | 6-11 |
| O macaco de rabo cortado | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto pelos alunos do 4º ano para pais e filhos | |
| História da Carochinha e do Infeliz João Ratão | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 9-11 |
| Vários | | 2 | | 2006/2007 | ⇒ Pesquisa sobre o autor ⇒ Concurso: à procura das ilustrações nos livros de António Torrado ⇒ Oficina de Escrita: em grupo com 3 ilustrações dos livros do autor escrever uma história ⇒ Jogo: com uma caixa cheia de cartas com ilustrações dos livros do autor inventar | 9-11 6-9 |

| | | | | | histórias em roda | |
|------------------------------------|---------------------|---|---|------------------------|--|--------------|
| Está um hipopótamo na minha cama | Beatrice Masini | 1 | 3 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| A princesa baixinha | | 2 | | - 2006/2007 | ⇒ Na BECRE, desenho dos progenitores, comparação de parecenças, leitura do livro ⇒ Na sala, estudo das características de cada um, elaboração de cartazes, debate sobre a Diferença | 6-8 |
| Anjos | Carla Antunes | 2 | 2 | 2006/2007 | ⇒ Leitura e construção de móbil com imagens retiradas do livro ⇒ Preparação de encontro com a escritora | 3-7 |
| Um amigo mesmo a sério | Christhiane Renault | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| A verdadeira história do Pai Natal | Colette Seigue | 1 | 1 | - 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto/ Leitura, conversa sobre o Natal | 3-11 |
| Elmer | David Mckee | 1 | 1 | -2001/2002 | ⇒ Conto, finalizado com a canção Quinta da Amizade | 6-11 |
| Um beijo para o Pai Natal | Elisabeth Coudol | 4 | 4 | 2004/2005 2005/2006 | ⇒ Hora do conto, sob o tema Natal ⇒ Hora do conto, com recurso a apresentação multimédia em suporte informático. ⇒ Decoração de árvore de Natal com a representação das mãos dos alunos em | 6-11 3-11 |

| | | | | | | |
|------------------------------|-------------------------|---|---|-------------|--|---------------------|
| | | | | | papel, com mensagem alusiva ao Natal (atelier de expressão plástica) | |
| Os ovos de Páscoa do Bolinha | Eric Hill | 1 | 1 | 2001/2002 | ⇒ Hora do conto, seguida de Oficina de Escrita com a criação de uma história sobre a Páscoa e dobragem em papel de um coelho para a construção de um postal | 6-11 |
| Dicionário do Pai Natal | Gregoire Solotareff | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Elaboração de dicionário à semelhança do original | 6-11 |
| O espantalho enamorado | Guido Visconti | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Atelier de escrita: em grupo a partir das ilustrações do livro, criação de histórias e comparação com o texto original ⇒ Hora do conto, seguida de ilustração pelos alunos ⇒ Construção de espantalhos | 9-11 6-8 6-11 |
| A Sereiazinha | Hans Christian Andersen | 1 | 3 | - 2004/2005 | ⇒ Animação da leitura, comemoração do nascimento do autor e do Dia Internacional do Livro Infantil | 6-11 |
| Soldadinho de Chumbo | | 1 | | 2004/2005 | ⇒ Leitura | 3-11 |
| Polegarzinha | | 1 | | 2004/2005 | ⇒ Leitura | 3-11 |
| A lebre e a tartaruga | Helen Ward | 1 | 1 | - 2004/2005 | ⇒ Leitura pelo docente de turma na sala de aula ⇒ Na BECRE pesquisa das personagens num ponto de vista zoológico e ambiental, oficina de artes com a construção de fantoches em materiais reaproveitáveis, | 6-8 |

| | | | | | | |
|-------------------------|-------------------|---|---|------------------------|--|-------------|
| | | | | | apresentação, multimédia de carácter informativo | |
| Lendas do Mar | José Jorge Letria | 2 | 8 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura ⇒ Apresentação multimédia informativa sobre o sal, experiências com sal ⇒ Na sala, leitura de uma das histórias do livro e exploração | 6-11 8-9 |
| O livro das Boas Noites | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Conto de partes da história em várias sessões, debates acerca da família, os amigos e a escola, os animais de estimação e os brinquedos, os meninos de outros países | 6-8 |
| Cão voador | | 2 | | 2002/2003 2004/2005 | ⇒ Hora do conto, seguida de audição de música clássica de Mozart e Choupin, dobragem de um cão em papel | 7-8 6-11 |
| O sono e o sonho | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 8-11 |
| Versos de fazer ó-ó | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 3-11 |
| A ambição das luas | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 3-11 |
| O rei lambão | José Vaz | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Peça de teatro, comemoração do Dia Mundial da Alimentação, elaboração de cartazes de sensibilização à importância de uma boa alimentação | 6-11 |
| OH! | Josse Goffin | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| Um amigo | Leif Kristiansson | 2 | 2 | 2006/2007 | ⇒ Leitura com recurso a projecção das | 3-11 |

| | | | | | | |
|---------------------------|-----------------------|---|----|---|--|--------------|
| | | | | | imagens | |
| O elefante e a pulga | Leonel Neves | 4 | 4 | - 2002/2003 - 2004/2005 - 2005/2006 | ⇒ Conto com projecção de diapositivos, oficina de escrita “Caça às palavras piratas”, com a criação de histórias com as palavras “piratas” | 3-11 |
| Lenga Lengas | Luísa Soares Ducla | 4 | 16 | - 2002/2003 - 2004/2005 | ⇒ “A velha e a bicharada”, leitura dramatizada ⇒ “O castelo de Chuchurumel”: Leitura com auxílio a fantoches de vara, dobragens das figuras apresentadas | 3-11 |
| O casamento da gata | | 2 | | 2003/2004 - 2005/2006 | ⇒ Hora do Conto ⇒ Leitura animada | 6-11 |
| Vários livros | | 3 | | - 2005/2006 - 2006/2007 | ⇒ Exploração para preparação de encontro com a autora: dramatização, declamação/ canto de poemas, oficina de escrita ⇒ Hora do conto, leitura animada, jogos de leitura, oficina de escrita para preparação de encontro com a escritora | 6-11 7-9 |
| Os ovos misteriosos | | 2 | | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura ⇒ Leitura no âmbito da Páscoa ⇒ Explicação da simbologia e tradições da época | 6-11 3-11 |
| Seis histórias às avessas | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Leitura de partes em várias sessões, | 9-11 |

| | | | | | | |
|---------------------------------|--------------------------------------|---|---|-------------|---|------|
| | | | | | jogos de adivinhas e enigmas, escrita de finais possíveis | |
| Pai, querido pai! | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| Mãe, querida mãe! Como é a tua? | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| Poemas da mentira e da verdade | | 1 | | 2004/2005 | ⇒ Leitura dramatizada de vários poemas na actividade de recepção à BECRE | 3-11 |
| O rapaz de que vivia na TV | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto apresentada à Comunidade Educativa | |
| | | | | 2006/2007 | ⇒ | |
| Pimpona, a Galinha Tonta | M ^a Carolina Pereira Rosa | 1 | 3 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto, seguida de exploração/ preparação de encontro com a escritora ⇒ Atelier de Expressão Plástica: ilustração através de círculos de papel com a autora | 6-11 |
| João Brincalhão | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto, seguida de exploração/ preparação de encontro com a escritora ⇒ Atelier de Expressão Plástica: ilustração através de círculos de papel com a autora | 6-11 |
| Senhor Reizinho | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto, seguida de exploração/ preparação de encontro com a escritora | 6-11 |

| | | | | | | |
|------------------------------------|--------------------------|---|---|----------------------------|---|--------------|
| | | | | | ⇒ Atelier de Expressão Plástica: ilustração através de círculos de papel com a autora | |
| A menina que detestava livros | Manjusha Dawagi | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| O Tesouro | Manuel António Pina | 3 | 5 | - 2005/2006 - 2006/2007 | ⇒ Conto, comemoração do Dia da Liberdade ⇒ Hora do conto com recurso a apresentação multimédia (suporte informático) – comemoração do 25 de Abril | 3-11 6-11 |
| O cavaleiro de pau do menino Jesus | Manuel António Pina | 2 | | - 2004/2005 - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da “Semana do Natal” ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 3-11 6-11 |
| O rei batoteiro | Margarida Castel-Branco | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| O pirilampo sem luz | Margarida Fonseca Santos | 1 | 3 | - 2005/2006 | ⇒ Hora do conto “A castanhinha viajante”, seguido de oficina de escrita, com a realização de uma história com a palavra CASTANHA ilustrada e leitura expressiva ⇒ Hora do conto “A castanhinha viajante”, seguido de oficina de artes, com impressão de uma folha de Outono pintada em papel | 8-11 6-8 |
| Uma prenda muito especial | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto e construção de uma prenda baseada na história. | 6-11 |

| | | | | | | |
|-------------------------------|------------------------------|---|---|------------------------|---|------|
| | | | | | ⇒ Visita da Escritora | |
| Chamo-me frik e já tenho dono | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Oficina de Leitura com recurso a projecção de acetatos ⇒ Lançamento de concurso de desenho “Desenha o Frik”, o desenho seleccionado foi impresso em T-shirt oferecida à escritora Margarida Fonseca Santos | 6-11 |
| Vários | Maria Alberta Meneres | 1 | 3 | - 2003/2004 | ⇒ Exploração de vários livros | 3-11 |
| Aventuras da Engrácia | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| Fábulas de La Fontaine | | 1 | | - 2004/2005 | ⇒ Exploração do livro, pesquisa sobre a autora e o livro, trabalho de grupo com exploração das fábulas, posteriormente apresentadas por alunos para alunos | 3-11 |
| Debaixo da folha seca | Maria Isabel Mendonça Soares | 5 | 9 | 2004/2005 2005/2006 | ⇒ Leitura Animada com recurso a fantoches de vara, sob o tema do Outono | 3-11 |
| Maria castanha | | 4 | | 2003/2004 2006/2007 | ⇒ Dramatização feita pelos professores (equipa da BECRE) ⇒ Conto com recurso a fantoches de vara | 3-11 |
| O Palhaço verde | Matilde Rosa Araújo | 1 | 1 | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 7-8 |
| O sapo apaixonado | Max Velthuijs | 2 | 5 | -2001/2002 | ⇒ Conto, finalizado com a canção Cinderela de Carlos Paião | 6-11 |

| | | | | | | |
|---------------------|----------------------|---|---|--|---|----------------------|
| | | | | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | |
| O sapo e o estranho | | 3 | | 2003/2004 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto ⇒ Leitura | 3-11 |
| O Gato e o escuro | Mia Couto | 3 | 3 | -2001/2002 - 2002/2003 - 2004/2005 | ⇒ Hora do conto/ leitura | 3-11 8-11 3-11 |
| O segredo do rio | Miguel Sousa Tavares | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 |
| Romeu e Julieta | Nicola Cinquetti | 1 | 1 | - 2004/2005 | ⇒ Conto através das imagens do livro, treino de leitura dramatizada, pesquisa sobre Shakespeare, paralelismo com a história de Pedro e Inês | 9-11 |

| | | | | | | |
|--------------------------|-----------------|---|---|---|---|--|
| A menina gotinha de água | Painiano Carlos | 6 | 6 | - 2002/2003 - 2005/2006 - 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto ⇒ Conto através de sombras chinesas, divulgação de <i>site</i> sobre a água, exploração do tema na sala de aula junto do professor ⇒ Leitura com recurso a acetatos, colaboração com projecto de turma “Aprendendo com o azul da Terra” ⇒ Conto com sombras chinesas, finalizando com canção de roda ⇒ Conto com auxílio a apresentação multimédia, finalizando com jogo sobre a Poupança da Água (<i>site</i> Amigodaágua) ⇒ Conto com sobras chinesas, finalizando com a canção “Azul, azul, azul” e dança coreografada | 3-6 6-11 3-11 6-8 8-11 3-11 |
| Um lobo culto | Pascal Biet | 2 | 2 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| É tão injusto | Pat Thomson | 2 | 2 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| Um bocadinho de Inverno | Paul Stewart | 1 | 1 | - 2005/2006 | ⇒ Leitura animada, seguida de ordenação das imagens da história ⇒ Oficina de escrita com pistas retiradas do livro, escrita das mesmas em suporte informático ⇒ Apresentação das histórias | 6-8 8-11 |

| | | | | | | |
|----------------------------|--------------|---|---|--------------------------|--|------------------|
| | | | | | inventadas com auxílio de projecção de acetatos | |
| João e a Floresta de Betão | Pedro Reinho | 5 | 8 | - 2005/2006 | ⇒ Fantoches de Vara e mercado de plantas (aquisição de fundo documental) ⇒ Preparação da visita do escritor: exploração dos seus livros e pesquisa sobre o autor | 3-11 6-12 |
| | | | | - 2006/2007 | ⇒ Encontro com o escritor, venda de livros e autógrafos | |
| O meu livro | | 3 | | - 2005/2006 | ⇒ Explicação do livro ⇒ Encontro com o escritor, venda de livros e autógrafo | 3-11 |
| O rio em Perigo | Pierre Coran | 3 | 4 | 2005/2006 - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto/ Teatro de Fantoches ⇒ Conversa sobre a reciclagem e o meio ambiente ⇒ Jogo da reciclagem com as personagens da história ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 6-11 3-11 |
| A tartaruga Guga | | 1 | | 2005/2006 | ⇒ Leitura Dramatizada | 3-5 |
| Raminho de Espiga | Popular | 1 | 1 | - 2003/2004 | ⇒ Conto, explicação da simbologia do ramo e da tradição da Espiga, jogo lúdico | 6-11 |
| O enorme crocodilo | Roald Dahl | 1 | 3 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de | 6-11 |

| | | | | | | |
|----------------------------------|----------------------------------|---|----|---|--|------------------|
| | | | | | recreio as crianças escolhem ir à BECRE | |
| Os tontos | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| O fantástico senhor raposo | | 1 | | - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 6-11 |
| Bichos, bichinhos e Bicharocos | Sidónio Muralha | 1 | 1 | 2004/2005 | ⇒ Semana do Outono: leitura de histórias e poemas | |
| O gato dos bigodes | Soledade Martinho da Costa | 1 | 1 | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 3-6 |
| A floresta | Sophia de Mello Breyner Andresen | 1 | 3 | 2001/2002 | ⇒ Hora do Conto | 3-6 |
| A menina do mar | | 2 | | 2002/2003 - 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto ⇒ Leitura no âmbito da Semana da Leitura | 9-11 6-11 |
| O menino que não gostava de ler | Susana Tamaro | 1 | 1 | 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto e escrita de textos para a concretização de livro | 3-11 |
| Histórias para meninos não quero | Vanda Gonçalves | 1 | 1 | - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto ⇒ Hora do Conto Livre: em tempo de recreio as crianças escolhem ir à BECRE | 3-11 6-11 |
| Conto sobre “Reis Magos” | Tradicional | 4 | 37 | - 2003/2004 - 2004/2005 - 2005/2006 | ⇒ Conto com auxílio a acetatos, explicação da simbologia e constituição do Bolo-Rei ⇒ Conto com sombras chinesas, difusão de informações sobre os reis magos e a receita do bolo-rei, canção adaptada à | 3-11 6-11 |

| | | | | | | |
|--------------------------------|-------------|---|--|--|---|--------------------------|
| | | | | | música Cuco na Floresta ⇒ Realização de uma coroa de reis | |
| Lenda de São Valentim | Tradicional | 3 | | - 2003/2004 | ⇒ Dramatização ⇒ Ordenar figuras de uma história e inventar uma história de amor ⇒ Escrita de uma carta de amor | 3-11 6-11 8-11 |
| | | | | - 2004/2005 | ⇒ Projecção de Imagens, paralelismo entre D. Pedro e D. Inês com a história de Romeu e Julieta | 9-11 |
| Lenda de São Martinho | Tradicional | 7 | | - 2001/2002 - 2003/2004 - 2005/2006 - 2006/2007 | ⇒ Hora do conto (Leitura) ⇒ Exposição de Trabalhos e Canções ⇒ Dramatização feita pelos alunos no festejo do magusto ⇒ Pesquisa sobre a lenda e recolha de provérbios para exposição | 3-11 |
| A história dos três porquinhos | Tradicional | 3 | | - 2004/2005 | ⇒ Hora do conto com livro gigante, seguido de jogo gigante da glória sob o tema “Histórias Tradicionais” ⇒ Conto da história na abertura da BECRE, oferta de marcador | 6-11 |
| A velha e a cabaça | Tradicional | 1 | | 2004/2005 | ⇒ Hora do conto/ comemoração do Dia do Idoso | 3-11 |

| | | | | | | |
|---------------------------------------|-----------------------|---|---|------------------------|--|-------------|
| O coelhinho branco e a formiga rabiga | Tradicional | 1 | | 2006/2007 | ⇒ Tetaro de sombras chinesas | 3-11 |
| A história da carochinha | Tradicional | 3 | | 2004/2005 2005/2006 | ⇒ Dramatização | 3-11 3-5 |
| A casinha de chocolate | Tradicional | 2 | | 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto seguido de atelier de expressão plástica: construção de uma casa feita com pacotes de leite de chocolate | 3-11 |
| Lenda do Crocodilo | Tradicional timorense | 4 | | 2005/2006 2006/2007 | ⇒ Hora do conto, com recurso a projecção de acetatos ⇒ Jogo de mímica com palavras em tetum ⇒ Pedido de donativos (livros) para a BECRE de uma escola de Timor | 3-11 |
| A raposa e a cegonha | La Fontaine | 1 | 4 | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 7-8 |
| O lobo e o cão | | 1 | | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 7-8 |
| A lebre e a tartatruga | | 2 | | 2002/2003 2006/2007 | ⇒ Hora do Conto | 3-6 |
| Os músicos de Bremen | Grimm | 1 | 3 | 2002/2003 | ⇒ Hora do Conto | 6-8 |
| O lobo e os sete cabritinhos | | 2 | | 2004/2005 | ⇒ Hora do Conto/ dramatização feita pelos alunos | 3-11 |
| Capuchinho Vermelho | Perrault | 2 | 2 | 2002/2003 2004/2005 | ⇒ Leitura | 5-7 3-11 |

LEGENDA:

| | |
|--|--|
| | Autores portugueses referenciados >10 |
| | Autores portugueses referenciados >4 <10 |
| | Autores estrangeiros mais referenciados |
| | Conto Clássico/tradicional mais referenciado |

Livro mais referenciado: O Veadó Florido, António Torrado

Livro de autor português mais referenciado: O Veadó Florido, António Torrado

Livro de autor estrangeiro mais referenciado: Um beijo para o Pai Natal, Elisabeth Coudol

Autor português mais referenciado: Luísa Ducla Soares

Autor estrangeiro mais referenciado: Max Velthuijs

ANEXO 3

Mapa de Actividades de Promoção da Leitura/ Formação de Leitores-2001/2007

Mapa de Actividades de Promoção da Leitura/ Formação de Leitores
2001-2007

| Actividades | Nº X indicado | |
|---|---------------|----|
| Hora do conto (animação de leitura com fantoches de vara, sombras chinesas, leitura dramatizada, diapositivos, apresentação multimédia, música) | ***** | 31 |
| Empréstimo Domiciliário | ***** | 27 |
| Feira do livro | ***** | 25 |
| Encontro com escritores | ***** | 24 |
| Visita/ Apresentação da BECRE (entrega de cartão de leitor e guia de utilizador) | ***** | 22 |
| Comemoração do dia internacional da BECRE | ***** | 16 |
| Exposições | ***** | 13 |
| Acesso Livre | ***** | 13 |
| Actividades dinamizadas por entidades locais (associações, colectividades, técnicos de biblioteca e museus) | ***** | 14 |
| Trabalho de pesquisa (livro e internet) | ***** | 11 |
| Realização/participação de jornal escolar | ***** | 10 |
| Difusão de Informação/ marketing/ aquisição de livros por doação | ***** | 11 |
| Uso das tic | ***** | 9 |
| Concursos (desenho, produção de texto, leitura) | ***** | 8 |
| Encontro com várias entidades (jornalista, bombeiro, atleta paralímpico, professores, ilustradores, cartonistas, actores) | ***** | 7 |
| Recepção de visita/ apresentação da BECRE a entidades exteriores (professores, autarquias, futuros alunos, alunos de outras escolas) | ***** | 5 |
| Empréstimo Inter Escolar | ***** | 5 |

| | | |
|--|-------|----|
| Debates sobre leitura, livros, escritores | *** | 3 |
| Livro da Semana (defesa de leitura pelo aluno à turma) | * | 1 |
| Encontro com pais | * | 1 |
| Semanas temáticas | | |
| Leitura | ***** | 7 |
| Poesia | ***** | 5 |
| Livro | *** | 3 |
| Alimentação | ** | 2 |
| Música | * | 1 |
| Ambiente | * | 1 |
| Matemática | * | 1 |
| Ateliês | | |
| Ateliês de escrita | ***** | 21 |
| Ateliês de artes | ***** | 17 |
| Ateliês de leitura | ***** | 10 |
| Visitas | | |
| Visitas a outras Bibliotecas (horas do conto, visitas guiadas, encontros com escritores) | ***** | 20 |
| Visitas de cariz cultural (teatro, exposições, feiras do livro, livrarias, editoras) | ***** | 5 |
| Comemoração de efemérides | | |
| São Martinho | ***** | 14 |
| Natal | ***** | 13 |
| São Valentim | ***** | 6 |
| Reis Magos/ Janeiras | ***** | 5 |

| | | |
|-----------------|-------|---|
| Carnaval | ***** | 5 |
| Floresta | **** | 4 |
| Páscoa | **** | 4 |
| Livro | **** | 4 |
| Paz | **** | 4 |
| Alimentação | *** | 3 |
| Liberdade | *** | 3 |
| Música | ** | 2 |
| Poesia | ** | 2 |
| Autor Português | ** | 2 |
| Água | ** | 2 |
| Halloween | ** | 2 |
| Dia da Espiga | * | 1 |
| Outono | * | 1 |
| Idoso | * | 1 |

ANEXO 4

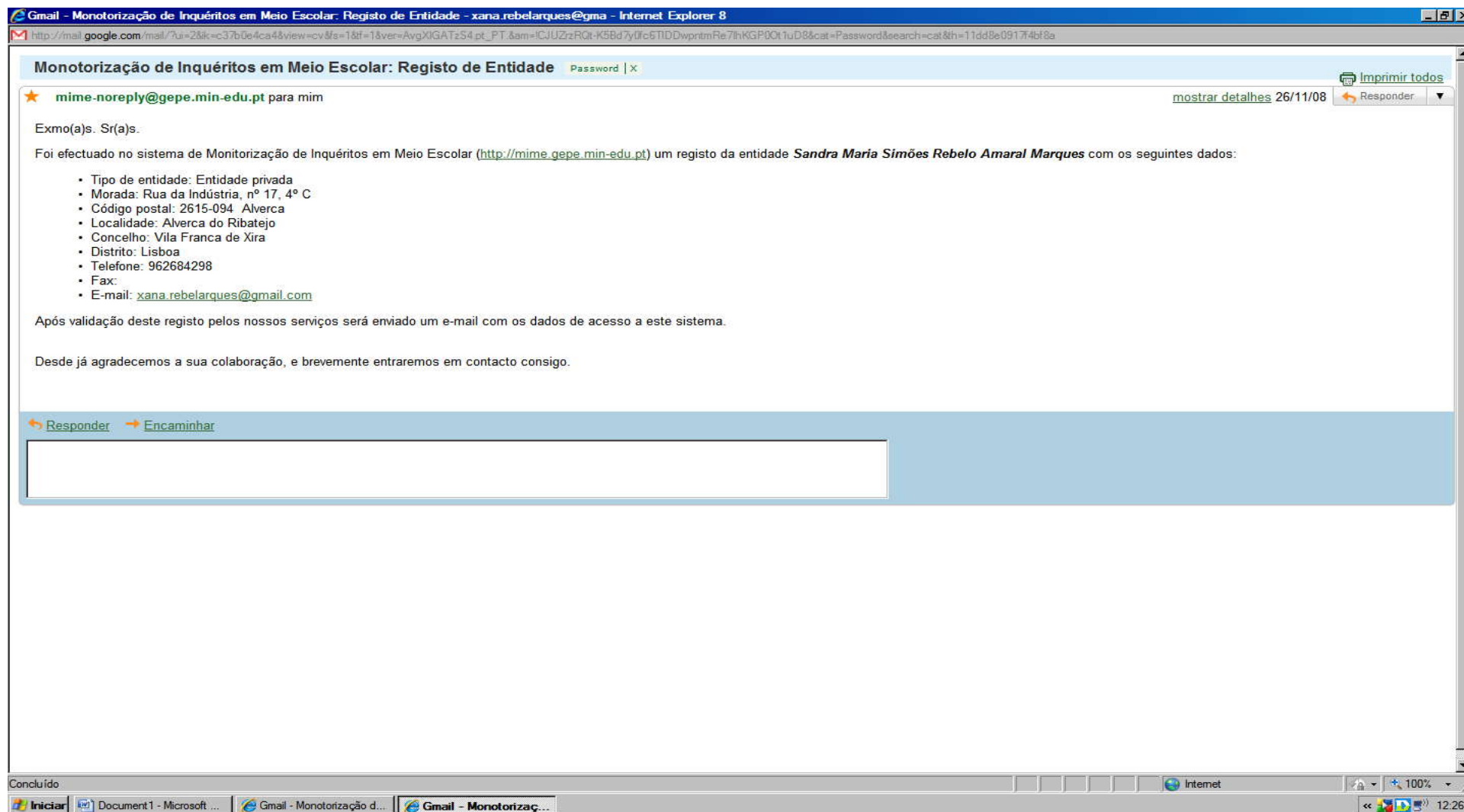
Mapa de Encontros nas BECRE – 2001/2007

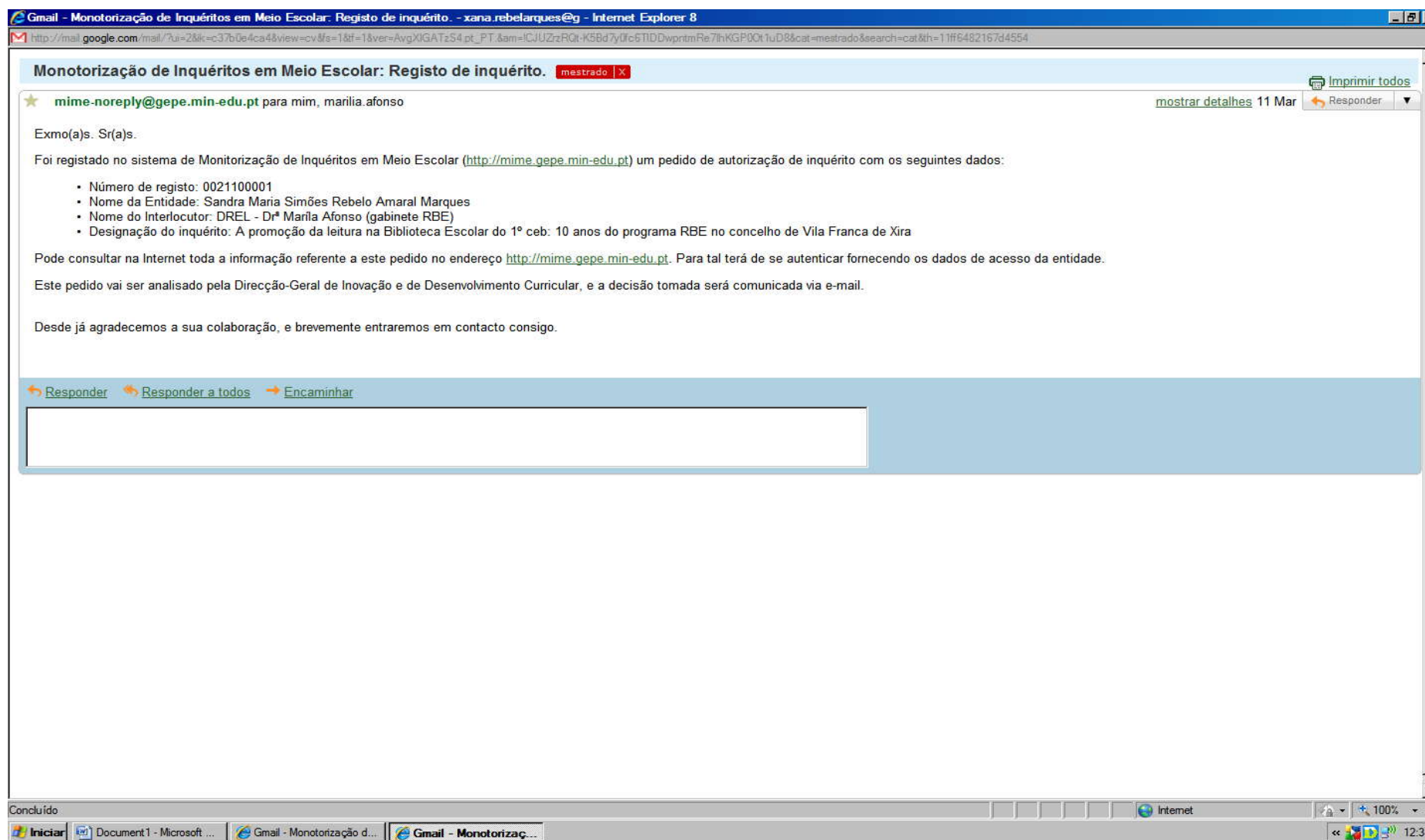
| Mapa de Encontros na BECRE 2001/2007 | | | |
|---|----------------------------------|---------------|----|
| Convidado | | Nº X indicado | |
| Escritores | Pedro Reinho | ***** | 9 |
| | Ana Maria Magalhães | ***** | 5 |
| | Luísa Ducla Soares | *** | 3 |
| | Carla Antunes | ** | 2 |
| | Anabela Ferreira | * | 1 |
| | Alexandre Honrado | * | 1 |
| | Margarida Fonseca Santos | * | 1 |
| | Maria Carolina Pereira Rosa | * | 1 |
| | Maria João Cantinho | * | 1 |
| | Maria Isabel Mendonça Soares | * | 1 |
| | Maria do Céu Ferro | * | 1 |
| | José Ruy (autor de BD) | * | 1 |
| | Total de Visitas | | 26 |
| Pais/ Familiares | | * | 1 |
| Entidades Locais | Professores Reformados | ** | 2 |
| | Alunos de outras escolas | ** | 2 |
| | Presidente Junta de Freguesia | * | 1 |
| | Professores de outras escolas | * | 1 |
| | Presidente do Conselho Executivo | * | 1 |
| | Total de Visitas | | 7 |

| | | | |
|----------------|---|-----|---|
| Colectividades | Equipa Núcleo Museológico | *** | 3 |
| | Equipa Animação da Biblioteca Municipal | ** | 2 |
| | Grupo Marionetista Associação Harpa | * | 1 |
| | Total de Visitas | | 6 |
| Outros | Jornalista Jorge Talixa | ** | 2 |
| | Atleta Paralímpico Carlos Lopes | ** | 2 |
| | Cartonista António Martins | * | 1 |
| | Bombeiro | * | 1 |
| | Total de Visitas | | 6 |

ANEXO 5

Processo de autorização para consulta de documentação (mensagens electrónicas)





Gmail - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0021100001 - xana.rebelarques - Internet Explorer 8

http://mail.google.com/mail/?ui=2&ik=c37b0e4ca4&view=cv&fs=1&tf=1&ver=AvgXIGATzS4.pt_PT.&am=ICJUZrRQzK5Bd7y0fc6TDDwiprntmRe7lhKGP00t1uD8&cat=Password&search=cat&th=12066a4668f9d3fb

Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0021100001 Password | X

★ mime-noreply@gepe.min-edu.pt para mim, marilia.afonso [mostrar detalhes](#) 2 Abr [Responder](#)

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0021100001, com a designação *A promoção da leitura na Biblioteca Escolar do 1º ceb: 10 anos do programa RBE no concelho de Vila Franca de Xira*, registado em 11-03-2009, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exma. Senhora Dra. Marília Afonso

Venho por este meio informar que o pedido de aplicação do inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal.

Com os melhores cumprimentos

Joana Brocardo

Directora-Geral

DGIDC

Observações:

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

[Responder](#) [Responder a todos](#) [Encaminhar](#)

★ [Sandra Marques](#) para marilia.afonso [mostrar detalhes](#) 2 Abr [Responder](#)

Boa tarde,

Dra Marília

Reencaminho a autorização para a consulta de documentação,

aguardo o seu parecer,

Sandra Marques

- Mostrar citação -

...

O pensar nasce do sonho... deixem os meninos sonhar.

Concluído

Internet 100%

12:29